

Anexo ao Processo nº
295/96-C.m.

ALESSANDRA REGINA SANCHES

SEPARAÇÃO CONJUGAL: DEPOIMENTOS DE CRIANÇAS
E ADULTOS EM RELAÇÃO A RUPTURA FAMILIAR

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
MARILIA - 2000



Alessandra Regina Sanches

***Separação Conjugal : depoimentos de crianças e adultos
em relação a ruptura familiar***

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós Graduação em
Educação, na Universidade Estadual
Paulista - UNESP - Câmpus de Marília,
para obtenção do Título de Mestre em
Educação - Área de Concentração:
"Ensino na Educação Brasileira",
sob orientação do
prof. Dr. Mauro Cherobim



1410001123



Marília
2000

Nosso Maior Presente

Cada um de nós, no momento da concepção, ganha um presente, que é a nossa própria vida.

Podemos pensar que ganhamos esse presente

dos nossos pais,

de Deus,

das enzimas que permitem a fecundação do óvulo.

Quisermos, a vida poderia ser um presente vivo.

E nossa vida é algo vivo...

Uma das consequências de se ganhar um presente vivo é ter que cuidar desse presente.

Assim fazemos se ganharmos um presente vivo.

Para meus pais, Edna e Luis

Temos que cuidar dessa vida que nos foi dada.

A maneira com que cuidamos desse presente vivo tem muita relação com as pessoas que nos deram o presente, da nossa disposição para cuidar e do presente em si mesmo.

Sua vida é um presente vivo.

É como um presente vivo, cabe a você cuidar dela.

Compreender que essa dívida é algo em permanente evolução e, portanto, algo para ser criado a cada momento.

Sim, nós somos algo para ser criado a cada momento.

É um presente completo, mas continuará sempre se criando.

(Roberto Shinyashiki)

Nosso Maior Presente

Cada um de nós, no momento da concepção, ganha um presente, que é a nossa própria vida.

Podemos pensar que ganhamos esse presente...

dos nossos pais,

de Deus,

das enzimas que permitem a fecundação do óvulo.

Obviamente, a vida somente poderia ser um presente vivo.

E nossa vida é algo vivo.

Uma das conseqüências de se ganhar um presente vivo é ter que cuidar desse presente.

Assim fazemos se ganhamos um bichinho ou uma planta...

Temos que cuidar deles para que continuem vivos.

A maneira com que cuidamos desse presente vivo tem muita relação com as pessoas que nos deram o presente, da nossa disposição para cuidar e do presente em si mesmo.

Sua vida é um presente vivo.

E como um presente vivo, cabe a você cuidar dele...

Compreender que essa dádiva é algo em permanente evolução e, portanto, algo para ser criado a cada momento.

Sim, nós somos algo para ser recriado a cada momento.

É um presente completo, mas continuará sempre se completando.

(Roberto Shinyashiki)

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade verificar o sentido pessoal dado a separação conjugal, por crianças e adultos que vivenciaram uma ruptura em suas unidades familiares. A separação é tida como um tema polêmico, dentro de um contexto de representações de dor e sofrimento. Diante da ruptura familiar, vários conceitos e valores são questionados e reorganizados, dando um novo sentido à dinâmica familiar.

Tendo em vista somente as conseqüências desta ruptura, as representações originárias dela e suas influências para o desenvolvimento humano, podem ser relegadas a segundo plano. A participação da criança no processo de separação dos pais, parece algo incomum na realidade prática de muitas famílias que se desfazem.

A presente pesquisa visa, portanto, avaliar qual a concepção infantil dada a separação conjugal e de que maneira ela é constituída. Como verificar também, a concepção de adultos, separados, dada ao seu próprio processo de separação.

Os resultados encontrados revelam o grau de correspondência entre a forma como os pais lidam com sua separação e a maneira como a criança reage diante dela. Assim como, a importância da criança estar ciente das transformações que estão ocorrendo com sua família, bem como as mudanças de papéis a que estão submetidos, de maneira a garantir seu equilíbrio emocional e afetivo.

Summary

The presente survey has the purpose of verify the personnel sense given to a conjugal separation, by children and adults that lived a breakage in their familiar unity. The separation is a polemic theme, inside a context of representation of pain and suffering. In front of a familiar breakage, a lot of concepts and values are questioned and reorganized, given a new sense to the familiar dynamic.

Having in sight only the consequences of this influences for the human development, they can relegate in a second plain. The participation of the children in the process of separation of the parents, seems like an uncommon thing in the real practice of a lot of families who breakage.

The present survey aim, thus, evaluate what's the infantile conception given to a conjugal separation, and in wich way it is constituted. How verify also, the conception of separated adults in their own separate process.

The results found come out with the degree of correspondence between the way the parents struggle with their separation and the way the children react in front of it. As well as the importance of the children to be aware of the transformations that are happening in their families, and also the changes of papers that they are submitted, in a way to guarantee their emotional and affective balance.

Agradecimentos:

À Deus, em primeiro lugar, porque através da fé, do amor e do seu poder infinito, podemos viver e aprender com as maravilhas do mundo.

Aos meus pais, Edna e Luis, que além do incentivo e da possibilidade de estudar sempre, também proporcionam um lar cheio de amor e união, são os meus maiores símbolos de amor e sucesso.

Ao meu noivo, Emerson, pela compreensão nos momentos de absorção pelo trabalho e pela doce paciência no exercício de ouvir, colaborar, incentivando minhas (nossas) conquistas.

À todos meus familiares, pelo estímulo e pela compreensão nos momentos de ausência, valeu a torcida !

Ao meu orientador, Prof. Dr. Mauro Cherobim, pela paciência e competência em guiar nossas discussões, descortinando um novo horizonte de idéias.

À professora Dra. Carmem Maria Neme Bueno, pelo carinho e pela segurança de que as incertezas estimulam sempre novos caminhos.

À Cleonilde Bredariol, amiga de todas as horas, companheira na realização desse sonho.

À todas as crianças entrevistadas, que com sua ingenuidade e espontaneidade, deixaram mais belo o significado do amor.

À todos os pais participantes deste trabalho, que através de suas experiências, ajudaram na compreensão do visível invisível.

À todos meus amigos (não citarei seus nomes, pois foram tantos que corro o risco de omitir alguns deles), pelo incentivo e pela confiança em meu trabalho.

(Guilherme de Almeida)

ÍNDICE

“ Reprise “

I - Introdução

pág. 01

II - Oportunos

pág. 08

III - Capítulos

A lágrima da face
foi o silêncio
que escondeu uma frase
no meu lenço.

pág. 09

pág. 18

pág. 24

IV - Identidade e Questão de Gênero

pág. 32

V - Resultados

pág. 43

VI - Descrição dos Resultados

pág. 75

VII - Considerações

pág. 81

VIII - Anexos

pág. 93

IX - Referências Bibliográficas

pág. 109

A mão do adeus, primeiro,
foi carinho;
depois, rasgou ao meio
meu destino.

Os passos da distância
foram ecos
de uma longa lembrança
de olhos cegos.

O regresso do tempo
de nós mesmos
é vida. E nem me lembro
que vivemos.

(Guilherme de Almeida)

ÍNDICE

I - Introdução	pág. 01
II - Objetivos	pág. 08
III - Capítulos	
1 - A História da Família	pág. 09
2 - A Família e o Divórcio	pág. 18
3 - Identidade e Questão de Gênero	pág. 24
IV - Metodologia	pág. 39
V - Resultados	pág. 46
VI - Discussão dos Resultados	pág. 75
VII - Considerações Finais	pág. 91
VIII - Anexos	pág. 93
IX - Referências Bibliográficas	pág. 196

I- INTRODUÇÃO

A separação conjugal tem sido um tema muito presente nos dias atuais. Os últimos dados do SEADE apontam para um acelerado e crescente número de casamentos encerrados. Muitos casais desfazem suas uniões, apesar de serem acompanhados pelas crises de longa data. As crises conjugais não resolvidas levam o casal a procurarem novas formas de conviverem, e muitas vezes, à separação. Num ou noutro caso, desestruturando a família.

Nota-se que muitas pessoas tem procurado em suas uniões, respostas para suas carências afetivas, profundamente arraigadas em suas histórias individuais. Muitos buscam encontrar um amor ideal, um "príncipe encantado", iludidos por um romantismo e utopia exagerados. Isso não significa que a pessoa não deve tentar a felicidade ao lado de um par. Mas o que deve ficar claro, é o fato de que esse parceiro é um ser humano, portanto, com defeitos e qualidades e não uma pessoa ideal, perfeita e com a chave para a felicidade. O relacionamento entre duas pessoas deve ser uma construção contínua, com trocas e compreensão entre os pares.

VIEIRA (1987), destaca que o casamento é , entre outros, um dos caminhos para o autodesenvolvimento, apresentando dificuldades e obstáculos. A pressão social faz com que esse processo tenha que se dar em duplas, levando muitas pessoas a se sentirem desvalorizadas, quando estão sós.

O final feliz das estórias infantis, onde “amaram-se e foram felizes para sempre”, pouco nos ensina sobre esse caminho, muito menos considera as dificuldades e limitações que se encontra ao optar por essa direção.

Todo ser humano vive uma forte contradição, entre o desejo de dependência e de auto-individuação, de tornar-se um ser singular diante do social. O que ocorre na maioria dos casamentos, é a realização patológica desses dois desejos. A dependência não é vivida como algo saudável, com o enriquecimento do casal num objetivo comum. A dependência parece ser vivenciada como uma necessidade existencial, onde um salva o outro do vazio interior em que se encontra.

Há realidades emocionais paralelas a vida do casal, a realidade e mundo emocional experienciado na infância pelo homem e pela mulher.

No conto infantil, basta um beijo do príncipe para que, assim como a princesa, todo reino desperte feliz. Na vida real, há necessidade de que as pessoas troquem experiências, vivenciem alegrias e tristezas, assumindo-se como pessoas ímpares, mas que, unidas, busquem realizarem-se afetivamente.

As crises entre os casais favorecem um crescimento não só ao nível da relação, como pessoal. Os casais, geralmente, reclamam da falta de entendimento, do tédio e da rotina que se instala na relação, e que muitas vezes, é tido como algo intrínseco ao casamento. Segundo CUSCHNIR (1994), não há receita para evitar a rotina e o tédio, uma vez que jovens recém-casados reclamam desses, enquanto há casais de velhinhos que vivem satisfeitos um com o outro. O que parece ser fundamental é o respeito e a alimentação da

individualidade, da realização dos valores e necessidades de cada um. Na relação conjugal, devem expor suas fragilidades e necessidades, buscando realizarem-se como pessoa, para poderem respeitar e aceitar o outro, mantendo um vínculo de igualdade, equilibrando a relação.

É considerado de grande importância para o casal, definir o foco de conflito entre eles. Às vezes, as crises são passageiras e positivas. Num relacionamento tido como "vivo", onde há trocas entre os parceiros, o conflito pode fazer com que eles percebam o que está insatisfatório na relação, obrigando-os a encontrarem uma nova forma de convivência. Geralmente, as relações consideradas "mortas", são aquelas em que não há mais cumplicidade nem comunicação entre as pessoas. Nesse caso, a saída, passa a ser a separação, muitas vezes, para que sozinhos possam reconstruir suas vidas, revendo suas necessidades.

A estrutura familiar tem passado por grandes transformações históricas, afetando os relacionamentos afetivos entre seus membros. A família nuclear, característica da atual sociedade, tem propiciado um distanciamento emocional entre as pessoas, favorecendo a individualidade. As trocas entre os membros familiares estão se tornando raras, fragilizando os papéis de cada indivíduo dentro da estrutura familiar.

Muitos acontecimentos políticos, históricos e econômicos têm contribuído para essas modificações. A revolução dos anos 70, onde a mulher adquiriu uma maior liberdade em relação a sua sexualidade, fez com que ela passasse a exigir maior espaço em outras esferas da vida familiar. O fato de ter ido trabalhar fora para auxiliar na manutenção da casa, não a excluiu das preocupações em relação

aos filhos e às tarefas domésticas. Embora muitos homens tenham aceitado dividir essas tarefas com a esposa, a grande maioria ainda coloca-se no papel de principal provedor da família, onde basta apenas responder pela manutenção financeira da casa.

As mulheres têm lutado por poder e direitos iguais em relação aos homens, mas comumente, acabam abrindo mão do seu diferencial feminino, podendo assumir uma masculinidade, tida como fator primordial nessas relações. De acordo com estudos realizados por CUSCHNIR (1994), a mulher pode resgatar os valores de potência que são próprios de todo ser humano, diferentemente nos gêneros masculino e feminino. Nunca houve garantias de que o mundo masculino pudesse trazer mais felicidade. As buscas masculinas podem servir para que o homem encontre as respostas de que precisa, mas não atenderão necessariamente os desejos femininos. Tanto a mulher quanto o homem envolvem-se em constantes buscas de conhecimento sobre si mesmo e sobre a relação, mas devem observar o fato de que são seres humanos, com igualdades e diferenças em ser homem e mulher.

A célula familiar está em constante evolução, homens e mulheres têm refletido acerca de seus papéis, adequando-os às necessidades dos novos valores e novas formas de relacionamento. A estrutura familiar está sempre em movimento, seus membros interagem e reproduzem seus papéis.

É na família, primeiro grupo social a qual pertence, que o indivíduo vai desenvolver uma identidade própria, nas relações entre iguais e diferentes. Para CIAMPA (1991), diferença e igualdade são primeira noção de identidade do

indivíduo. Na dinâmica familiar, o indivíduo vai assemelhar e diferenciar-se de acordo com seus modelos, inicialmente nas relações com os pais.

Na estrutura familiar, a pessoa vai estabelecendo relações simétricas e assimétricas, conforme os grupos sociais aos quais vai fazendo parte: homem-mulher, pai-filho, brasileiro-estrangeiro, criança-adulto, etc.

Os filhos usam os pais como modelos, reproduzindo suas atitudes e valores, de acordo com sua história individual, buscando uma identidade e o sentido de pertencimento ao grupo. A criança necessita dos dois referenciais, masculino e feminino, para poder desenvolver sua identidade e sua relação com o mundo. A menina vai aprender, com sua mãe, como ser mulher e como se relacionar com os homens. Assim como o menino vai basear na sua relação com o pai, seus relacionamentos com as mulheres e consigo mesmo, enquanto homem.

Mas, quando ocorre a separação conjugal, há uma quebra na polaridade masculino-feminino, fundamental para a constituição do gênero. A separação acaba questionando os referenciais afetivos da criança, prejudicando o processo de identificação com seus papéis sexuais. Dentro desse contexto, dessa reorganização familiar, estão os filhos que, muitas vezes, não conseguem compreender o que está ocorrendo com sua família, sentindo -se desprotegidos e inseguros.

A experiência clínica tem mostrado que essas crianças, na maioria das vezes, chegam para terapia apresentando sintomas diversos : mau comportamento, dificuldades de aprendizagem, insônia, medos, instabilidades

emocionais, que apontam uma grande carência afetiva. Podendo representar uma necessidade de atrair os olhares para si mesma, desfocando a atenção dos pais, na esperança de diminuir ou evitar a crise, a ruptura.

Observa-se que os pais, geralmente, não sabem como lidar com os sentimentos e emoções advindos do fim do relacionamento. Perdidos em incertezas e frustrações, poucos tem disponibilidade para compartilhar e acalmar seus filhos, ouvindo-os nesse momento doloroso. As crianças, sem nenhuma informação sobre o que está acontecendo, abandonadas a própria sorte, podem encontrar uma maior facilidade para criar falsas crenças em relação ao rompimento dos pais, e até mesmo estar elegendo culpados ou vítimas.

O interesse por esse tema surgiu da observação clínica, do fato das crianças apresentarem um temor exagerado em perder um dos pais, assim como seu amor, com o fim do casamento.

O presente relatório de pesquisa tem por objetivo principal verificar as concepções dadas pelas crianças, filhos de pais separados, á ruptura conjugal. Podendo, dessa forma, fornecer importantes dados referentes a essa problemática. O sentido pessoal dado por cada entrevistado vem somar a um contexto de sofrimentos e incertezas. A separação conjugal é tida como um tema controvertido, por trazer representações de dor e tristeza, presentes nos relatos infantis. Embora para os adultos, tenha sido apontada como saída para os conflitos decorrentes da desestruturação familiar.

As crianças, em sua inocência e ingenuidade, destacam um fator de grande importância para a vida, embora os adultos, por trás de seus mecanismos de defesa, compliquem a necessidade básica de amar e sentir-se amado.



II - OBJETIVOS :

1 - Verificar o sentido pessoal dados pelas crianças à separação conjugal de seus pais

Capítulos

2 - Verificar o sentido pessoal dado por adultos à sua própria separação conjugal e averiguar suas percepções em relação a como seus filhos lidaram com o rompimento familiar



III

Capítulos

Capítulo 1 - A HISTÓRIA DA FAMÍLIA

O tema família sempre tem estado em destaque. Por um lado como base da formação do indivíduo e garantia de uma vida saudável e equilibrada. Outras vezes, como instituição complexa e ultrapassada, geradora de várias “neuroses”.

Segundo PRADO (1989), pode-se encontrar a história da palavra família, diferentemente da história da estrutura familiar, pois esta é um processo constante e mutável. O tema FAMÍLIA origina-se do latim FAMULUS, que significa um conjunto de servos dependentes de um chefe ou senhor. Entre os chamados dependentes inclui-se a esposa e os filhos. Assim, a família greco-romana compunha-se de um patriarca e seus dependentes: esposa, filhos, servos livres e escravos.

Recorrendo ao dicionário, é possível encontrar a seguinte definição: s.f. (do lat. família) 1. Grupo de pessoas ligadas entre si por laços de casamento ou de parentesco. - 2. Pai, mãe e filhos. - 3. Grupo de parentes mais ou menos próximos. - 4. Conjunto de ancestrais ou os descendentes de um indivíduo; linhagem. - 5. Conjunto de religiosos pertencentes à mesma ordem ou mesmo mosteiro. - 6. Associação de pessoas que possuem a mesma origem e os mesmos interesses (GARCIA, 1979).

Em verdade, a família tem passado por diversas modificações, mas sua importância não pode ser negada, enquanto base para relações sociais e vida emocional de seus membros. Para REIS (1991) é na família, mediadora entre indivíduo e sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos

nele. A formadora de nossa primeira identidade social. É o primeiro “nós” a quem aprendemos a nos referir, tornando-se fundamental refletir sobre ela. A família como grupo, como berço de novas descobertas, funciona não só como agente de socialização, como também é o lócus da estruturação psíquica.

Em seus estudos sobre família, PRADO (1989) destaca que é na família onde a criança vai receber orientações e estímulos para ocupar um determinado lugar na sociedade adulta, em função do seu sexo, sua raça, suas crenças religiosas, seu status econômico e social.

A família deve ser considerada como um processo em constante transformação, sujeito aos valores culturais e econômicos de cada realidade. Segundo o tipo de sociedade e a época vivida ou estudada, a composição dessa unidade social pode ser diversificada, assim como seu modelo ideal. Cada família também modifica sua composição durante sua trajetória vital, diversos tipos de famílias podem coexistir numa mesma época e local. Temos famílias naturais, que em virtude de diversos fatores, as crianças são criadas por tios, avós, primos. Assim como nos Estados Unidos, encontramos os membros da seita Mórmon que admitem a poligamia, o que é inadmissível para os outros grupos religiosos. As atuais discussões em torno da criação de filhos por casais homossexuais refletem a ambigüidade social relativa a estrutura familiar. Portanto, a família não é um simples fenômeno natural, é uma instituição social que se transforma historicamente, apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar.

Existem diversos grupos familiares, onde a estrutura parece depender da organização cultural de cada sociedade. Esse processo histórico não é um movimento linear e único. Dessa forma, não se pretende com esse trabalho, uma análise dentro dessa diversidade de relações. Um recorte histórico em torno do surgimento da família monogâmica, parece ser essencial para situarmos o modelo de família sobre o qual estamos estudando. A família monogâmica, do ponto de vista econômico, parece estar diretamente relacionada ao modelo de família presente em nossa sociedade atual (capitalista).

“Para Engels, a família monogâmica surgiu e foi determinada pelo aparecimento da propriedade privada. Da forma da família grupal na sociedade primitiva, a organização familiar veio passando por vários estágios, caracterizados por restrições ao intercursos sexuais. E culminou com o casamento monogâmico, composto por um casal e caráter permanente de duração. Tendo como uma das principais finalidades a garantia de transmissão da herança a filhos legítimos do homem - responsável pela acumulação material - o que só seria possível com a garantia de que a mulher exerceria sua sexualidade no âmbito exclusivo do casamento. Daí a importância da virgindade e da fidelidade conjugal da mulher “.
(Reis, 1991: 101)

O contexto histórico deve ser considerado, como já foi dito anteriormente, pois torna-se impossível compreender o grupo familiar sem considerar sua evolução histórica, política e econômica. Assim, será analisado basicamente

quatro modelos de família : aristocrática e camponesa (séc. XVI e XVII), a proletária e a burguesa (séc. XIX) até a família contemporânea (séc. XX). Mas sem desconsiderar outras formas de vida familiar, nem tentar impor um padrão ou modelo ideal de família.

A família aristocrática tinha sua riqueza assentada nos favores do monarca e no controle da terra. Sua moradia era o castelo, que abrigava além da família, parentes, dependentes, criados e clientes. A linhagem era determinante nas relações de parentesco e sua preservação era fundamental. As relações entre os membros da casa eram rigidamente hierarquizadas e estabelecidas pela tradição, o trabalho masculino restringia-se a guerras e a mulher era responsável pela organização da vida social do castelo. A criação dos filhos não era atribuição das mães, os bebês eram amamentados por amas de leite e entregues aos cuidados de criados. A habitação aristocrática não favorecia nenhuma forma de privacidade, não era dado nenhum valor aos cuidados maternos ou relações íntimas entre pais e filhos. A identificação das crianças não privilegiava as figuras parentais, mas valorizava a linhagem da família. Estabeleciam seu primeiro vínculo com a ama de leite, sendo educados pelos habitantes do castelo e por outros moradores. O aprendizado era dirigido a obediência à hierarquia social, desenvolvendo um agudo senso de normas, mas não um superego severo. A sexualidade era reconhecida por adultos e crianças, sendo até estimuladas as brincadeiras sexuais das crianças.

A família camponesa caracterizava-se por uma alta taxa de natalidade e acentuada mortalidade infantil. Apesar da pequena família nuclear ser a unidade

mais comum, não era esse o grupo social mais significativo para seus membros. A aldeia regulava a vida quotidiana através dos costumes e da tradição (rituais). A família não é o espaço privilegiado e os laços emocionais ultrapassam a ela. As crianças dependiam principalmente da comunidade, da aldeia e não dos pais; desde pequenos participavam de toda rotina da aldeia. Na infância aprendiam a obedecer normas sociais, muitas vezes, às custas de punições físicas; sua estrutura psíquica era orientada para a vergonha e não para a culpa. À mãe competia a criação dos filhos, integrada às relações comunitárias, era auxiliada por parentes e mulheres da aldeia. As crianças não ocupavam o centro da vida conjugal. A necessidade da presença da mulher no trabalho no campo fazia com que os filhos não tivessem a mesma atenção que será dirigida a eles na família burguesa. O ato de amamentar era feito sem envolvimento emocional; as crianças desde cedo eram familiarizadas com os atos sexuais. Em função dessa dependência da aldeia e dos vínculos que assim surgiam, os pais da criança não eram objetos de identificação, estando estes dispersos pela aldeia. A família camponesa tendo toda sua vida voltada para fora de si, desconhecia e não valorizava a domesticidade e a privacidade.

A família proletária é vista em três fases: num primeiro momento, em sua constituição, onde todos os membros da família trabalhavam em longas jornadas, as crianças iam para a fábrica antes dos 10 anos de idade. A vida era caracterizada por formas comunitárias de dependência e apoio mútuo. Os filhos eram criados de maneira informal, convivendo com adultos, sendo criados por parentes, vizinhos, soltos pelos bairros.



O segundo momento apresenta uma melhora nas condições de vida operária. Há a diferenciação dos papéis sexuais: a mulher passa a ficar mais tempo em casa com os filhos, estabelecendo uma rede social com outras mulheres (mães, filhas, vizinhas, parentes); e os homens passam a ter a fábrica e o bar como pólos de sua vida social.

No terceiro estágio, ocorre a mudança da família proletária para os subúrbios, rompendo os vínculos com a comunidade. A mulher passa a ficar isolada em seu lar e o homem começa a valorizar a domesticidade e privacidade. A educação e o futuro dos filhos passam a ser prioridade da família.

A família burguesa, nascida na Europa, rompe com os modelos vigentes, criando novos padrões de relações familiares. Caracteriza-se pelo fechamento da família em si mesma, destacando a cisão entre residência/moradia e local de trabalho (entre vida pública e privada). O lar tornou-se espaço exclusivo da vida emocional, com uma rigorosa divisão de papéis. O marido passou a ser o provedor material da casa, a autoridade dominante revestida de racionalidade. À mulher couber a organização da casa e educação dos filhos, tornou-se dependente do marido, perdendo seu apoio ao isolar-se da comunidade. Sua identidade pessoal era determinada pela posição ocupada pelo marido no mundo extrafamiliar. A educação dos filhos passou a ser o principal objetivo da união burguesa, absorvendo todo o tempo da mãe. O filho deveria ser educado para um ideal: ser autônomo e dotado de perfeição moral. Se a mulher era valorizada por tal responsabilidade, por outro lado era culpada por qualquer desvio dessa educação. O aleitamento materno, assim como medidas higiênicas, passaram a

serem valorizados. Houve a dissociação entre sexualidade e afetividade : a família era recanto do afeto mas não do prazer sexual. Toda essa reclusão cria total dependência dos filhos em relação aos pais, diminuem as fontes de identificação para a criança. Enquanto as crianças de outras formas de organização familiar gozavam de amplas possibilidades de identificação, a criança burguesa tinha apenas as figuras parentais. A cota do afeto passou a ser associada com condutas esperadas do filho, formando uma cadeia de autoridade e amor : para ter amor dos pais é necessário corresponder às suas expectativas. Para Reis (1991), se o papel social e a ideologia mantém uma certa identidade, é na família que se desenvolve o aprendizado do primeiro papel social: o de filho. A partir da submissão aos pais em troca de afeto parental, sendo modelo de bom comportamento em todas as situações, evitando preocupar os pais.

Na família contemporânea, apesar da predominância do modelo burguês observa-se modificações e adaptações. A estrutura familiar que associa amor e autoridade ainda prevalece, trazendo fortes conflitos em seu interior. Os homens vivem para o trabalho e sem ele a vida não tem sentido. A função da mulher continua sendo a educação dos filhos, apesar de muitas trabalharem fora, mas o fato de ajudarem na manutenção econômica não as liberam das obrigações domésticas. São definidas pela dedicação ao marido, ao casamento e aos filhos, sua atuação é centrada nos aspectos emocionais, ao contrário do marido. Enquanto o pai usa a autoridade, a mãe usa a sedução e a chantagem emocional. A família atua no aprendizado diferenciado dos papéis sexuais: os filhos são estimulados a serem independentes e as filhas são resguardadas. A sexualidade

ocupa lugar de destaque na família, ainda vista como algo a ser contido, principalmente por parte das mulheres. A virgindade das filhas constitui grande preocupação para os pais.

Outro fator importante na vida contemporânea refere-se a presença da televisão na maioria dos lares. Ao mesmo tempo em que traz valiosas informações, provoca também um rompimento com a criação da cultura, caminhando para uma progressiva padronização. Anteriormente o aprendizado social e o desenvolvimento da subjetividade ocorriam no ambiente familiar, as lutas, os embates, conflitos das crianças eram originados e superados no contexto familiar. Atualmente, as crianças tendem a seguir modismos, não tendo mais parâmetros, ficando a mercê do consumo (televisão, desenhos, modas) , tornando-se "pequenos consumidores".

No modelo contemporâneo de família, as crianças são mais dependentes dos pais, tendo seu referencial de vida orientado, muitas vezes, para fora, para a busca da felicidade e da autonomia/individualidade no mundo externo. É esse modelo de família que herdamos e que vemos disseminado em todas classes sociais. Neste contexto que o número de crises conjugais e separações tem aumentado. Para essas crianças, os seus lares desfeitos podem corresponder a uma divisão em sua identidade.

Não se pode negar que antes da separação , geralmente ocorreram discussões, incompreensões e censuras entre os cônjuges e que os filhos já devem ter assistido a muitas cenas pouco edificantes e benéficas para o seu desenvolvimento afetivo. Acrescido ao fato de que, muitas vezes, os filhos podem

se tornar "bodes expiatórios " da relação familiar. Além do fator afinidade entre os membros familiares, que pode gerar conflitos e comportamentos agressivos tanto de um lado como de outro.

"Envolver os filhos num jogo de afeto e poder pode fazê-lo desenvolver um medo excessivo de exercitar sua afetividade. Como ficam em apuros para tentar atender, e às vezes conciliar, duas figuras tão importantes para eles, tendem a achar que sempre perderão o afeto de um se tentarem conquistar o do outro"
(Granato, 1999 : 113)

Os pais preocupados com suas árduas tarefas, mergulhados em seus problemas acabam esquecendo da criança, do seu entendimento e enfrentamento diante da ruptura familiar.

Capítulo 2 - A FAMÍLIA E O DIVÓRCIO

Atualmente temos visto discussões e reestruturações em relação ao modelo familiar, onde o casamento está deixando de ser algo duradouro. A separação conjugal e o divórcio têm marcado o início de uma notável mudança de comportamentos e valores sociais.

O divórcio tem acompanhado essa evolução histórica. No passado, as separações geralmente ocorriam por solicitação do marido, que podia “devolver” sua esposa aos pais, caso ela não cumprisse com seus deveres. A esposa era considerada propriedade do marido e a comunicação entre o casal era mínima. A palavra do marido era “lei” e a esposa só tomava decisões na ausência dele. As resoluções dos problemas em conjunto raramente ocorriam, muito menos era considerada a hipótese da mulher abandonar o casamento. Além da vergonha para a família, a mulher era tomada por um sentimento de fracasso pessoal e incapacidade de realizar ajustamentos amadurecidos.

Segundo estudos nessa área, KASLOW (1995) destaca que esse quadro foi se alterando historicamente. Certos motivos favoreceriam uma das partes a solicitar o divórcio, tais como : bigamia, adultério, crueldade mental, maus tratos físicos, prisão do cônjuge, abandono ou qualquer outro delito conjugal. À outra parte cabia defender-se. A decisão conjunta de se divorciarem era simplesmente motivo inaceitável, sendo até considerada uma “fraude”, o que retirava qualquer possibilidade da obtenção do divórcio.

O divórcio era visto apenas como instrumento de defesa ou de acusação, não como uma possibilidade de decisão comum, em que o casal assume não querer mais ficar junto, apesar e acima de tudo. O divórcio era tido como um estigma, que marcava pais e filhos para o resto da vida. Muitas mulheres sofriam grandes preconceitos em relação ao seu estado civil. Expressões como “mulher divorciada”, “divorciada alegre”, “aquela que não soube valorizar o casamento” acompanhavam seu dia a dia. As crianças que viviam nessa condição, muitas vezes, eram proibidas de freqüentar determinados lugares ou escolas, e até de brincarem com outras crianças, porque eram consideradas más companhias. Essas crianças eram apontadas como culpadas ou vítimas dessas situações, sempre com a marca de filho de pais separados.

De acordo com KASLOW (1995), as reformas nas leis familiares ocorreram em conjunto com outras mudanças na sociedade como um todo. Uma combinação de tendências sociais, tais como o movimento pelos direitos das mulheres, maior presença feminina nas universidades e no mercado de trabalho, maior liberdade sexual e aumento nos índices de divórcio. As idéias narcisistas e de auto-realização das décadas de 60 e 70, pressionaram os legisladores estaduais a alterarem as leis, de forma que elas representassem a realidade contemporânea.

No dia 28 de Junho de 2000, a “Lei do Divórcio” completou 23 anos, a legislação que permite a dissolução dos laços matrimoniais e, por conseguinte, novas uniões. O impacto da ruptura do modelo tradicional de casamento, a revolução sexual e as conquistas femininas favoreceram a aprovação do divórcio. Abrindo a possibilidade para que a mulher infeliz no casamento, pudesse se



separar, ficando junto ao marido somente se houvesse compreensão, amor e união.

Nos dias de hoje, quando um casal opta pelo divórcio, há muitos recursos a sua escolha. Para KASLOW (1995), o casal deve optar pelo caminho que melhor atender seus interesses e de seus filhos, com menor sofrimento para todos.

“Como acontecimento na vida humana, é produzido e determinado por todas pessoas envolvidas e afeta a estrutura familiar, que deve tentar se adaptar da melhor forma possível.” (1995 : 162)

A família convencional, em que marido e mulher vivem juntos “até que a morte os separe”, ainda tem uma presença muito forte em nossa sociedade. Mas, podemos observar também, que cresce o número de separações, envolvendo não somente aquelas que chegam até o sistema judiciário, como também o fim das uniões chamada informais, quando as pessoas passam a morar juntas sem compromisso do registro legalizado. Segundo reportagem apresentada na revista Veja (GRANATO,1999), com dados do CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe) e do IBGE, o índice de divórcio quase dobrou no Brasil em apenas dez anos. Sugere que dentro de vinte anos, a família nuclear, constituída de pais e filhos de um primeiro casamento, será minoria no país. Considera que de cada cinco recém-nascidos neste ano, um vai viver em um lar desfeito antes de atingir a vida adulta. Esse parece ser um fenômeno mundial. Nos Estados Unidos, 60% dos casamentos acabam em divórcio; na Inglaterra

esse índice cai para 40%. As mudanças sociais e econômicas são tidas como responsáveis por esse quadro. A maior presença feminina em todos os setores da sociedade tem reorganizado os padrões familiares.

“Em todo o mundo, elas são 40% da força de trabalho. No Brasil, de 1976 a 1997, o número de mulheres entre 20 e 25 que auxiliam no orçamento doméstico triplicou, saltando de 7% para 21%. Elas também estudam mais e já superaram os homens em todos os graus do ensino brasileiro, incluindo o universitário.”
(GRANATO, 1999:101)

Uma mudança desse porte, conseqüentemente, iria refletir na vida familiar e conjugal. A mulher trabalhando fora, com maior responsabilidade e muitas vezes, com igual e até maior participação no orçamento doméstico, tende a repensar suas atitudes e papéis dentro do lar. Passa a reivindicar uma maior participação do homem nas tarefas domésticas e na educação dos filhos. A mulher, na busca por um maior prazer sexual, deixa de ser submissa e subserviente ao marido. A evolução é iminente, os homens são como que jogados frente a essas novas mudanças, o que gera conflitos para ambos, em relação a redefinições de comportamentos e novos valores.

Ao discutir os novos papéis masculinos e femininos, CUSCHNIR (1994) destaca que, com a mudança das mulheres, os processos de educação e orientação podem passar a ter significados ambíguos e contraditórios. A mulher, a medida em que foi se transformando, passou a exigir do homem uma resposta de

acordo com seu novo modelo. Mas, ao mesmo tempo, continuou exigindo do homem determinadas atitudes ligadas ao modelo tradicional. Paralelamente, muitos mitos ainda sobrevivem : a mulher indefesa e vulnerável, objeto de "cama e mesa" , assim como o homem "durão", que não pode demonstrar fraqueza, insegurança e vulnerabilidade.

Inicia-se um conflito de sexos, onde cada um tenta redefinir seu papel. Muitas vezes, o sexo (macho/fêmea) sobrepõe-se ao gênero (masculino/feminino), definindo o indivíduo numa única esfera, sem considerar o seu todo, como ser humano.

Uma outra questão importante a ser analisada refere-se à formação de novas famílias a partir das separações desses casais. Com o divórcio, homem e mulher podem continuar sozinhos com seus filhos, como também podem casar de novo. Os pais separados que voltam a se casar, originam novas redes de relações familiares : meios-irmãos, meios-avós, primos, tios, etc. Criam uma teia complexa de novos relacionamentos, surgindo verdadeiros "mosaicos" familiares, representados por casais que se unem pela segunda ou n vezes. Torna-se necessário muito carinho, compreensão e paciência para que essa "nova família possa se organizar de forma satisfatória a todos, sem desrespeitar a individualidade de cada membro".

Em seus estudos, GIDDENS (1993) ressalta que nessa nova família recombinação, formada por novas famílias, as relações de parentesco são negociadas e barganhadas, não mais através de um vínculo de autoridade, mas a

partir da qualidade dos relacionamentos, caracterizados pela sensibilidade e compreensão de ambas as partes.

Com essas reestruturações surgem novos papéis no contexto familiar. Liberados para exigirem seus novos direitos ou para exercerem seus deveres, muitos pais acabam usando a separação conjugal, como justificativa para os problemas apresentados pelos filhos. A falta de limites e de educação, o uso de drogas e agressividade podem ser erroneamente interpretados como consequência de uma separação. Na verdade, as famílias tem se organizado de forma diferenciada, muitas vezes negligenciando o papel de educar, repassando a total responsabilidade para a escola. E o que pode ser pior, as pessoas acabam se afastando umas das outras, elegendo um individualismo exagerado em nome da liberdade e responsabilidade.



Capítulo 3 - IDENTIDADE E QUESTÃO DE GÊNERO

Todas as pessoas possuem uma identidade, na qual somos reconhecidos por nós mesmo e diante do mundo. A formação da identidade envolve todos os aspectos de nossa vida, assim como todas as relações que estabelecemos desde que nascemos.

O processo de identificação é dinâmico e contextual. Um indivíduo necessita do outro para diferenciar-se e ao mesmo tempo, completar-se, pertencendo ao mesmo grupo.

A identidade é um processo de construção, que ocorre ao longo das relações e experiências com outras pessoas.

BRANDÃO (1986), destaca que, os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem, que aos poucos se constrói diante da troca de vivências com outras pessoas, como por exemplo, com a mãe, o pai, os irmãos, a família, parentes, amigos.

A família, nosso primeiro grupo social, é que nos dará nosso nome e um sentido de pertencimento. É onde iniciaremos nosso processo de identificação. Segundo CIAMPA (1991), na medida em que é pressuposta a identificação da criança como filho é que os comportamentos vão ocorrer. A identidade do filho se por um lado, é consequência das relações que se dão, por outro lado é uma condição dessas relações no grupo familiar. Portanto, estar presente interagindo no grupo familiar é de fundamental importância para qualquer criança. Ela poderá

expor-se ao meio, explorando e conhecendo-o, assim como desenvolvendo suas capacidades e limitações.

Esse capítulo tenta abordar a formação de identidade e de gênero infantil, e como ocorre esse processo dentro da estrutura familiar, exposta a todos os tipos de desestruturas. A questão de gênero torna-se um importante aspecto do processo de identificação, na medida que necessita de dois referenciais (masculino e feminino), presentes na estrutura familiar.

De acordo com VASCONCELOS (1994), a identidade sexual - reconhecer-se como homem ou mulher - independe da orientação erótica. Depende muito mais de como a pessoa vai realizar o homem e a mulher nela mesma, ocorrendo o reconhecimento como pessoa ali. A identidade sexual não pode ser vista como algo separado da identidade pessoal, pois nesse sentido, ela não corresponde a uma regra ou definição, mas a um processo em constante realização em ser pessoa, em toda sua plenitude.

A família é o centro das primeiras relações de gênero vivenciadas pela criança. É na dinâmica familiar, que o indivíduo vai entrar em contato com os referenciais, internalizando semelhanças e diferenças entre ser homem e mulher. A criança vai aprendendo a diferenciar-se e relacionar-se com o mundo externo.

Para GROSSI (1992), além dos instintos para sobrevivência, o ser humano necessita de requisitos essenciais a sua natureza, tais como ter um nome, pronunciar sua palavra, criar seu jeito de resolver problemas, construir sua história, seus valores próprios e seus significados, tendo um sentido de pertencimento grupal, tornando-se um ser social.

Após o nascimento, a criança a partir de suas descobertas, em relação ao seu corpo e diante do estabelecimento de relações com o social, vai desenvolvendo sua individualidade, dentro do seu contexto histórico.

FERREIRA (1963), coloca que o estabelecimento de vínculos está intimamente relacionado ao nosso processo de diferenciação, sofrendo influências da imaturidade biológica, da fragilidade e dependência da realidade social, inicialmente da família. Esses elementos podem determinar o relacionamento consigo mesmo, com os pares e nos grupos, caracterizando o processo de socialização.

A vivência em família é, portanto, uma experiência rica em oportunidades para a construção de diferentes relacionamentos pessoais. Na infância, esta vivência é essencial para que a criança, através do desempenho de diferentes papéis (como irmã, sobrinha, filha, neta, prima, etc.) possa “treinar” e desenvolver sua sociabilidade e o que dela deriva: diferentes níveis de relacionamento e de relações vinculares. Na adolescência, os vínculos já estabelecidos têm um importante papel no equilíbrio emocional desta fase, muitas vezes conturbada. Para o adulto, a família é tida como referencial, é nela que os vínculos mais íntimos e as relações de apego tendem a se estabelecer.

BERTHOUD (1997) destaca que a vida de cada indivíduo sempre estará marcada pelas suas vivências familiares.

Segundo estudos realizados por CUSCHNIR (1994), os primeiros vínculos do homem são com seu pai e com sua mãe. Com uma figura masculina e outra

feminina, sempre haverá uma e outra no início da vida. Esses dois vínculos iniciais se estabelecem de forma diferente.

O relacionamento da mãe com o filho é distinto em relação à menina, acentuado no desenvolvimento da autonomia e individualidade masculina. Os homens são educados quase que exclusivamente por mulheres (mãe, professora, babá, etc.), que ao seu redor assumem essas funções. Em relação à figura do pai, este representa para o menino o "herói", ou seja, a força e autonomia masculina. Aspectos que simbolizam a independência e individualidade do gênero masculino.

As meninas têm no relacionamento com a mãe, um sentido de identificação e igualdade. A mãe no seu papel de repositora emocional, ama a menina de uma forma direta e até "narcísica". As mulheres se reconhecem e se identificam.

"Para o homem, os vínculos com outros homens se baseiam no vínculo com o pai. (...) As meninas emergem da intimidade e da solidariedade, além de serem treinadas a ser empáticas." (CUSCHNIR, 1994: 28-29)

No imaginário da menina, o pai simboliza a separação e a "ação" do mundo. Aspectos distantes e complementares da necessidade de amor e proteção da menina.

Um estudo americano ^{TOEKUS} (1986), mostrou que o pai se relaciona mais carinhosamente e com maior frequência com suas filhas do que com os filhos. Com o tempo, as atitudes carinhosas dos pais para com os filhos são substituídas por algumas batidinhas nas costas. Mas a necessidade básica de contato físico

persiste nos meninos. E essa necessidade parece ser canalizada para certas formas de comportamento, como por exemplo, as brincadeiras de lutar.

As formas como pais e filhos estabelecem suas relações, considerando o gênero, parecem ser complementares. As mães acabam se apegando mais aos filhos, assim como os pais mantêm vínculos mais próximos com as filhas.

De acordo com VASCONCELOS (1994), pesquisas apontam que a predileção da mãe pelo filho homem e o conseqüente abandono da filha mulher, prejudicam a evolução afetiva de um e de outro. Revelam também a responsabilidade materna na cristalização dos papéis sexuais, com graves danos para a identidade pessoal dos jovens.

Em nossa cultura, os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres são diferentes. Masculino e feminino retratam representações diferenciadas. Ao discutir essas representações, WHITMONT (1994) refere que masculino sugere força, impulsividade, agressividade, luta, iniciativa, individualidade. O feminino nos remete a receptividade, docilidade, assim como assume as características de doação, geração e coletividade. Nesta perspectiva, a principal função do homem é ser racional, independente e prover o sustento da família. Cabe a mulher, o papel de passividade e docilidade, voltada para a educação dos filhos.

Os filhos usam seus pais como modelos, reproduzindo seus comportamentos, valores e atitudes e aos quais buscam assemelhar-se, garantindo identificação e aceitação grupal. REIS (1991) considera que os filhos reproduzem a auto-imagem do progenitor do mesmo sexo.

Ao apresentar seus estudos sobre desenvolvimento psicossocial e construção da identidade, CUSCHNIR (1994), refere-se à existência de três vínculos estruturadores (materno, paterno e fraterno) essenciais à formação do indivíduo.

O vínculo materno inicia-se com o nascimento, estabelecendo-se na experiência do colo materno. A relação com a mãe que aconchega, envolve e protege, permite que a pessoa se entregue por inteiro, com seus medos e fraquezas, tendo confiança nesse vínculo, para conseguir estar no colo do outro. A segunda vivência ocorre na relação com o pai, que representa o mundo externo, é o estímulo para o crescimento e segurança para as realizações. Nesse vínculo, sente-se apoiado para poder crescer, para satisfazer suas próprias necessidades. A terceira vivência origina-se na relação com os iguais dentro de vínculos simétricos, com as demais pessoas do convívio familiar, principalmente com irmãos. Representa o compartilhar, aparecem nas atitudes de companheirismo, aliança e cumplicidade. O indivíduo precisa sentir-se aceito, sendo apoiado e incentivado em seu crescimento e individualidade para poder compartilhar e relacionar-se com as pessoas.

No caso de famílias em processo de separação, a ausência ou perda de um dos modelos (paterno-masculino/ materno-feminino) e os conflitos advindo dessa quebra da unidade masculino-feminino, interferem no desenvolvimento emocional das crianças. Segundo DOLTO (1991), a separação dos pais é uma circunstância agravante no processo de identificação das crianças com seus

papéis sexuais. A separação ou divórcio questiona os referenciais afetivos das crianças.

As crianças necessitam de referenciais para organizarem seu mundo de valores, atitudes, sentimentos. GOLDSTEIN (1987) relata que as interrupções nos relacionamentos das crianças com seus pais afetam suas conquistas, que se baseiam na identificação com as exigências, proibições e idéias sociais dos pais. Por sua vez, essas identificações se desenvolvem em ligações estáveis, assentadas no domínio da segurança e confiança. O apoio e o respeito pela autonomia de uma criança fornecem condições para que ela possa melhor desenvolver-se. Quando os cuidados de pai e mãe não são adequados, podem surgir dificuldades e deficiências no crescimento emocional da criança. No caso de mudanças das figuras de pai e mãe, transparecem a vulnerabilidade e a fragilidade do relacionamento. A criança pode retroceder em suas afeições, habilidades, conquistas e adaptação social.

A quebra dos vínculos parentais exige dos filhos a necessidade de reelaboração de referências internas e externas. BOWLBY (1997) cita que, no caso da separação ou perda, há um abalo na confiança da criança em relação a si e aos outros. Sérios problemas podem surgir como ansiedade, depressão crônica, um não-envolvimento afetivo, uma "falsa independência", fobias, baixa auto-estima, sintomas relacionados a sua culpa pela separação dos pais.

CUSCHNIR (1994) , em seus estudos, comenta que geralmente, a sociedade gosta de culpar os pais (homens) que se separam. Mas poucos se dão conta de que o "pai de fim de semana" pode ser tanto o casado quanto o

descasado, e que é isso que deve mudar. Não é o divórcio, necessariamente, que separa os pais dos filhos. Quando isso acontece, é porque eles já estavam separados afetivamente antes da separação física do casal. A separação física, através do divórcio, não parece ser o agravante para a criança, mas sim, a ruptura e o distanciamento emocional que pode existir mesmo quando não há distanciamento físico.

“O pai que come e dorme todos os dias em casa, mas está sempre com a cabeça em outro lugar, não tem nenhuma vantagem sobre o pai que se descasou, para a mulher e os filhos. O fantasma da separação pode tornar uma casa mal-assombrada, onde o filho já está abandonado por esse pai que, eventualmente, não tem nenhum processo afetivo com ele.” (1994 : 65)

Pode-se observar, no atendimento clínico de algumas crianças e adolescentes, os sintomas oriundos da desestrutura familiar. Comumente, passam a manifestar dificuldades em outras áreas, como por exemplo: agressividade, problemas de comportamento e/ou aprendizagem. Circunstâncias que podem sugerir uma tentativa da criança em manter os pais unidos, através dos cuidados com sua “doença”, na ânsia de salvar o casamento dos pais e sua própria segurança.

É comum o desequilíbrio encontrado na menina, que tendo a mãe ausente, torna-se agressiva em suas relações. Há um abalo em suas bases afetivas. Assim

como é freqüente observar um retraimento, no caso do menino em que o pai não está presente. Há um abalo em seu poder de iniciativa e ação.

Os gêneros masculino e feminino fornecem condições para a formação da matriz de identidade, o desenvolvimento do eu. Os modelos masculino e feminino, que o indivíduo vive desde a infância, através de seus pais, continuam influenciando na vida adulta. O pai mostra ao filho como é sua relação com as mulheres, assim como a mãe serve de modelo para as filhas.

Os conflitos gerados pela perda ou ausência desses referenciais no desenvolvimento infantil podem levar a dificuldades de relacionamentos, afetando seus vínculos futuros. A separação, de imediato, provoca o desequilíbrio das polaridades masculino e feminino, fundamentais para a constituição da unidade individual. A falta de um dos cônjuges gerará uma defasagem em um dos pólos, mutuamente complementares e vitais para o significado do todo.

DOLTO (1991) complementa que, após a ruptura familiar, os pais devem manter, cada qual por seu lado, sua própria vida afetiva e sexual. Impossibilitando, dessa forma, que o filho ou filha possa assumir o papel de filho e cônjuge ao mesmo tempo, prejudicando seu desenvolvimento pessoal. Numa situação dolorosa, é possível que o filho tente suprir a ausência do pai, por exemplo, assumindo inteiramente a responsabilidade pela mãe e pelos irmãos.

“A menina certamente precisa de mulheres para continuar a se construir, mesmo que viva sozinha com o genitor masculino. O menino precisa de homens para se construir, mesmo que esteja confiado a guarda da mãe.” (1991 :48)

Uma das grandes preocupações do cônjuge, em fase final do casamento, refere-se ao modo como seus filhos irão reagir ao rompimento e a melhor forma de contar a eles. O processo de separação pode gerar muitos conflitos para a criança, resultando em problemas emocionais, comportamentais ou aprendizagem. JERSILD (1971) desenvolveu estudos referentes aos efeitos ambientais, em especial aqueles muitos adversos, e as circunstâncias de vida de uma criança, e como isso acaba acarretando profundas influências no desenvolvimento de sua personalidade.

Embora muitas pessoas não considerem a separação conjugal, um processo conflituoso ou traumático para a criança, alegando que estas não se envolvem diretamente no processo, muitos estudiosos afirmam que a ausência total de "trauma" emocional é muito rara. Se para uns o divórcio traz paz, para outros pode causar sérios transtornos emocionais, morais e intelectuais inegáveis. A criança, muitas vezes aquela que parece insensível, pode ser prejudicada seriamente em seu equilíbrio orgânico e afetivo.

Diversos pesquisadores aconselham o uso de extrema sinceridade com a criança, deixando claro que a separação entre os cônjuges não altera seus papéis de pai e de mãe, portanto não modifica o amor dos pais pelos filhos.

BOWLBY (1997) argumenta que, no caso da separação, uma criança feliz e segura do amor dos pais, não fica extremamente angustiada. A criança insegura, que tem dúvidas sobre o amor dos pais, pode facilmente interpretar

erroneamente os fatos, estando sujeita a desenvolver sintomas relacionados à culpa pelo rompimento familiar.

É fundamental para a criança, contar com o amor e confiança de ambos os pais, sentindo segurança e apoio em seus relacionamentos.

MAGISTRETTI (1963) destaca que, quando o processo de separação é bem conduzido, ou seja, não há graves discussões entre o casal, há respeito pela criança, esta parece não ser muito afetada. O problema principal envolve não só a separação em si, mas o tipo de relações mantidas entre os familiares. Anterior a ruptura, podem ter ocorrido muitas discussões, censuras e incompreensões entre o casal, contribuindo de maneira pouco benéfica para o desenvolvimento afetivo da criança.

O fortalecimento da identidade da criança, em especial filhos de pais separados, pode muitas vezes, estar baseado numa segurança ontológica. LAING (1991) coloca que, um indivíduo que apoia-se com segurança, sabe que é amado, tem um sentido de identidade pessoal e grupal, possui relacionamentos potencialmente gratificantes. A pessoa ontologicamente insegura preocupa-se em preservar, não se sente como parte de um grupo, deixa com que circunstâncias comuns na vida ameacem seu baixo limiar de segurança.

BROMBERG (1994) aponta para o fato de que, quando um vínculo é rompido, os recursos que o indivíduo dispõe para elaborar o luto, a perda baseiam-se na qualidade dos vínculos anteriormente existentes. Assim, se há confiança essa reelaboração tende a ser menos dolorosa.

É importante para a criança continuar morando com um dos pais, estando sempre em contato com a outra figura. GOLDSTEIN (1987) cita que o ato da criança ficar vagando de um ambiente para o outro, pode fazer com que ela deixe de se identificar com qualquer um dos pais. O ressentimento e decepção com os adultos podem fazer com que a criança adote uma postura distante e indiferente. Podem acabar transformando os novos pais, em casos de novas uniões, em bodes expiatórios dos erros anteriores.

Os pais devem estar conscientes de sua atuação e procurar compartilhar com os filhos os novos rumos tomados pela família, oferecendo segurança e autonomia a eles, colocando-os a par do seu próprio processo.

Analisarmos a separação conjugal, o divórcio é uma tarefa bastante complexa, pois envolvem fatores econômicos, políticos, sociais, além dos aspectos emocionais e psicológicos.

De acordo com FEDULLO (1994), divergências podem surgir em decorrência da incompreensão em relação aos papéis conjugais e parentais. A autora busca diferenciar o divórcio parental do conjugal. O termo parental refere-se aos papéis de pais e filhos, assim como conjugal relaciona-se aos papéis de marido e mulher. Muitas vezes, a separação não pode ocorrer, porque o casamento entre duas pessoas amadurecidas afetivamente não se concretizou. Nessas relações, os papéis parentais e conjugais se misturam, as pessoas buscam resolver seus conflitos parentais nas relações conjugais, não favorecendo a relação de troca e conhecimento mútuo. Assim, o divórcio parental e conjugal acabam se entrelaçando, comprometendo o desempenho dos papéis no grupo

familiar. Os cônjuges não conseguem resolver seus conflitos conjugais porque ainda não resolveram seus conflitos parentais, como filhos. As crianças tendem a ficar abandonadas à própria sorte, nesse tipo de relação, sendo muitas vezes “marcadas” por esse castigo ou essa desgraça familiar.

DOLTO (1991) ressalta que, ao se divorciarem, as pessoas parecem buscar a liberdade, sem as críticas do outro. Pois se não há mais amor nem desejo sexual, também não haverá mais a necessidade e a vontade de permanecerem juntos.

Atualmente, com as transformações sociais, as pessoas amparadas pela lei, têm a possibilidade de tentarem ser felizes novamente. De acordo com os estudos sobre separação conjugal, KASLOW (1995) coloca que para o casal, permanecer juntos por causa das crianças é considerado cada vez menos apropriado para o bem estar emocional de todos. Muitos pesquisadores defendem que as crianças criadas em um lar conflitivo, em que os pais permanecem juntos por sua causa, ficam muito melhor quando os pais se separam e o lar deixa de ser um campo de batalha. Além disso, os pais têm a oportunidade de refazerem suas vidas.

(KASLOW, 1995)

Um estudo americano, realizado em 1983, demonstra que os filhos também enfrentam alguns estágios durante a separação de seus pais. Esses estágios do divórcio, como é mencionado, são caracterizados por seis tarefas psicológicas.

A primeira tarefa é o reconhecimento da realidade da separação conjugal, que pode envolver medo de abandono e/ou regressão do ego. A segunda tarefa relaciona-se ao distanciamento do conflito conjugal, retomando os afazeres

cotidianos. A terceira tarefa refere-se à resolução da perda, a interrupção das tradições familiares, a perda de um dos pais na convivência diária e a sensação de rejeição, de não ser amado. A quarta tarefa representa a resolução da raiva e da auto-acusação, aumenta a incapacidade de algumas crianças de acreditarem no conceito legal do divórcio sem justa causa. A quinta tarefa relaciona-se a aceitar a permanência do divórcio, o que parece ser menos sofrido para os filhos mais velhos. A última tarefa refere-se a encontrar uma esperança realista, no que diz respeito aos seus próprios relacionamentos futuros. Muitos jovens, em estados críticos de sua vida adulta, podem temer relacionamentos amorosos e fugir deles, apresentando tristeza, raiva, ansiedade. As lembranças dolorosas do processo de dissolução e reestruturação da família podem inibir sua capacidade para arriscar e aceitar o compromisso de um relacionamento.

Ao que parece, a separação ou o divórcio em si não representa o problema. A questão maior envolve a ruptura afetiva e a carga emocional que advém dela, comprometida com a falta de elaboração desses conteúdos pelos pais junto a seus filhos. Muitas vezes, os casais que estão se separando apresentam dificuldades para conversar sinceramente sobre a situação com seus filhos. Parar, sentar e conversar seria uma maneira sensata de mostrar-lhes que os problemas existem, assim como possíveis saídas e alternativas para eles.

O essencial a ser observado é a importância dos referenciais, modelos masculino e feminino para a formação da identidade da criança. Reconhecendo também a importância da sinceridade nessas relações. Na realidade, o ponto chave da separação parece ser que, mesmo após ela, a criança possa continuar

contando com os seus referenciais, o que não está necessariamente ligado ao modelo de família tradicional.



IV - METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, faz uso da técnica de depoimentos pessoais como registro de informação viva e ligada a memória individual, utiliza o registro das informações por meio de gravador. Segundo QUEIROZ (1983), os depoimentos pessoais podem se concentrar sobre um lapso de tempo mais reduzido ou sobre uma série de acontecimentos marcantes que permitem aprofundar ou aumentar os detalhes a respeito do assunto. Possibilitam também, um maior conhecimento das mentalidades dos informantes, se apresentam os mesmos comportamentos e maneiras de ser, e caso contrário, no que se diferenciam. Os depoimentos pessoais permitem manter o máximo as próprias expressões dos informantes e sua maneira de encadear os fatos.

A escolha da entrevista temática como instrumento para coleta de dados baseou-se no fato desta poder proporcionar uma situação bastante informal, possibilitando aos entrevistados exporem suas idéias e formas de agir, de modo geral, em relação ao tema separação de casais. Face aos objetivos da pesquisa, essas entrevistas possibilitariam a comunicação como um processo de construção dos enunciados, que com um ou outro instrumento poderiam correr o risco de serem censurados.

O estudo de caso foi o método utilizado como forma de analisar e apresentar o material coletado, pois permite uma visão ampla do fenômeno, além das informações provenientes de observação direta e imediata.



De acordo com BLEGER (1994), a observação pura seria uma utopia, pois participamos ativamente em relação àquilo que investigamos. Os fatos observados não são isolados e independentes, mas pertencem a um sistema maior.

“Mesmo a escolha dos fatos e dos processos de investigá-los implicam a adoção de uma concepção de mundo que também influi na nossa investigação.”
(Cervený, 1994:88)

Para D'ALLONES (1989), o estudo de caso interessa-se pelo trabalho de análise e apresentação do material referente a uma pessoa em questão. A observação, enquanto método exercido dentro de um “dispositivo” e com técnicas específicas, constituiu o motor do estudo de caso.

“Em Psicologia, a importância da observação aprofundada e prolongada de casos individuais foi reconhecida desde o começo de sua fundação como ciência empírica, e devemos observar que a discussão de suas potencialidades e problemas foi atualizada recentemente.” (1987:177).

D'ALLONES também destaca que o estudo de caso ultrapassa freqüentemente a observação, mesmo vista numa acepção ampla e diversificada. Integra dados provenientes de fontes muito diversas : elementos de dossiers médicos, administrativos e sociais, testemunhos, resultados de testes ou exames,



dados de anamneses provenientes de entrevistas, de atuação ou de acompanhamento psicoterápico, fatores históricos, culturais, institucionais, etc.

Neste trabalho, os estudos de caso foram realizados a partir de dados de identificação geral e os coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, baseadas em roteiro de orientação para a mesma.

A) SUJEITOS

Foram entrevistadas 15 pessoas, sendo 10 crianças e 5 adultos, que passaram pela experiência de uma separação conjugal.

A utilização de entrevistas com os pais e com crianças, cujo ponto em comum é o fato de terem vivenciado um processo de separação conjugal, baseia-se no fato de permitir obter uma visão independente do segmento de pais e do segmento de crianças. Os adultos entrevistados não eram os pais das crianças entrevistadas, não tinham laços de consangüinidade. Os participantes desta pesquisa residem na região do interior de São Paulo.

As crianças entrevistadas eram filhos de pais separados, de ambos os sexos, na faixa etária de 6 a 14 anos. A separação dos pais tinha ocorrido entre 2 a 12 meses da data de realização da entrevista.

Os adultos participantes eram conjugalmente separados, pais de um ou mais filhos, de ambos os sexos, na faixa etária de 20 a 55 anos. A separação

desses entrevistados também tinha ocorrido entre 2 a 12 meses da data da realização da entrevista.

O critério utilizado para entrevista foi de que o tempo decorrido entre a separação e a entrevista estivesse entre 2 a 12 meses. A religião e o nível sócio-econômico não constituíram critérios de elegibilidade nesta pesquisa.

O termo divórcio foi utilizado apenas como um sinônimo da palavra separação, significando um rompimento entre o casal, sem considerar suas implicações jurídicas.

B) MATERIAIS E INSTRUMENTOS

1- MATERIAIS:

- Gravador
- 15 fitas cassetes com duração de 90 minutos
- Materiais de escritório

2- INSTRUMENTOS:

Ficha de dados de identificação geral (Anexos A e B)

Entrevistas semi-estruturadas temáticas de acordo com o roteiro de orientação (Anexo C), o qual foi desenvolvido de acordo com os seguintes temas:

- A relação entre os membros da família antes da separação conjugal
- Como o entrevistado reagiu a separação conjugal
- Como o filho reagiu a separação (no caso das entrevistas com os pais)
- A relação entre os membros da família hoje, após a separação
- Definição de pai
- Definição de mãe
- Definição de família
- Definição de casamento
- Se vêem diferenças entre filhos de pais separados e filhos de pais que moram juntos
- Possibilidade dos pais se casarem novamente
- Mensagem

C) PROCEDIMENTOS

- 1- Para a coleta de dados:

Os sujeitos adultos foram contatados pela pesquisadora, informados dos objetivos da pesquisa e convidados a participar da mesma. Obtida concordância, foi solicitado que assinasse a declaração de informe e concordância para a pesquisa (Anexo D).

A seguir, foram agendados para a realização das entrevistas. Foram preenchidas também as fichas de identificação, contendo dados pessoais de cada entrevistado, tais como: nome, idade, profissão, sexo, grau de instrução, número de filhos, tempo de separação, naturalidade, nacionalidade, religião (Anexo B). As entrevistas tiveram duração de 30 a 60 minutos.

Com as crianças, o procedimento adotado, após contato com seus respectivos pais, foi semelhante. Os pais desses sujeitos foram contatados pela pesquisadora, que informou-os dos objetivos da pesquisa e solicitou autorização para a participação dos seus filhos. Obtida a concordância dos pais, estes assinaram a declaração de informe e concordância da pesquisa (Anexo E).

A seguir, a pesquisadora contatou as crianças e também lhes informou dos objetivos da pesquisa e convidou-as a participar do estudo. Também foram preenchidas as fichas de identificação, contendo os seguintes dados: nome, idade, sexo, grau de instrução, número de irmãos, tempo de separação dos pais, naturalidade, nacionalidade, religião (Anexo A). As entrevistas tiveram duração de 30 a 60 minutos.

As entrevistas, agendadas e gravadas na íntegra, foram planejadas para a coleta dos depoimentos, de forma a compor os estudos de caso.

Os nomes dos participantes foram trocados por nomes fictícios, com o objetivo de garantir o sigilo e anonimato.

Foi oferecida aos entrevistados a possibilidade de um retorno, "feed back " após o término do estudo.

Sintetizando os resultados das entrevistas, os dados da pesquisa foram

2- Para a análise de dados:

As sessões de entrevistas foram transcritas integralmente pela pesquisadora e pelos auxiliares de pesquisa, os quais foram previamente treinados para a tarefa. Após cuidadosa leitura do material transcrito, as entrevistas foram sintetizadas de modo a facilitar a análise e comparação das mesmas.

Os estudos de caso foram analisados e comparados de acordo com os objetivos propostos, segundo enfoque da Psicologia Social numa perspectiva dialética, permitindo estabelecer conexões entre os dados obtidos.

Outros pontos de interesse foram a análise dos dados e a interpretação dos resultados.

"A ciência, enquanto conteúdo de conhecimentos, só se processa como resultado da articulação do lógico com o real, da teoria com a realidade. Por isso, uma pesquisa geradora de conhecimento científico e, conseqüentemente, uma tese destinada a relatá-la, deve superar necessariamente o simples levantamento de fatos e coleção de dados, buscando articulá-los ao nível de uma interpretação teórica". (Severino, 1996 : 117)

Na análise dos dados, os resultados foram organizados em

V- RESULTADOS

Os depoimentos pessoais obtidos dos sujeitos e integralmente transcritos são apresentados no Anexo F. Para facilitar a análise, foram utilizadas as sínteses dos estudos dos entrevistados no decorrer da apresentação.

SÍNTESE DE CADA CASO ESTUDADO

Crianças:

João, 14 anos, sexo masculino, 7a. série, filho único, brasileiro, católico. Reside com a mãe, alegou não ter questionado o motivo da separação dos pais, apenas aceitou o fato. Ficou muito tempo sem ver o pai, mas hoje mantém um bom relacionamento com ele, que sempre vem visitá-lo. Parece ter se apegado a outras figuras da família, deu muita importância a figura materna e aos outros familiares.

André, 11 anos, sexo masculino, 4a. série, filho único, brasileiro, católico. Reside com a mãe, disse que mantinham uma boa relação familiar antes da separação, mas que piorou após os pais terem se separado. Relatou que sua vida mudou muito com a separação, sofreu restrições financeiras e teve muitas dificuldades na escola. Acredita numa reaproximação dos pais.

Juliana, 12 anos, sexo feminino, 5a. série, tem mais dois irmãos, brasileira, católica. Reside com uma tia paterna, contou que havia muitos conflitos conjugais entre os pais, que culminaram com a separação. Relatou ter sofrido muito, pois no início não aceitava o rompimento familiar. Apresentou problemas escolares. Reclama muito da falta de atenção dos pais.

Paula, 10 anos, sexo feminino, 4a. série, tem mais quatro irmãos, brasileira, católica. Reside com a mãe, disse ter se surpreendido com a separação dos pais pois era algo que não esperava. Não relatou brigas anteriores à separação dos pais. Contou ter sofrido muito com ausência do pai, apresentando problemas escolares. Tem esperança que o pai retorne a morar com a família.

Camila, 6 anos, sexo feminino, Pré II, tem mais um irmão, brasileira, católica. Reside com avó materna, relatou muitas brigas entre os pais. Acreditava ter sido a causa da separação dos pais. Parece sentir falta da figura do pai, disse ver a mãe diariamente. Mora com avó por escolha própria, apresentou uma visão de mundo direta e prática.

Vanessa, 8 anos, sexo feminino, 2a. série, filha única, brasileira, católica. Reside com a mãe, contou ter sofrido muito com a separação dos pais. Pensou que nunca mais fosse ver o pai, mas após a mãe ter lhe explicado sobre as visitas que o pai lhe faria, ficou feliz. Relatou ter sido uma situação difícil, mas a qual foi se

adaptando. Entra em contato com o pai quando sente saudades. Demonstra ser uma pessoa carente, que busca apegar-se a outras figuras representativas do sexo masculino.

Pedro, 7 anos, sexo masculino, 2a. série, tem mais quatro irmãos, brasileiro, católico. Reside com a mãe. Contou que a separação dos pais foi uma coisa boa, pois eles brigavam muito, não havia nenhum tipo de diálogo na família. Disse que após a separação, existe mais conversa e colaboração entre as pessoas da sua casa. Disse que a mãe parece ter ficado mais feliz e que até sua letra melhorou na escola.

Patrícia, 12 anos, sexo feminino, 6a. série, tem mais duas irmãs, brasileira, católica. Reside com o pai. Comentou que em função das muitas brigas entre os pais, é que houve a separação. Mas não parece acreditar ser esse o real motivo da ruptura familiar. Disse já ter morado com a mãe e as irmãs, mas atualmente prefere morar com o pai. Demonstrou necessidade de maior atenção do pai.

Jorge, 10 anos, sexo masculino, 3a. série, tem mais um irmão, brasileiro, católico. Reside com a mãe, disse ter chorado muito com a separação dos pais. A família passou por muitas dificuldades financeiras e problemas emocionais. Relatou ter apresentado dificuldades na escola durante o período da separação dos pais. Atualmente, os pais parecem não se entenderem, ele vê o pai poucas vezes e reclamou sentir muita falta dele.

Mônica, 8 anos, sexo feminino, 2a série, tem mais uma irmã, brasileira, católica.

Reside com a mãe, contou que havia muitas brigas entre os pais. Reclamou ter apanhado muitas vezes do pai. Disse que com a separação, chegou a pensar que nunca mais fosse ver o pai. Alegou que, de vez em quando, recebe a visita do pai, mas que ele não brinca mais com ela como antes.

Adultos:

Bete, 37 anos, analista pessoal, sexo feminino, 2o. grau completo, tem apenas um filho, brasileira, católica. Relatou ter se separado em função dos vários desentendimentos com o marido. Disse que sempre procurou não brigar na frente do filho. Após a separação, enfrentou uma fase difícil mas que priorizou o desenvolvimento e educação do filho. Alegou manter um bom relacionamento com o ex-marido, o qual nunca deixou faltar nada ao filho, apesar de não ser muito carinhoso com ele.

Beatriz, 32 anos, professora, sexo feminino, superior completo, tem uma filha, brasileira, católica. Contou que sempre teve uma relação complicada com o marido, na qual ambos acabavam disputando o amor da filha. A decisão de se separarem, foi tomada um ano antes dela ocorrer concretamente. Relatou que filha sofreu muito com o rompimento familiar. Percebe que ela busca apegar-se a outras figuras masculinas, na tentativa de suprir suas carências. Atualmente,

disse que pai participa muito pouco da vida da filha, que ele deveria estar mais presente no dia a dia dela.

José, 30 anos, trabalha na área de Informática, sexo masculino, superior completo, tem dois filhos, brasileiro, católico. Contou ter tido uma relação muito complicada com esposa antes da separação. Optou por separar-se quando percebeu que os objetivos do casal já não eram mais os mesmos. Relatou que no início, seus filhos podem ter se sentido culpados pela separação, mas não chegaram a acusar nenhum dos pais. Reforçou que sempre procura conversar com os filhos e falar a verdade, dosando isso de acordo com o que acredita que eles entendam. Disse que sua relação com a ex-esposa é baseada na preocupação com a educação dos filhos.

Alice, 23 anos, estudante, sexo feminino, superior incompleto, tem um filho, brasileira, católica. Contou ter tido uma relação muito difícil com o marido desde o início do casamento, não havendo diálogo. Alegou não ter sofrido com a separação, pois foi uma decisão que foi trabalhando dentro de si mesma aos poucos, porque já havia percebido que o casamento não poderia dar certo devido as constantes brigas. Relatou que o filho chegou a questionar o porquê da separação e o fato de não morarem mais na mesma casa com o pai. Atualmente, disse manter um bom relacionamento com o ex-marido e que ambos preocupam-se muito com a educação do filho.

Ana, 54 anos, dona de casa, sexo feminino, primário completo, tem cinco filhos, brasileira, católica. Contou ter tido uma vida maravilhosa ao lado do marido antes da separação. Relatou que tudo ocorreu de repente, sendo muito difícil lidar com a situação, pois ela e os filhos sofreram muito com o rompimento. Ainda não legalizaram a separação, não houve interesse de nenhuma das partes. Ainda acredita numa reaproximação do marido e seu retorno para casa.

ANÁLISE DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENCONTRADAS ENTRE OS SUJEITOS CRIANÇAS E ADULTOS

Para facilitar a descrição dos dados, os mesmos foram organizados de acordo com os temas considerados.

- Quanto ao relacionamento antes da separação

No relato apresentado pelas crianças, foi possível constatar que a maioria delas não teve qualquer tipo de esclarecimento ou explicação em relação ao que estava ocorrendo com seus pais. Reconheceram que haviam brigas e discussões entre eles. Somente uma mãe afirmou ter dito a sua filha que ela e o pai iriam se separar, mas não naquele momento; conta que a filha viveu quase um ano sob essa tensão.

Cinco crianças citaram diretamente as brigas entre o casal, ao falar do relacionamento entre os pais.

Três crianças consideraram a relação até como boa, mas também descreveram a ocorrência de brigas e desentendimentos entre os pais.

Duas entrevistadas descreveram o pai como *"bonzinho e legal"*, argumentando que não houve nenhuma explicação sobre a separação conjugal.

Entre os entrevistados adultos, a maioria, assumiu ter uma relação difícil com o parceiro, com brigas e desentendimentos. Três entrevistados, em seus relatos, assumiram que seus filhos presenciaram muitas discussões entre o casal.

Beatriz declara que entre ela e o marido havia uma disputa pelo amor da filha.

"Eu não sei se eu tava preparada para ser mãe... mas eu cobrava muitas vezes, comportamento de adulto que hoje eu percebo que era completamente errado naquela época.... Então aí como eu percebia que ele tinha um pouco mais de calma... então eu ia tentando aprimorar... a impressão que dava era que havia aquela disputa pelo amor dela".

A entrevistada Ana alegou ter tido um lar satisfatório, onde todos se relacionavam muito bem. Embora tenha ocorrido a separação, iniciativa tomada pelo marido, a entrevistada não encontrou justificativa e até tem esperança numa reaproximação, pois não houve interesse em legalizar a separação oficialmente.

Bete, apesar de confirmar as brigas entre o casal, argumentou que ambos tentaram ao máximo, evitar discussões na frente do filho.

A maioria dos entrevistados, tanto crianças quanto adultos, relatou que seus relacionamentos, antes da separação, não eram satisfatórios e que ocorriam desentendimentos e discussões, como tentativa de justificar a separação.

- Como reagiram à separação

Em relação aos depoimentos das crianças, observamos que oito delas deram uma conotação negativa, não aceitando a separação dos pais. Reclamaram do medo de nunca mais ver o pai (em sua maioria, foi o pai a deixar o lar) e do desejo de que os pais permanecessem juntos.

Vanessa relatou ter sido uma situação muito difícil, mas que procurou se adaptar.

André reclamou que começou a ir mal na escola, *"batia em todo mundo."*

Juliana contou ter chorado muito, chegando a ficar doente, numa tentativa de atrair a atenção da tia.

"Eu não aceitava a separação, como lógico, toda criança não aceita. O que acontecia comigo era que eu ficava doente, eu chorava muito, eu pedia aquela atenção pra minha tia e ela me dava, mas a minha mãe não."

Jorge, num primeiro momento, disse não ter sentido nada quando o pai deixou sua casa, depois admitiu :

"Ah, eu chorei muito, não queria que isso acontecesse..."

Apenas João disse ter entendido a separação dos pais e que nunca quis ficar perguntando, respeitou a decisão dos pais.

“Eu não via eles brigarem muito, só que eles me falaram que não davam mais certo, não se gostavam mais e iam se separar.”

Pedro foi o único entrevistado que deu uma conotação positiva a separação dos pais, alegando que assim não haveria mais brigas em sua casa.

“Eu achei uma coisa boa, porque assim não tinha mais briga, não chutava mais a comida. “

Quanto aos relatos dos pais separados, tivemos uma maior diversidade de respostas.

Dois participantes classificaram a separação como um momento difícil de sua vida, onde houve um desmoronamento e uma perda dos objetivos.

Para outros dois entrevistados, a separação foi uma idéia que foi sendo amadurecida no decorrer do tempo. Beatriz revelou que embora tenha refletido muito antes sobre o assunto, sofreu muito quando a separação ocorreu de fato. Alice, por outro lado, argumentou não ter sofrido, pois desde o início do casamento, já observou que não mantinham um bom relacionamento conjugal. Relatou ter sentido receio ao decidir, temeu sentir falta do marido. Mas por ter

sofrido muito durante o casamento, alegou que o rompimento não foi algo traumático.

O entrevistado José encarou o processo de separação como algo positivo, como um momento de avaliações e que serviu de base para seu crescimento pessoal. Relatou ter tido incertezas em relação ao que sentia pela parceira.

As crianças entrevistadas, de modo geral, demonstraram uma reação negativa a separação dos pais, temendo perdê-los. Já os adultos mostraram que, mesmo com receios e medos, tentaram buscar soluções para as crises conjugais, mesmo que isso significasse enfrentar a separação.

Todas as crianças entrevistadas admitiram que a separação dos pais mudaram suas vidas. A maioria apontou uma mudança negativa, pois alegam ter sofrido muito e que hoje não tem a possibilidade de ver o pai ou a mãe, dependendo do caso, com a mesma frequência que quando moravam todos juntos.

Juliana reclamou sentir saudades dos pais. Disse que fica triste quando vê outras crianças com os seus pais, pois teve que aceitar a separação dos seus, porque é uma coisa que não pode mudar.

André reclamou das restrições financeiras sofridas após a separação dos pais. Contou que colegas de escola o apontavam como filho de pais separados. Alegou ter ouvido comentários do tipo:

capa “Ah, o meu pai é melhor que o seu, minha mãe é melhor que a sua, porque seu pai separado. Eu tenho a hora que eu quiser e você, não.” *as perguntavam*”

Jorge comentou acerca dos dois lados dessa mudança: com a separação não vê o pai todo dia como gostaria, mas também não há brigas em sua casa.

Paula contou que chorava muito, pois se sentia abandonada pelo pai.

Pedro, o único a destacar uma mudança positiva, observou que agora tinha mais dialogo em sua casa e não mais brigas. Citou que sua mãe parece mais feliz, e que sua letra melhorou no caderno da escola. *mesmo, mas muito pouco, não não depois chegou a melhorar*

Todos os entrevistados adultos relataram que seus filhos reagiram de forma negativa a separação. *o mesmo e se cansaram muito tempo depois*

Ana relatou que a filha sofreu em dobro, temeu que ela entrasse em depressão em função do “choque” que levou, diz que filha guardou “aquela mágoa” pelo rompimento familiar.

Alice contou que o filho questionou o porquê dela não querer mais morar nem dormir com o pai dele.

Beatriz comentou que a filha chegou a cobrar muito dela, o fato do pai não estar mais em casa com ela, e que ficava do lado do telefone esperando ele ligar.

José disse ter tentado sempre deixar claro aos filhos que eles foram frutos de um amor. Afirmou que procura conversar com eles em cima da realidade.

As vezes, eu dosava isso em maior ou menor intensidade, mas nunca eu mentia, eu podia omitir um a coisa aqui, outra coisa lá, dependendo da

capacidade que eu achava que eles tinham de entender, né. Então, eu sempre tentava fazer em doses homeopáticas, mas respondia o que eles perguntavam. “

- Quanto ao relacionamento após separação

Duas crianças entrevistadas comentaram que atualmente, seus pais ainda brigam e não conseguem se entender, chegando a um acordo.

Três entrevistados relataram que seus pais conversam, mas muito pouco, para não darem margem a discussões.

Patrícia revelou que sua mãe não gosta muito de falar com seu pai, *“porque ela diz que ele só a faz passar nervoso e se conversam muito tempo, brigam.”* Contou que o pai até já tentou conversar com a mãe, mas ela se mostra arredia.

Quatro dos participantes ouvidos relataram que a atual relação dos pais pode ser considerada boa.

João contou que sempre liga para o pai. Disse que hoje seus pais são amigos e conversam bastante.

André comentou que seu pai não bebe, nem briga mais com a mãe, parece que ele está tentando se reaproximar da mãe.

Paula destacou que o pai sempre diz adorá-la e lhe compra presentes.

Pedro revelou ter uma boa relação com os pais, embora tenha citado que o pai tenta manter-se distante da família.

Apenas a entrevistada Juliana reclamou não ter um maior contato com os pais. Alegou sentir muita falta do pai e que este não liga mais para ela. Contou que apesar da mãe lhe dar o que quer, ela não lhe dá *"amor e carinho, o que uma criança quer da mãe"*.

Observamos nos relatos das crianças, uma divisão entre *"bom"* e *"mal"* relacionamento com seus pais, porém nenhuma delas interferiu no tipo de relacionamento, aceitando o que os pais lhes oferecem.

Todos os pais entrevistados demonstraram procurar manter uma boa relação com seu ex-cônjuge.

Os três pais entrevistados disseram ter uma relação tranqüila com o ex-parceiro, embora seja uma ligação mais distante e limitada aos interesses dos filhos (pensão, educação, etc.).

Dois adultos participantes comentaram que, atualmente mantém um bom relacionamento com o ex-cônjuge. Relataram terem se tornado melhores amigos, sempre conversando e trocando conselhos sobre diversos assuntos.

- Quanto a definição de pai

Todas as crianças, em seus relatos, deram significados positivos à definição de pai, buscando conceitos em suas próprias vivências e no imaginário infantil da figura paterna.

Nove crianças entrevistadas referiram-se ao pai de forma afetiva e usaram da subjetividade para defini-lo. "*Carinhoso*" foi a palavra mais utilizada pelas crianças.

Metade dos participantes infantis apontaram como características paternas, certas atitudes que não eram tomadas por seus pais ou ocorriam de forma inversa.

Apenas a entrevistada Camila definiu pai como aquele que lhe compra brinquedo, não utilizando sentimentos e sim o ganho material nessa definição.

Abaixo seguem as principais definições das crianças quanto ao conceito de pai:

- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| - <i>peessoa legal</i> | - <i>carinhoso</i> |
| - <i>que fica junto</i> | - <i>bondoso</i> |
| - <i>que conversa</i> | - <i>participa das coisas</i> |
| - <i>está sempre presente</i> | - <i>é respeitar</i> |
| - <i>que assiste televisão</i> | - <i>trabalha</i> |
| - <i>toma café da manhã</i> | - <i>não chuta nada</i> |
| - <i>respeitar a família</i> | - <i>não beber</i> |
| - <i>cuidar bem do filho</i> | - <i>aquele que não se separa</i> |
| - <i>tem que brincar</i> | - <i>não bater</i> |
| - <i>ficar mais tempo com a gente</i> | - <i>tem que brincar</i> |
| - <i>aquele que dá amor e carinho</i> | - <i>tratar bem as pessoas</i> |

- não briga com os filhos nem com a mulher - compra brinquedo

Todos os entrevistados adultos deram grande importância ao papel paterno, à sua presença e participação na vida familiar. Manter diálogo com os filhos, foi uma idéia constante nos relatos.

José definiu pai como *"o exemplo de conduta", "responsável por ensinar aos filhos novas formas de se aprender"*.

Alice definiu pai como sendo a *"base e apoio da família"*, disse que *"se ele (pai) desanimar, toda família desanima também"*. Ressaltou que a amizade e o diálogo devem constar no relacionamento entre pai e filho, assim como a orientação e os limites.

Ana destacou a importância do pai ser carinhoso e dedicado aos filhos e vice-versa.

Duas participantes adultas demonstraram dificuldade para definir o papel de pai, pois alegaram terem perdido o seu referencial paterno muito cedo, ainda quando criança. Beatriz definiu o pai como protetor. Bete, além da proteção citou também como essencial a orientação e participação do pai na vida cotidiana da criança.

- Quanto a definição de mãe

Em relação aos relatos das crianças, percebemos que todas tentaram definir a figura materna baseadas naquilo que a mãe deva “*ser*” ou “*fazer*”, mas sempre destacando significações positivas.

Oito crianças entrevistadas procuraram também utilizar da subjetividade para definir o papel materno. Utilizaram palavras e atitudes positivas e afetivas nesse item. “*Carinhosa*” também foi uma palavra freqüente nos relatos.

A entrevistada Camila definiu mãe como aquela que “*compra brinquedos*”, conceito semelhante a figura do pai.

Jorge destacou que “*a mãe deve ser brava*”, ao contrário da postura paterna, “*o pai deve ser bonzinho*”.

Abaixo segue as principais características listadas pelas crianças:

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| - é legal | - boazinha |
| - dar carinho | - ter paciência |
| - tem que conversar | - brincar |
| - dar amor pra gente | - cuidar do filho |
| - gostar muito do filho e do marido | - tudo |
| - não trair o marido | - não trair o filho |
| - é que dá abraço | - que pode contar as coisas |
| - está sempre presente | - é uma coisa muito legal |
| - dá atenção | - compra brinquedo |

- é pessoa que guia você até quando
for casar, estar junto e te ajuda sempre
que precisa

- cuida, leva, entra nos lugares
com a criança

Todos os entrevistados adultos foram unânimes em destacar como fundamental a figura materna na vida dos filhos. A mãe dá amor, carinho e respeito aos filhos. Ela é responsável pela educação dos filhos, devendo conversar e incentivar a criança.

Beatriz relatou que embora a mãe também passe a idéia de força, proteção e segurança assim também como o pai, ela é um pouco mais doce, tendo um jeito diferente de lidar em determinadas situações mas nem por isso tenha menos autoridade.

José comentou sobre a imposição dos papéis sociais a figura materna, cobrando dela certas atividades que poderiam ser divididas entre o casal. Apontou a importância da mãe como instrutora emocional. Comentou que tanto o pai quanto a mãe possuem os dois lados : paterno e materno, cabendo a cada um exercitar esses lados.

Foi observado que duas entrevistadas apoiaram-se em suas vivências, com suas próprias mães, para definir o papel materno. Beatriz revelou que sua mãe, pela sua própria personalidade, acabou suprimindo as carências deixadas pelo pai, influenciando seus comportamentos, valores e atitudes frente a vida. A entrevistada Alice apontou como características fundamentais à figura materna, aquelas que não estiveram presentes na sua relação mãe-filha.

- Quanto a definição de família

Todas as crianças entrevistadas apresentaram definições positivas da família. Citaram como importante a presença de outros membros da família, destacaram a união, reunião, segurança, coesão como pontos essenciais. De certa forma, parecem partir de suas próprias experiências familiares, ressaltando o que foi vivenciado positivamente e sugerindo a mudança nas ocorrências negativas.

Apresentamos abaixo uma lista das principais definições dadas pelas crianças:

- é pai, mãe, tio, vó, bisavó
- tem que ter pai, mãe, irmão
- é para cuidar das crianças
- tem que ser unida
- é uma coisa importante, porque a gente tem nosso irmão, nossa mãe, nosso pai
- reunir tudo, estar todo mundo junto, só o pai que não
- é pra manter as pessoas unidas, elas formam um conjunto de pessoas pra serem mais felizes
- é boa, não é brigar, sem chutar nenhuma coisa
- é a base
- sempre comemora as coisas, ela sempre está junto de você, te ajuda

- pessoas que vivem juntas e se gostam
- aqueles que se importam com você, gostam de você, estão perto, você pode contar com eles
- cuida de você, que entende e ajuda
- é importante
- dá educação pra gente, pra respeitar os mais velhos

Quanto aos relatos dos adultos, estes apontaram a forte importância da família em suas vidas, citaram significados como amor, carinho, união e apoio.

José destacou que a família é a célula da sociedade, é o primeiro contato da criança com a sociedade, onde ela sofrerá os primeiros polimentos e limites.

Bete ressaltou que a família tem que fornecer o necessário para uma criança: amor e carinho.

Beatriz revelou que sua idéia de família refere-se a reunião de todas as pessoas, realizando atividades quotidianas em conjunto, com participação de todos os familiares.

Alice definiu como família, a boa relação entre o casal, onde há diálogo e valorização dos filhos. Comentou sua experiência negativa com o casamento lhe deu base para rever os itens fundamentais para uma convivência feliz.

Todos os entrevistados, crianças e adultos, destacaram a grande importância da família, do sentimento de pertencer e de segurança, a união, coesão que ela proporciona.

- Quanto a definição de casamento

A maioria das crianças entrevistadas destacou, em seus relatos, a condição das pessoas se gostarem como fundamental para ficarem juntas e serem felizes.

André relatou que não gosta de falar sobre esse assunto, disse que é importante estar sempre junto e não brigar, *"nem se separar"*.

Camila deu uma definição prática e objetiva, *"é quando o pai e a mãe casa, a mãe fica grávida e depois nasce o bebê"*.

Metade das crianças entrevistadas disseram pretender se casar no futuro, assim que encontrarem uma *"pessoa legal"*, que gostem e vice-versa.

Três crianças participantes mostraram-se indecisas em relação ao casamento.

André diz que não gosta de falar sobre o assunto. Relatou que seus pais já o aconselham para não beber, nem ofender ou brigar com a esposa e com os filhos.

Camila afirmou que não quer se casar, respondendo enfaticamente *"porque é ruim"*.

Abaixo segue uma lista das principais definições das crianças quanto ao conceito de casamento:

- é assim : casou, depois não pode separar mais, tem que ficar junto
- uma pessoa morar junto, nunca brigar nem se separar, estar sempre junto
- quando as pessoas se casam, porque elas querem ser felizes
- tem que ser sem brigar, os dois gostarem um do outro, tem que ter carinho um pelo outro
- é formar uma nova família, tem que ter amor, respeito, união
- pessoas que se gostam e se casam, estão prontas sabendo que vão ter filhos, querem viver juntas e cuidar dos filhos
- é quando o pai e a mãe casa, a mãe fica grávida e tem o bebê
- ter uma união entre o marido e a mulher
- é quando duas pessoas se casam porque se gostam, tem que se gostar
- é bom

Todos os adultos entrevistados apontaram o diálogo como elemento fundamental no casamento. Embora termos notado que em todos os casos relatados, não houve diálogo, não sendo possível essa “troca” entre o casal.

José definiu casamento como a união entre duas pessoas, onde há diálogo e ambos têm objetivos comuns.

Beatriz destacou que sua idéia de casamento está extremamente ligada a sua noção e vivência em família, através da qual as pessoas se reúnem e se mantêm unidas em torno de um objetivo comum.

Ana relatou que embora tenha sofrido em seu casamento, havia partilha e felicidade entre eles, eram felizes “do jeito deles”.

Alice ressaltou que o casamento não é só no papel, tem que haver amizade e respeito entre o casal, *"um saber ouvir o outro."*

- Quanto a existência de diferenças entre crianças, filhos de pais que moram juntos e crianças, filhos de pais separados

A maioria das crianças afirmaram haver diferenças entre as crianças que são filhos de pais separados e as crianças, que são filhos de pais que moram juntos. Suas justificativas apoiaram-se na idéia de como é o dia a dia, o cotidiano da criança que tem os pais separados. Argumentaram que essa criança sofre mais e pode ter prejuízos emocionais e escolares em função da falta da presença do pai e/ou da mãe na dinâmica familiar.

Camila justificou que o pai que está separado da família, faz falta ao filho e este quer que o pai esteja junto dele.

Patrícia considerou a criança que tem os pais juntos, *"é mais feliz."*

André comentou que o filho de pais separados tem que ficar uma vez com o pai, outra com a mãe, e que eles podem usar de força para conseguirem fazer valer seu direito de visita. Disse que quando os pais moram juntos, eles podem ir juntos, os três, a qualquer lugar.

Paula reclamou dizendo que o pai que mora junto está dando amor e carinho pra sua família, além de não estar fazendo *"coisa errada"*. Diferente do pai separado, que pode até dar amor e carinho, mas está fazendo *"coisa errada"*: está separado e longe de seus filhos.

Juliana destacou que os pais que estão juntos, estão para ajudar na alegria e na tristeza. Os filhos de pais separados podem até se apegar a outras figuras, mas sentem falta de carinho. E podem ter problemas, por não terem tido seus pais presentes nos momentos em que precisaram.

Apenas três crianças entrevistadas disseram não encontrar diferença entre essas crianças, pois todas *"tem pai e mãe"*.

João relatou que ter só a mãe é como ter o pai também, *"depende dos pais dar liberdade e limites pros filhos"*.

Dois participantes infantis afirmaram, inicialmente, não verem diferença entre essas crianças, mas no decorrer de seus relatos acabaram apontando as diferenças.

Jorge disse que os filhos de pais separados tem mais liberdade, podem sair mais de casa e fazer mais bagunça.

Mônica argumentou que a criança que tem os pais separados, *"vê o pai de sábado e domingo, e sente muito sua falta."*

Em relação às entrevistas realizadas com os adultos, dois deles consideraram não haver diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças filhos de pais que moram juntos.

Beatriz ressaltou que depende da estrutura que a família dá para a criança. Se é uma família onde não há respeito nem diálogo e as pessoas vivem brigando,

muitas vezes, a criança sofre mais ou é mais desequilibrada emocionalmente do que numa família em que os pais estejam separados.

José argumentou que depende da conduta adotada para lidar com a situação, pois *“os problemas são muitos mas a forma de lidar com eles é fundamental, independente de estar separado ou não. Então, depende da liberdade que você dá pro seu filho, a questão dos limites e do exemplo que você dá”*.

Outras três entrevistadas relataram encontrar diferenças entre essas crianças.

Ana argumentou que a separação prejudica a criança, pois *“ela gostaria de crescer e conviver num lar com os pais”*.

Alice sugeriu que o filho de pais que moram juntos, que mantém uma boa relação, pode ser mais mimado em comparação ao filho de pais separados, *“que amadurece mais ao lidar com o fato de que nem tudo é perfeito.”*

Bete considerou haver diferenças entre as crianças, porém partiu para uma linha de raciocínio diferente. Relatou que os filhos de pais separados *“sendo bem criados, não trarão problemas para a sociedade; e que os filhos que vivem com os pais juntos, mas brigando, estes sim podem dar problemas para a sociedade.”*

Argumentou que a criança pode transferir o que vê entre o casal para o mundo externo, citou a relação entre o alto índice de violência e o relacionamento familiar. *“Os pais esquecem de dar carinho e respeito para a criança por estarem todo tempo brigando ou por estarem correndo atrás de melhorias para si mesmos”*.

A maioria das crianças vêem diferenças entre os filhos de pais separados e os filhos de pais que moram juntos, apontam principalmente o prejuízo emocional que pode ser causado pela ausência do pai.

Em sua maioria, os adultos participantes concordaram com esse prejuízo emocional, embora reafirmem, em seus relatos, a importância da qualidade do relacionamento mantido com os filhos, independente da separação.

- Quanto a possibilidade dos pais casarem-se novamente

Três crianças entrevistadas não concordaram com a idéia dos pais se casarem novamente.

André argumentou que existe criança que *"não gosta do padrasto e gosta do pai"*. Ressaltou a necessidade da mãe conversar com a criança, senão ela pode ficar *"emburrada"*.

Camila disse que os pais não podem se casar novamente, não vê necessidade porque *"já tem ela e o irmão"*.

Jorge justificou a impossibilidade dos pais se casarem novamente, devido ao fato de acreditar que casamento é só uma vez, com aquele marido, *"não pode juntar com outra pessoa !"*

As demais crianças não consideraram problema a idéia dos pais se casarem novamente.

Patrícia disse que os pais podem se casar novamente, desde que considerem a opinião de seus filhos.

Juliana relatou que os pais tem o direito de tentar ser felizes de novo, mas não podem se esquecer de dar amor, carinho e atenção para os filhos.

"Não é porque está tentando ser feliz, que vai esquecer do filho e não vai mais visitá-lo ou amá-lo !".

João concordou que os pais podem fazer uma nova tentativa, argumentou que pode acontecer do filho não gostar, *"mas depende da outra pessoa ser legal, da mãe, de entrarem num acordo".*

Dois entrevistados ressaltaram que essa decisão depende dos pais e do novo parceiro.

Pedro sugeriu ao pai que não volte a chutar as panelas, *"senão a mulher vai largar dele".* Sua mãe pode casar-se novamente, *"se for um homem bom, educado, calmo, que não liga pra nada. "*

Mônica relatou não ver problemas no caso da mãe casar-se outra vez, pois continuará tendo seu pai do mesmo jeito, *"é o meu pai verdadeiro".*

Paula concordou com a idéia da mãe casar-se novamente, mas disse que o novo par não será igual a seu pai. Argumentou que casamento é somente uma vez, na segunda vez não dá certo, *"pois a pessoa não vai mais ser feliz, depois vai que o homem é mal e a pessoa sofre. "*

Vanessa mostrou-se indiferente a um novo casamento dos pais, argumentou que não mudaria muita coisa para ela, *"a vida continuaria sendo a mesma, eu teria meus amigos, as mesmas pessoas e só um padrasto ou uma madrasta"*.

A possibilidade e o direito dos pais casarem-se novamente foi unânime entre os entrevistados adultos, todos acreditam que tem o direito de reconstruírem suas vidas.

Duas entrevistadas comentaram terem receio de um novo *"fracasso"*. Falaram sobre suas dúvidas, incertezas e ansiedades em relação a vida ao lado de um novo parceiro.

Ana, apesar de ter concordado com o direito de se casar novamente, *"desde que haja entendimento dentro de casa"*, repudiou a idéia dela casar-se outra vez pois acredita que casamento *"é único"*.

- Mensagens

A maioria das crianças registraram mensagens positivas, incentivando e apoiando outras crianças, tentando apresentar algum tipo de solução.

Mônica aconselhou para que não ficassem tristes, nem se deixassem abater pois sempre teriam seu pai e sua mãe.

João sugeriu que a pessoa não fique revoltada nem maltrate as outras pessoas, *"a separação é uma coisa séria mas a relação com seus pais não vai mudar"*.

Paula aconselhou que não reagissem como ela, ficando sem fazer nada na escola e só chorando, pois de nada adiantou e ela quase repetiu de ano.

Juliana incentivou a criança a seguir em frente, ficando com quem gosta e dá amor, atenção e carinho para ela.

Vanessa comentou que a criança não pode ficar triste, pois estaria ao seu lado.

André pediria aos pais da criança para conversarem e tentarem melhorar, pois ele e seus pais já passaram por isso e agora estão felizes.

Camila diria para o pai parar de brigar com a mãe da criança.

Apenas três crianças entrevistadas não quiseram deixar nenhum tipo de mensagem, preferindo nada dizer.

A maioria das crianças voltou suas mensagens às outras crianças também, parece como num gesto solidário.

As mensagens deixadas pelos entrevistados adultos, também foram todas positivas. Destacaram os principais pontos, em suas opiniões, que deveriam ser motivo de reflexão para aqueles que enfrentam um processo de separação.

Os relatos foram baseados em suas próprias experiências, nas formas pelas quais lidaram com suas separações.

Ana relatou que deve haver união entre o casal, apesar das dificuldades que possam surgir.

Alice atentou para a reflexão acerca dos motivos da separação. Aconselhou que o casal deve tentar superar os problemas juntos, pois engrandece e fortalece a relação.

José argumentou que a separação pode ser apenas uma *"válvula de escape"*. Comentou que quando há um corrompimento na célula familiar já não existe mais casamento. Destacou a necessidade de se conhecer melhor o outro, os princípios e os planos de cada um. Relatou que, caso ocorra a separação, devemos encará-la como uma receita, onde cada um tem uma massa na mão e pode trabalhá-la de acordo com o que sabe e pode.

Esses três entrevistados voltaram suas mensagens aos pais, ao casal, ao que está ocorrendo com eles na relação, e que pode levá-los a separação de fato.

Outras duas entrevistadas estenderam sua mensagem aos pais e aos cuidados e atenção com a família e filhos.

Beatriz ressaltou que os pais devem colocar os filhos em primeiro plano, como prioridade. Os pais devem reconstruir suas vidas, mas devem atentar para uma nova vida que está sendo formada e que deve ser prioridade

Bete destacou a importância do respeito a família, os pais devem mostrar transparência em seu relacionamento, *"devem fazer de seus filhos, homens e mulheres pro futuro"*.

VI- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados obtidos nesta pesquisa, permitem reflexões acerca de muitos fatos importantes e inerentes a decisão e ao processo de separação de um casal. Nota-se que, em todos os relatos, não houve esclarecimento dos pais para com seus filhos, sobre o que estava ocorrendo na família. Em nenhum momento houve menção de preparar os filhos para a ruptura familiar.

Muitos pais, ou por negligência ou por não estarem preparados, não compartilham com seus filhos o que está ocorrendo na dinâmica familiar. A criança tem o direito de saber o que está acontecendo com sua família, assim como pertence a ela, também torna-se um agente participativo desse processo. Muitas vezes, em função dessa falta de informação, as crianças podem apresentar "medos" oriundos da quebra da unidade familiar : medo de não voltar a ver o pai, medo do abandono, da rejeição. Podemos observar essa preocupação no relatos abaixo :

"Só que eu não sei o que aconteceu (...)porque ele me abandonou..."

(Paula)

" Eu pensei que nunca mais ia vê meu pai (...) eu pensei que nunca mais ele fosse voltar. Foi muito ruim." (Mônica)

Além de poderem criar falsas crenças em relação ao que está realmente ocorrendo, as crianças na expectativa de ser apenas *"mais uma briga"* despertam a esperança de verem os pais unidos novamente como casal.

O desconhecimento e o não envolvimento no processo de separação dos pais, pode levar a criança a apresentar problemas escolares e dificuldades emocionais, em função de sua desconfiança e insegurança em relação ao mundo. Podendo até mesmo, utilizar essas dificuldades como forma de desfocar a atenção dos pais, na tentativa de manter os pais unidos através dos cuidados com a sua "doença", na ânsia de salvar o casamento dos pais e sua própria segurança.

"A separação dos pais é uma circunstância agravante no processo de identificação das crianças com seus papéis sexuais. A separação ou divórcio questiona os referenciais afetivos da criança." (Dolto, 1991: 52)

A quebra da unidade familiar, leva os filhos a questionarem e reconstruírem sentimentos, percepções, valores e atitudes. Os comportamentos das crianças evidenciam uma crise da estrutura familiar.

De acordo com GOLDSTEIN (1987), o apoio e o respeito pela autonomia de uma criança longe de abalar a sua confiança, fornece as condições para que possa melhor desenvolver-se. Quando ocorrem mudanças das figuras de pai e mãe tornam-se evidentes a vulnerabilidade da criança e a fragilidade do

relacionamento. A criança retrocede por toda a linha de suas afeições, habilidades, conquistas e adaptação social.

A maioria dos pesquisadores concordam ao dizer que há um abalo na confiança da criança em relação a si mesma e aos outros. As crianças podem manifestar essa insegurança de diversas formas, verbal, através de comportamentos ou até mesmo através de sintomas psicossomáticos.

Todas as crianças tendem a manifestar sua ansiedade e angústia, tanto a criança da pré-escola por meio de comportamento regressivo como a criança em idade de latência, por meio de agressão e retraimento.

A falta de envolvimento da criança nesse processo, deixando - a apenas entregue às conseqüências dessa decisão, pode prejudicar o desenvolvimento de sua autonomia. A criança precisa ter os referenciais masculino e feminino para poder identificar-se e diferenciar-se como pessoa. É nessa trama de relações que desenvolve, desde o nascimento, com os seus pais, onde irá basear todas suas outras relações com o mundo.

DOLTO (1991) relata que, se os filhos estivessem a par da situação, sendo informados, não viveriam num sonho (que procuram manter). Considera um engano não informá-los, pois as crianças são totalmente capazes de assumir a realidade em que vivem.

"Já que a vivem, isso prova que a assumem inconscientemente; mas é preciso opor-lhe palavras, para que essa realidade se torne consciente para elas

e seja humanizável. Caso contrário, em vez de humanizar a verdade, elas a animalizam ou então idealizam". (1991: 30)

Para a autora, é importante a criança ter conhecimento que o divórcio é sempre o mal menor, quando a vida em comum se torna insuportável. É esse clima instável que o divórcio tem por finalidade cessar.

Os pais, por outro lado, em seus relatos, não apresentaram a preocupação em estar dividindo, compartilhando esse "problema" com os filhos. Colocaram a separação como um momento muito difícil por trazer muitas dúvidas e incertezas. A decisão partiu somente dos pais.

Em quase todos os relatos infantis, foi mencionada a ocorrência de brigas entre seus pais, antes da separação. Sendo a separação apontada, muitas vezes, como algo ruim. As crianças não se envolveram nas brigas dos pais, ficando a parte dos desentendimentos, sem tomar partido de nenhum lado. Embora a ocorrência de brigas e discussões fosse algo marcante, a maioria das crianças deu uma conotação negativa a separação.

Os adultos, mesmo com receio em relação a sua decisão, demonstraram ver na separação, uma alternativa para solução das crises conjugais.

As crises conjugais podem envolver muitos conflitos entre o casal desde carências afetivas e emocionais. Pode ocorrer também divergências em relação aos papéis de cada um dentro do casamento. Surgindo o divórcio parental e o divórcio conjugal, como já foi discutido anteriormente, o que dificulta a compreensão da separação como um todo. Torna-se fundamental dissociar o

divórcio parental do conjugal, restabelecendo os papéis homem e mulher dentro do matrimônio, favorecendo uma melhor adaptação dos filhos ao rompimento familiar.

O exercício de ser pais contém a história e o aprendizado de ser filhos : os desejos, as satisfações e as frustrações da história de vida de cada um como filho e de cada um em relação aos seus próprios pais. O casal muitas vezes, mantém uma relação parental e não de igual pra igual dentro do casamento, como dois seres individuais que buscam crescer juntos como casal homem-mulher (esposa-marido).

De acordo com FEDULLO (1994), um ponto de grande dificuldade para ocorrer essa diferenciação são as projeções recíprocas no casal marital das próprias necessidades como filhos. Coloca que as pessoas ao se casarem, podem estar tentando resolver situações dolorosas de sua história parental. Como uma forma de aprender o que não puderam, uma tentativa de vivendo o tempo presente, recuperar e reconstruir o tempo passado.

Ao se separarem, homens e mulheres, tomados pelo sentimento de fracasso, podem assumir uma postura de filhos frustrados dos ex-cônjuges e expressarem, através de seus próprios filhos, suas necessidades, denotando os sintomas mais dolorosos da separação. Dessa forma, os pais ficam presos em suas frustrações e angústias, não conseguem continuar a exercer o papel que os filhos esperam deles, com atenção e compreensão.

"O homem e a mulher falam com voz de filhos frustrados para o ex-cônjuge, o que impede que ambos possam ser pais dos filhos verdadeiros" (Fedullo, 1994: 135).

Esses filhos podem ficar abandonados como filhos, órfãos de pais. Como podem assumir uma função parental na família, tornando-se pais dos próprios pais e irmãos, para que não sofram nem sintam o vazio deixado pela ruptura familiar. Esses filhos podem ocupar, em última análise, a função marital para que, com a triangulação, não se sinta a ausência do outro par conjugal, evitando sofrimentos.

Para FUCUTA (1997), o processo de separação exige um certo período de "luto" (reelaboração e reconstrução interna), no qual as pessoas experimentam sentimentos de culpa, tristezas profundas, rejeições e fracasso. Podem se sentirem fracassadas, porque o divórcio representa o fim de um projeto de vida; a culpa advém de se julgar incapaz de salvar esse projeto.

Assim, os pais estariam ocupados resolvendo suas funções parentais, muitas vezes frustradas nas relações conjugais. Podemos notar isso em relação ao fato dos pais colocarem como essencial o diálogo, mesmo que em suas relações isso não tenha estado presente.

Para as crianças, a separação parece trazer a negação, a ruptura do seu castelo de sonhos, dos contos de fada. O medo em relação ao desconhecido

sempre surge, mas a superar esse medo parece depender de se ter apoio e consciência do que está ocorrendo.

Como contar à criança sobre a separação dos pais parece ser uma questão delicada e que dá margem a muitas discussões. Uma das formas aconselhadas por muitos psicólogos é usar de franqueza: os pais não querem mais continuar juntos como parceiros/namorados. É indispensável que fique claro para a criança, que isso não muda o amor que sentem por ela, não deixarão de serem pai e mãe. Outra ressalva refere-se a não usar os filhos como joguetes em brigas. Além disso, tem que haver o cuidado de falar em separação quando não há mais outra saída, ou seja, quando realmente ela vai ocorrer, para não desestabilizar a segurança emocional da criança sem real motivo.

O que pode ser observado é que quando o processo de separação é bem conduzido, ou seja, a criança é informada da separação, a criança parece sofrer menos. Vide relatos de João, que respeitou a decisão dos pais; assim como Vanessa, que mostrou-se menos ansiosa e triste quando foi informada das visitas que receberia do pai. Ao contrário do caso de Paula, que relatou que o pai foi embora e nada disse, mesmo tendo ocorrido uma traição conjugal, ela e a mãe desejam uma reaproximação do pai.

O principal problema parece não ser a separação em si, mas o tipo de relação mantida entre as pessoas. Uma criança cuja história vem sendo marcada por constantes brigas e ameaças de violência, cujos pais se separaram de maneira mais problemática, possivelmente apresentará maiores prejuízos emocionais e afetivos. Pode-se observar, na maioria dos relatos infantis, que,

embora admitiam brigas entre os pais, davam a separação uma conotação negativa. Isso também é observado em relação aos conceitos de pai, mãe, família e casamento, nos quais predominaram definições afetuosas, subjetivas e carinhosas, procurando manter uma coesão e união entre os membros da família. Nota-se também que os entrevistados buscaram em suas próprias experiências, significados e adjetivos para essas definições.

Segundo KASLOW (1995), atualmente está em destaque a idéia de que as conseqüências negativas de se vir de um "lar desfeito" podem ser potencialmente modificáveis e não são permanentes. Os problemas permanentes resultantes da infância podem advir de conflitos entre os pais no período pré-separação do que propriamente do divórcio, ou também por continuarem a morar com os pais, em lares marcados por contínuas brigas e abusos.

Também foi possível perceber, nos relatos das crianças, a presença de algumas das fases já descritas anteriormente descritas por KASLOW (1995: 191):

A fase de reconhecimento da realidade da separação conjugal, que pode envolver medo de abandono e regressão do ego, parece estar presente nos relatos infantis em relação ao medo de serem abandonadas e rejeitadas pelos pais.

"Eu não aceitava a separação , como lógico, toda criança não aceita. O que acontecia comigo era que eu ficava doente, eu chorava muito. "(Juliana)

"Eu pensei que não fosse nunca mais ver meu pai ." (Vanessa)

"A criança que tem os pais juntos é mais feliz. " (Patrícia)

"Meu pai não conversava comigo. " (Pedro)

A fase de resolução da perda, onde irá aparecer a interrupção das tradições familiares, a perda de um dos pais na convivência diária e a sensação de rejeição e de não ser amado.

"Ele falou que me amava, me adorava..." (Paula).

"O pai que tá separado faz falta. " (Camila)

"Ele não brinca mais, só de vez em quando (...) Tem dia que vem no sábado, outro dia no domingo mas ele não brinca mais que nem antes. " (Mônica)

"Mas o que eu queria mesmo, era o amor e o carinho dela, que ela não me dá. E do meu pai, eu queria ver ele, tô com saudade dele, eu sinto falta dele, eu tenho vontade de desabafar. (...) Mas ela (mãe) não me deu essa oportunidade (...) Então eu fiquei muito triste porque eu queria que eles (pais) comigo e não tenho. " (Juliana)

A fase de resolução da raiva e da auto-acusação, relacionado a incapacidade de algumas crianças de acreditar no conceito legal do divórcio sem justa causa, onde tentam sempre encontrar uma resposta.

"Eu acho que eles se separaram por minha causa.(...) Eles brigavam (...) Porque minha mãe tava grávida e meu pai pôs ela pra fora, na chuva (...) Era muita briga, sabe. " (Camila)

"Ele foi embora sem me falar nada, pra eu não sentir dor. Mas depois eu senti mais dor ainda, por ele não ter me falado nada. Ninguém me explicou nada".

(Vanessa)

"Meu pai bebia, eles brigavam muito. Minha mãe teve que arrumar outra casa.(...) Agora meu pai não bebe muito mais, não briga mais com minha mãe. Parece que meu pai tá mais perto da minha mãe, querendo voltar" (André)

"Meu pai não trabalhava, ficava na rua, faltava as coisas em casa, não dava pra gente comprar, não tinha dinheiro. Eles brigavam todo dia, toda hora."

(Jorge)

"Daí a maçã do amor da minha irmã caiu no chão e ele jogou na testa da minha mãe, daí eles se separaram. Antes, eles brigavam muito. " (Patrícia)

"Ele era bonzinho pra mim, sabe (...) Só que eu não sei o que aconteceu. "
(Paula)

"O meu irmão não parava em casa (...) tava nas drogas. O meu pai batia nele, daí ele culpava eu, meu outro irmão, minha mãe. Daí minha mãe brigava com ele e saía de casa." (Juliana)

Em relação a possibilidade dos pais se casarem novamente, as crianças mostraram-se divididas, embora a maioria discordasse de um novo casamento dos pais. A insegurança afetiva foi marcante nos relatos, caracterizados pelo temor de serem esquecidos ou não amados pelo pais.

"Não, eu acho que não. Já tem eu e meu irmão !" (Camila)

"Eles podem se casar de novo se perguntar pros filhos o que eles acham".

(Patrícia)

"Eu acho que não dá certo. Porque tem certas crianças que não gosta do padrasto, por exemplo. Tem criança que não gosta, que gosta mais do pai do que do padrasto." (André)

"Eu acho que casamento é o primeiro, segundo já não dá certo. A pessoa não vai mais ser feliz, tem que ser o primeiro mesmo, né. Porque depois vai que o homem é mau, a pessoa sofre." (Paula)

"Casamento é só uma vez, só com aquele marido, não pode juntar com outra pessoa! Em casa ficava eu, minha mãe e meu irmão". (Jorge)

"A minha mãe pode casar de novo se fosse um homem bom, educado, não ligar pra nada, calmo". (Pedro)

"Mas eles não podem esquecer de dar amor, carinho e atenção pros filhos. Não é porque ele tá tentando ser feliz de novo, que vai esquecer do filho, e não vai mais visitar ele ou amar ele." (Juliana).

Após a separação, se o cônjuge com quem as crianças moram começar a sair para "encontros", as crianças mais jovens podem se sentirem traídas por esse novo comportamento, causando um tipo diferente de ausência.

De acordo com estudos desenvolvidos por KASLOW (1995), um novo casamento também pode afetar as crianças de diferentes formas, dependendo da idade dos filhos e da época em isso aconteceu.

"Tanto entre as crianças em idade pré-escolar quanto entre as crianças do primário, existe um forte desejo de que os pais voltem a ficar juntos para que a família possa ficar novamente "completa". Algumas crianças negam a separação e a substituem pela fantasia de que o cônjuge ausente está viajando e deve voltar logo. Esta fantasia pode persistir, mesmo quando um ou ambos os pais estiverem tendo encontros ou se casem de novo. Com o talento da criança para o pensamento "mágico", o intruso indesejado é "como se não existisse", e pode ser ignorado ou tratado sem educação - porque a criança projeta a culpa da ruptura familiar nessa nova pessoa - mesmo que ela possa ter entrado em cena depois que o divórcio já havia sido definitivamente consolidado.(...) Com freqüência é extremamente difícil - e até impossível - que uma criança aceite a transgressão de um dos pais dos vínculos éticos /existenciais e morais que unem a família numa lealdade mútua. Como pode ser insustentável culpar um dos pais por violação do código familiar de integridade recíproca, o "intruso" é o receptor da hostilidade e culpa." (1995 : 239)

Enfim, o sentido pessoal, o significado que a criança vai dar à separação dos pais parece depender de como isso foi trabalhado pelos pais e com ela. Se foi algo sofrível para o parceiro responsável pela criança, ela assim o sentirá. Se o parceiro lidou com a separação de uma forma menos ansiosa e consciente, entendendo-a como forma de crescimento, então a criança parece melhor apreender e compreender esse momento. A sua história pessoal e o desenvolvimento afetivo e psicossocial devem ser fatores considerados.



A criança não só aprende a responder às atitudes de seus pais, como passa a utilizá-los como modelos da maneira de como se deve responder.

CASTILHO (1994) destaca que as crianças com histórico de rejeição pelos pais, passam a rejeitar ou continuam a ser rejeitadas pelos colegas.

Os pais precisam compartilhar com seus filhos os novos caminhos tomados pela família, como forma de garantir a confiança e autonomia de cada membro dela.

"Nossa experiência clínica indica também que, quando os arranjos de custódia conjunta são bem realizados, eles permitem que os filhos continuem se sentindo amados e importantes para ambos os pais e se beneficiem desse envolvimento e relacionamento com adultos carinhosos de ambos os sexos. Isso, por sua vez, ajuda os filhos a formarem sua própria identidade e a ganharem confiança sobre serem amados e valorizados." (Kaslow, 1995: 196)

Certamente cada criança, dependendo de sua idade e de sua história pessoal, reagirá de determinada forma, mas o que parece essencial é a maneira como os pais lidam e aceitam a separação conjugal. Em seus estudos realizados sobre o divórcio, muitos pesquisadores destacam que as crianças menores parecem mais vulneráveis ao divórcio, quando seu mundo especial e mágico é destruído. Em geral, elas podem apresentar ansiedade, confusão, medo do abandono e preocupações em relação a terem contribuído para a ruptura familiar. Algumas crianças, dependendo da idade, podem exibir regressões,

comportamentos anti-sociais, baixo rendimento escolar, sintomas psicossomáticos como asma ou distúrbios gastrointestinais. Outras crianças podem se defender dessa angústia canalizando suas energias para os esportes, para a escola, para as artes. Os filhos podem tentar oferecer conforto aos pais, como também podem não sentir a dor da quebra familiar.

“O essencial é que a criança saiba que nenhum dos pais está se divorciando - ou irá fazê-lo - do amor que sente por ela.” (1995 : 211).

Não foi observado, neste trabalho, nenhuma relação entre o sexo e a escolaridade com os temas analisados. Todas as crianças apresentaram tendência a não aceitar a separação dos pais, encarando-a como algo negativo. O receio em perder o amor dos pais, com a desestrutura familiar, independe da criança ser menino ou menina.

Culturalmente espera-se da mulher, figura emocional, uma maior desenvoltura ao tratar com os filhos sobre a separação. Nessa amostra isso não ocorreu, as mães embora tenham percebido os sofrimentos dos filhos, não conseguiram falar abertamente com eles. Essa dificuldade pode sugerir uma dicotomia entre o racional e o afetivo, entre aquilo que se espera na teoria e o que efetivamente acontece na prática, talvez ligada ao fato dos pais não conseguirem sair do seu papel de “vítimas”, para orientar seus filhos

Nessa pesquisa, entre os adultos entrevistados, tivemos uma participante que demonstrou ter esperanças em refazer o seu casamento, adotando uma

postura passiva e submissa, o que não favoreceu sua comunicação com seus filhos acerca da ruptura familiar. Em seu relato, podemos notar a presença de conceitos e valores tradicionais, uma educação rígida e paternalista, onde a mulher deve saber perdoar o homem, que por sua “natureza” transgride normas, código ético familiar, sem maiores consequências.

O fato de termos, atualmente, um maior número de informações disponíveis a respeito de rompimentos conjugais, nessa amostra, não garantiu uma melhor preparação de pais e filhos para a separação. Todos os entrevistados adultos possuíam nível universitário, o que poderia favorecer o esclarecimento na relação entre pais e filhos diante da ruptura familiar. Essa observação nos mostra que a separação interage com conteúdos emocionais profundamente internalizados. O fácil acesso a um maior número de informações, nesse caso, não garantiu um melhor enfrentamento da situação. A educação formal, como transmissora de conteúdos, parece não garantir ao indivíduo recursos internos para que possa apreender e reagir positivamente aos conflitos e desafios da vida.

Embora a literatura apresente o diálogo como um fator fundamental na relação familiar, o que pode também ser confirmado em todos os relatos adultos, na prática essa não foi a atitude adotada.

A maioria dos casais não fizeram uso do diálogo como forma de atenuar as crises e consequências dos conflitos familiares. Essa distância entre o discurso e a prática real refletem possíveis dificuldades emocionais subjacentes ao processo de separação, até mesmo uma certa imaturidade dos pais em lidar com a situação. Esse fator revela a necessidade de novas pesquisas nessa área, no

sentido de desmistificar as dificuldades que pais e filhos de compartilharem incertezas e emoções, colaborando para uma separação menos sofrida para todos.



VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho constituiu num resgate á percepção, ao sentido pessoal de crianças e adultos, que vivenciaram um processo de separação.

Os relatos apresentados trazem a tona todo o movimento interno, do que representou para essas pessoas a experiência da ruptura em suas unidades familiares. As falas estão repletas de incertezas e inseguranças, em relação as conseqüências desse processo, assim como suas possíveis causas.

Em seu aspecto objetivo, a situação que surge com a separação, pela sua natureza conflituosa e tensa, é considerada provocadora de sofrimentos (dificuldades de aprendizagem, comportamentais, emocionais). Da mesma forma, em seu aspecto subjetivo, pois questiona os referenciais afetivos e emocionais de cada pessoa, exigindo uma reestruturação dos papéis, valores e atitudes. As representações internalizadas e as reflexões originam sentimentos diversos, como foi visto nos relatos.

As crianças demonstram muita insegurança em relação a perda de um dos pais, assim como o amor deles. Quando a separação ocorre de maneira repentina, mesmo que dê fim a constantes brigas e discussões, traz dúvidas e incertezas para as crianças.

Os pais alegam, por outro lado, que procuram decidir da melhor forma possível, tentando evitar sofrimentos para ambos. Os mostram que a maioria dos pais ficam no papel de vítima, tentando defender-se ou entender o porquê da ruptura.

A maneira como os pais, os familiares, lidam com a situação vai influenciar diretamente o modo como as crianças enfrentam a realidade do divórcio. A quebra da representação idealizada de família feliz "para sempre", pode não ser tão traumática quando a criança sente-se segura e amada pelos pais.

O que parece embasar as concepções, aqui estudadas, não é a separação física do casal, mas, primordialmente, a proximidade afetiva e a ligação emocional entre pais e filhos.



Anexo A

Unidade de Aprendizagem 1 - Gramática

Nome

Idade

Sexo

Grupos sanguíneos

Número de filhos

Tempo de separação dos pais

Naturalidade

Naturalização

Religião

VIII

ANEXOS

Anexo A

Dados de Identificação Geral - Criança

Nome:

Idade:

Sexo:

Grau de instrução:

Número de irmãos:

Tempo separação dos pais:

Naturalidade:

Nacionalidade:

Religião:

Anexo B

Dados de Identificação Geral - Adulto

Nome:

Idade:

Profissão:

Sexo:

Grau de instrução:

Número de filhos:

Tempo de separação:

Naturalidade:

Nacionalidade:

Religião:



Anexo C

Roteiro de Orientação para entrevista

Crianças

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?
- Como você reagiu a separação dos seus pais ?
- A separação dos seus pais mudou sua vida ?
- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?
- Como você definiria pai ?
- Como você definiria mãe ?
- Como você definiria família ?
- Como você definiria casamento ?
- Você pretende se casar um dia ?
- Você acredita que tem diferenças entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?
- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?
- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

Adultos

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?
- Como você reagiu a separação ?
- Como seu filho (a) reagiu a separação ?
- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?
- Como você definiria pai ?
- Como você definiria mãe ?
- Como você definiria família ?
- Como você definiria casamento ?
- Você acredita que há diferenças entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?
- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?
- Se você pudesse dar uma mensagem a um casal que está se separando, o que você diria ?

Anexo D

Declaração de Informe e Concordância para Pesquisa (Adulto)

Eu, _____, declaro que fui informado dos objetivos dessa pesquisa sobre Separação Conjugal e concordei em participar da entrevista.

Assinatura

Anexo E

Declaração de Informe e Concordância para Pesquisa (Criança)

Eu, _____, declaro que fui informado sobre os objetivos dessa pesquisa sobre Separação Conjugal e concordei com a participação do meu filho _____ nessa entrevista.

Assinatura

ANEXO F

ANEXO F

Entrevistas

Entrevista com criança - Paula

- Como era a relação entre vocês antes da separação?

Antes, ele... levava nós passear, assim. Depois, a hora que ele separou, ele separou foi numa sexta feira acho, no sábado ele veio pegar todos os netos dele pra passear. Aí ele levou a gente, nunca ele levou sabe, a gente pra passear. A hora que ele foi embora, ele levou.

Ele era bonzinho pra mim, sabe. Tudo que eu pedia pra ele, ele fazia. Falava : "Pai, compra uma coisa pra mim?", ele comprava. Só que eu não sei o que aconteceu.

- Como você reagiu a separação dos seus pais?

Eu fiquei muito triste. Eu tinha acabado de chegar da escola, vi minha mãe brigando com ele, né. Aí minha irmã, acho, falou que ele ia embora, perguntei pra minha mãe por quê, ela falou por causa que ele tinha me levado lá. Porque primeiro ele me levou lá, na casa da outra mulher, pra depois minha mãe saber, você acha ? Aí eu fiquei triste, né, porque não pensava que ele ia fazer uma coisa dessas comigo, né.

Outro dia, ele levou a gente pra comprar uma coisinha perto da casa dele, eu falei assim pra ele: "Você tem vontade de chegar e pedir pra minha mãe pra voltar pra casa ?". Ele falou: "Não. Vou ficar lá pro resto da vida". Mas eu acho que não, porque sabe ela gosta muito de roubar as coisas dele, sabe.

- A separação dos seus pais mudou sua vida?

Ah...Olha, eu tava na 2º série quando ele foi, eu comecei a chorar, chorar na escola. Não parei mais, parei em agosto desse ano aqui. Eu não queria estudar, não fazia nada. Eu pensava assim sabe, porque ele me abandonou, pensava um monte de coisa assim, sabe, aí foi. Não fazia nada, nada, nada na escola. Aí minha professora foi conversando comigo, foi falando, depois foi a inspetora, diretora da escola. Ah, foi um monte de gente conversando comigo. Lá na escola foram falando que não adiantava chorar, que choro não adiantava nada, se resolvesse alguma coisa. Aí eu parei.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação?

Bom, ele gosta de mim que eu sei. Outro dia, eu vinha vindo da escola, ele me chamou pra comprar uma coisa lá na lojinha, perto da casa dele e falou pra mim que ele gosta muito de mim, sabe. É uma coisa feliz né, porque ele tá separado, vai gostar de mim? Se ele tivesse junto, ele gostava mais ainda, né.

Ele vem me ver, quando ele vem dar o dinheiro da pensão pra minha mãe. Aí quando eu encontro ele na rua assim, eu dou tchau, ele fala que gosta de mim. Eu penso assim : se ele gosta de mim porque ele não volta em casa; eu tenho vontade de falar: "Volta em casa se gosta de mim então.", não é ? Mas eu não tenho coragem de falar, tenho vergonha. Eu tenho vergonha e medo de que ele não vem.

Um dia, ele falou que me amava, me adorava, eu falei pra ele: "Mas volta em casa, então!", ele falou: "Eu não, eu não quero.". Mas eu acho... a hora que eu falei aquilo lá, ele abaixou a cabeça e ficou muito quieto, ele demorou uns dez minutos pra responder.

- Como você definiria pai?

Ah, se ele fosse um pai que não se separasse, ia ser muito feliz na minha vida, sabe. Porque depois que ele separou, parei, na 3º série eu tive umas 150 faltas, não ia na escola, ia gritando.

Pai é sem se separar. Eu acho que meu pai tem que dar carinho pra gente e amor, só que não se separando. Ele dava amor, carinho pra mim só que ele saía sabe, e chegava tarde em casa. Eu não dormia enquanto ele não chegava em casa.

- Como você definiria mãe ?

Ah, pra mim eu acho que mãe nunca faria isso pra mim, não. Porque minha mãe é boa sabe, tudo que eu pedir ela faz. Não faria do jeito que ele fez, sabe. Mãe é ... minha mãe é boa pra mim, eu gosto dela. E tudo que eu peço pra ela, ela deixa e depois eu agradeço.

Mãe tem que dar carinho, ela tem que dar amor pra gente. E eu gosto da minha mãe.

- Como você definiria família ?

Ah, família pra mim é uma coisa importante porque a gente tem nossa irmã, tem a nossa mãe, tem o nosso pai. Agora família pra mim é importante, a gente tem que se reunir tudo. Família tá todo mundo junto... só o pai que não, né.

- Como você definiria casamento ?

Bom, casamento pra mim tem que ser assim : é, casou depois não pode separar mais, tem que ficar junto.

- Independente do que aconteça entre eles ?

É, tem que ficar junto.

- Você pretende se casar no futuro?

Aí eu tenho que achar um namorado bom, que gosta de mim e eu gosto dele.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Tem diferença sim. Porque o pai que mora junto, ele tá dando amor e carinho e não fez coisa errada. Agora, o pai que é separado pode até dar amor e carinho pra gente, mas tá fazendo coisa errada porque ele tá lá longe, separado.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

O meu pai tá com outra mulher, sabe. Bom, se a minha mãe arrumar outro homem pra ela se casar, eu deixo, sabe. Mas, eu não acho que ele ia ser igual o meu pai, sabe. Porque meu pai era bonzinho pra mim. Agora, eu não sei se minha mãe vai se casar de novo, por exemplo se ela se casar eu não sei se aquele homem, que ela arrumar, vai ser igual o meu pai.

Bom, tem pessoas que eu conheço que separou e casou de novo, só que não foi feliz. Eu acho que o casamento é o primeiro, segundo já não dá certo. A pessoa não vai mais ser feliz, tem que ser o primeiro mesmo, né. Porque depois vai que o homem é mal, a pessoa sofre.

- Se você pudesse dar uma mensagem pra uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

Ah, eu falaria pra ela não ficar igual eu, sem fazer nada na escola, que eu não fazia nada. Pra ela não chorar, não ir gritando pra escola, não faltar da escola porque não adiantou nada eu chorar nem gritar, nem faltar da escola, que era pra mim tá repetindo de ano.

Mas eu diria para ela não chorasse na escola, igual eu chorei durante dois anos. Um dia, eu tava chorando na escola , aí eu fui conversar com a secretária. Tava conversando com ela lá, aí meu pai chegou e eu nem tinha percebido. Eu tava lá conversando e nem vi ele chegando, a secretária falou pra mim ir pelo corredor que tinha uma surpresa, aí eu vi ele lá , tava passando porque "ela" (referindo a atual esposa do pai) dá aula lá, sabe. Aí ele tava passando, eu conversei bastante com ele, ele falou um monte de coisa legal pra mim, sabe.

Entrevista com criança -Camila

- Como era a relação entre você antes da separação ?

Eles brigavam... Eu acho que eles se separaram por minha causa ou porque minha mãe tava grávida e meu pai pôs ela pra fora, na chuva. Aí minha vó recolheu ela. Era muita briga, sabe.

- Como você reagiu a separação ?

Ah, eu queria que eles tivessem juntos. Agora eu moro com minha vó porque eu quero, meu pai vem me buscar de domingo. Eu vou na casa da minha mãe de semana. Mas meu pai faz falta, eu queria que ele viesse morar comigo.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Um pouco, né. Eu não vejo mais meu pai e minha mãe junto, não tem briga mais todo dia... Mas meu pai não tá comigo.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Ah, eu vejo meu pai de vez em quando, no domingo quando ele me busca na minha vó. A minha mãe, eu vejo ela de semana, ela vai me vê na minha vó. Mas eu acho que eles nem conversam mais, só um pouco.

- Como você definiria pai ?

- Não. O meu compra brinquedo pra mim. Pai tem que comprar brinquedo...só.

- Como você definiria mãe ?

Mãe? Mãe tem que comprar brinquedo também, né.

- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se

- Como você definiria família ?

Família é pai, mãe, vó, tio... é...bisavó. Só.

- Fala pro pai para parar de brigar com a mãe dele.

- Como você definiria casamento ?

É quando o pai e a mãe casa, e a minha mãe... E a mãe fica grávida e depois nasce o bebê.

- Você pretende se casar um dia ?

Não.

- Por quê ?

Porque não. Porque não. (Insiste na negativa)

Porque é ruim.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Tem sim! O pai que tá separado, faz falta. Queria que o meu pai morasse junto comigo.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Não, eu acho que não. Já tem eu e meu irmão!

- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

O que eu falava...? (Pensativa)

Falava pro pai dela parar de brigar com a mãe dela.

Entrevista com criança - André

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

Era bom, nós saía junto. Não brigavam. Aí depois que separou, ficou todo mundo desanimado, Meu pai bebia, eles brigavam muito. Minha mãe teve que arrumar outra casa. Meu pai queria que eu ficasse com ele, mas eu queria ficar com minha mãe.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Foi muito ruim, foi ruim. Eu comecei a não ir bem na escola. E quando eu tava na escola, fiquei nervoso lá, respondia pra professora, batia em todo mundo. Aí eu fiquei ruim e minha mãe me mandou pra psicóloga.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Mudou. Às vezes, eu quero alguma coisa minha mãe não pode comprar, aí meu pai queria que ela comprasse mas ela não tinha dinheiro, né.

Na escola, os moleques tiravam sarro de mim porque eu vinha na psicóloga, Eles falavam "Ah, o meu pai é melhor que o seu , minha mãe é melhor que a sua porque seu pai é separado. Eu tenho a hora que eu quiser e você não." Ah, eu achava isso chato! Eu brigava com eles.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?



Hoje é boa, meu pai não bebe muito mais, não briga mais com minha mãe. Parece que meu pai tá mais perto da minha mãe, querendo voltar.

- Como você definiria pai ?

Pai tem que respeitar a família, não beber, não brigar com o filho, com a mulher. Cuidar bem do filho.

- Como você definiria mãe ?

Mãe é cuidar do filho, não trair o marido, não trair o filho, gostar dele muito e também do marido.

- Como você definiria família ?

Família é pra manter as pessoas unidas, elas formam um conjunto de pessoas pra serem mais felizes.

- Como você definiria casamento ?

Hum... não gosto. Acho que é uma pessoa morar junto, nunca brigar nem separar. Estar sempre junto.

- Você pretende se casar um dia ?

Não. Hum...não sei. Não gosto de falar disso.

Meus pais já falaram pra mim que se eu casar, não é pra ter bebida, nem xingar a mulher, não chegar em casa de madrugada, nem brigar com o filho.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Tem. Separado tem que, se não quer ir com o pai uma vez ou com mãe, eles podem até chamar a polícia porque a mãe ou o pai não tá deixando. E quando ele tá fazendo visita que tá querendo, mas só que aí pode ser que a criança não tá querendo, e ele tá forçando pra ela ir.

E quando os pais moram juntos, tudo junto, aí vai os três em qualquer lugar.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Eu acho que não dá certo. Porque tem certas crianças que não gosta do padrasto, por exemplo. Tem criança que não gosta, que gosta mais do pai do que do padrasto. O pai ou a mãe tem que falar com a criança, porque senão é capaz dela ficar emburrada.

- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

la falar pros pais dele conversar, pra colocar ele na psicóloga pra ver se ele melhorasse, pra ele não brigar na escola, nem responder pra professora. la conversar com os pais dele pra ver se eles melhorasse. Eu ia falar que eu já passei por isso, meu pai brigou e largou, mas que agora estão felizes.

Entrevista com criança - João

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

Ah, pra mim era boa. Eu não via eles brigarem muito.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Ah, eu entendi. Nunca perguntei muito, eu respeito. Eu não via eles brigarem muito, só que eles me falaram que não davam mais certo, não se gostavam mais e iam se separar.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Eu acho que não, eu vejo meu pai, moro com a minha mãe e minha vó. Tenho meus primos, tios, tias. Vou vivendo como todo mundo.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

É muito boa. Meu pai mora longe, mas ele sempre liga pra mim e eu sempre ligo pra ele. Meu pai e minha mãe são amigos agora, conversam bastante. Eu gosto dos dois.

- Como você definiria pai ?

Pai é ser uma pessoa carinhosa, pessoa legal, é respeitar.

- Como você definiria mãe ?

Tudo! Tudo e mais um pouco. É aquela pessoa que guia você, até quando você for casar ela vai estar junto com você, ela vai te ajudar sempre quando você precisar.

- Como você definiria família ?

Família é a base, por exemplo, coisa que pega né... Ah, é a base, a família sempre comemora as coisas, ela sempre tá junto de você, te ajuda.

- Como você definiria casamento ?

Casamento... (Fica pensativo)

É formar uma nova família. Tem que ter amor, respeito, união.

- Você pretende se casar um dia ?

Sim, quando eu for mais velho e encontrar uma namorada legal.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Não, porque ter a mãe, a mãe é que nem o pai também, é igual ao pai. E depende dos pais também, né. Por exemplo, a minha mãe não deixa eu sair, marca hora pra mim chegar, tenho que tomar banho na hora certa senão... Tenho que dormir no horário, ler meus livros. Acho que isso é independente de ter um ou os dois pais.

Entrevista com criança - Juliana

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

O meu irmão não parava em casa, eu via aquilo, brigas, e às vezes, começava a chorar e o meu irmão tava nas drogas. O meu pai batia nele, daí ele culpava eu, meu outro irmão, minha mãe. Daí a minha mãe brigava com ele, já saía de noite, sabe, só voltava daqui uma semana. E ele... era horrível. Todo dia era briga, todo santo final de semana, você não descansava, era uma briga. De primeiro, era uma maravilha, porque meu irmão, ele foi criado com minha vó. E eu, minha mãe, meu pai e meu outro irmão fomos morar numa fazenda em outra cidade. E lá a gente era feliz, mas minha mãe sempre ficava enganando o meu pai e ele, sabe, era cego por ela. Ele só confiava na minha mãe e não via que ela traia ele. E daí, um dia que ele não se conformou mais, daí ele resolveu a separação. Eles voltaram uma vez, tentaram mas não adiantou nada, cada vez mais foi piorando.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Ah, eu lembro que ela falou na frente do juiz que não queria nenhum dos filho, né. Daí, ele falou: "Você tem certeza que você não quer nenhum dos seus filhos, nem essa menina ?". E ela respondeu que não, que queria ficar sozinha, só com o homem dela, que ela tinha arrumado. Daí ela me deixou. O meu pai

também não quis ficar comigo, foi morar em São Paulo e eu fiquei com a minha tia.

Eu não aceitava a separação, como lógico, toda criança não aceita. O que acontecia comigo era que eu ficava doente, eu chorava muito, eu pedia aquela atenção pra minha tia e ela me dava, mas a minha mãe não. Na escola, eu não ia pra frente de jeito nenhum, eu começava a chorar, eu não aceitava. Chorava muito na escola por ela ter me deixado naquele estado. E as professoras perguntavam, conversavam, mas chegava em Abril, aí eu não ia mais na escola. Porque com essa situação tudo aquilo na minha cabeça, entendeu. Eu acho que mexeu muito comigo, e em vez de me forçarem ir a escola, deixaram eu aí, jogada pela rua. As professoras falavam que eu precisava de uma boa psicóloga. Daí minha tia me levou num médico e ele falou que eu não tinha nada. Falou que eu não tinha nada na cabeça, que era sem-vergonhice minha, e que eu me fazia de boba mas era muito mais inteligente que eles. Falou que quando eu fizesse algo errado, era só dar uns tapinhas que resolvia e foi o que ela fez.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Mudou muito. No começo eu via as outras crianças com as mães, com os pais, sabe, eu chorava. Porque eu queria ter o meu pai e a minha mãe comigo, eu não tinha eles, sabe. Então eu fiquei muito triste porque eu queria eles comigo e não tenho. Mas com o tempo, eu fui enxergando o que era realidade, né. Daí eu tive que aceitar porque não tem mais volta. E hoje, a minha mãe vem me ver de

vez em quando, mas eu queria que o meu pai viesse, porque eu tô com muita falta, saudade dele, mas ele não tá nem aí pra mim...

- Como é a relação de vocês hoje, após a separação ?

Olha, com meus irmãos hoje, graças a Deus, é bom demais. E com minha mãe, ela é boa, tudo que eu peço pra ela, ela me dá, sabe. Mas o que eu queria mesmo, era o amor e o carinho dela, que ela não me dá. E do meu pai, eu queria ver ele, tô com saudade dele, eu sinto falta dele, eu tenho vontade de desabafar. Eu sempre desabafo com minha tia, ela me entende, me ajuda e me coloca pra cima. Mas, sinto falta por ele não ligar pra mim.

- Como você definiria pai?

Pai, olha, quando minha mãe largou do meu pai e deixou eu pequena, meu pai me acolheu, me deu amor e o carinho que minha mãe não me deu. Então, ele foi pai e mãe ao mesmo tempo, porque ele cuidou de mim e dos meus irmãos quando minha mãe nos deixou. Então, quando era o dia das Mães, ele tava lá, ele sempre tava comigo, ele e minha tia, entendeu? O meu pai soube ser pai e mãe ao mesmo tempo, comigo e com meus irmãos.

Pai tem que ter carinho, pai e mãe a gente precisa pra toda vida, né, e não só no dia dos Pais ou das Mães.

- Como você definiria mãe ?

Ah, ser mãe porque...pai é uma coisa, mas a mãe tá ali, dá amor, carinho, atenção pra criança, cuida, leva pra não sei onde, faz, entra nos lugares. Então, eu não tive isso com a minha mãe, entendeu. Eu queria ter o que minhas amigas tem com a mães, que a mãe cuida, coloca não sei onde, eu queria ter ela, mas ela não me deu essa oportunidade de ficar com ela.

- Como você definiria família ?

Família são aqueles que se importam com você, gostam de você, estão perto, você pode contar com eles. Família é aquela que cuida de você, que entende, que ajuda.

- Como você definiria casamento ?

Casamento para mim tem que ter uma união entre o marido e a mulher, né. Porque se você não ter união, não vai pra frente o que um sente pelo outro.

- Você pretende se casar um dia ?

Ah, pretendo me casar sim, mas não já. Quero aproveitar bem a vida, quero ser alguém. Mais depois eu quero me casar, sim.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Ah, eu acho que tem diferença sim. Porque eu sempre vejo as meninas lá perto de casa, sabe, que tem o pai e a mãe ali. Pode ser o que for, na hora da

alegria, da dor, da tristeza, o pai e a mãe estão ali para ajudar, entendeu. E eu sinto falta muito disso porque o meu primo, a minha tia que é mãe dele e o meu tio, é pai dele, eu vejo eles fazendo carinho nele, com amor, sabe, eu sinto falta dos meus pais.

Os filhos de pais separados podem ter mais problemas também, porque quando ele precisa da mãe e do pai, eles não estão ali com ele. Como, por exemplo, o meu irmão, quando ele precisou da minha mãe e do meu pai, ele não tinha, então ele foi encontrar com os amigos dele. O que no fim foi pior pra ele, daí ele começou a se envolver nas drogas. O que ele queria encontrar nos amigos dele, era o amor e o carinho que minha mãe e meu pai não dava para ele. Daí quando ele descobriu o que os amigos dele são, precisou deles, eles não estavam com ele também.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Sim, podem tentar ser felizes de novo, Mas eles não podem esquecer de dar amor, carinho e atenção pros filhos. Não é porque ele tá tentando ser feliz de novo, que vai esquecer do filho, e não vai mais visitar ele ou amar ele.

- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

Eu diria pra ela botar a vida pra frente, porque quando a gente quer...Olha o exemplo da minha amiga, os pais dela se separaram. Mas o pai dela não agüentou ficar sem ver as crianças, foi erro dele. Então, daí ele viu que a mulher

amava ele, daí ele voltou com a mulher, tentaram mais uma vez e hoje eles são felizes. Porque quando ele se separou da mulher, ele viu que as crianças não iam agüentar, daí ele não conseguiu ficar longe das crianças e voltou. Porque eles se amavam, se deram uma outra chance, daí eles voltaram, entendeu. Mas tem caso que não dá para voltar, como o do meu pai e da minha mãe, não tem como voltar...

Ah, eu falaria para essas pessoas continuarem a vida, ficar com que gosta muito delas, que amam elas e dá atenção, amor e carinho. Porque se a mãe e o pai não dá ,quem vai dar?

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Eu sofri uma coisa boa porque quem não tinha mais briga não chorava

mais e chorava

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Mudou porque não chorava mais e não brigava mais, não chorava

ninguém e não chorava mais. Porque que agora a casa é mais feliz. Até a minha

irmã na escola não mais briga !

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Agora não tem mais briga e não chorava mais. Ele não

me machuca mais e não chorava mais. Eu e minha mãe e ele estão em qualquer lugar e não tem mais briga

Entrevista com criança - Pedro

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

Era boa. Meu pai não conversava, só minha mãe falava que era pra ir dormir, pra tomar leite, ir pra escola, só. Era a casa um pouco quieta, não tinha muita conversa.

Meu pai não conversava comigo, não conversava com minha mãe. Conversava com meus irmãos, falava qualquer coisa. De vez em quando, ele falava comigo, que ia chutar todas as comidas.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Eu achei uma coisa boa, porque assim não tinha mais briga, não chutava mais a comida.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Mudou. Agora tem conversa lá em cada, todo mundo fala, não tem briga, ninguém joga nem chuta nada. Parece que agora a casa é mais feliz. Até a minha letra na escola ficou mais bonita !

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Agora ficou boa. Meu pai só conversa comigo de vez em quando. Ele não vai mais na minha casa. Eu encontro ele em qualquer lugar, e ele nem olha pra

mim. Não conversa mais com minha mãe, nem com meus irmãos. A minha mãe, agora, parece que ficou mais feliz.

- Como você definiria pai ?

Pai é bom, que fica junto, assiste televisão, trabalha, toma café da manhã, não chuta nada... só.

- Como você definiria mãe ?

Mãe é boa, dá carinho, cuida dos filhos.

- Como você definiria família ?

Família é boa, não é brigar, sem chutar nenhuma coisa.

- Como você definiria casamento ?

Eu acho que casamento é bom...só. Não tenho nada a dizer.

- Você pretende se casar um dia ?

Sim, um dia, no futuro.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Não, não tem nenhuma diferença.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Depende, se eles quiser. Se o meu pai não chutar mais as panelas, senão a mulher vai largar de novo dele. A minha mãe pode se casar de novo, se fosse um homem bom, educado, não ligar pra nada, calmo.

- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

Nada... não.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Foi uma coisa muito difícil, mas eu me adaptei. Minha mãe sempre quis eu ir viver com ela. Eu pensei que não fosse nem assim ver meu pai! Mas então, meu pai disse que não queria ela, que ele queria me ficar, e eu fiquei com ele. Eu não sei se é bom ou ruim, mas eu não sei.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Não, não mudou. Eu não via muito meu pai quando estava com ele, eu não ia muito com ele. Eu não ia muito com ele.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Ah, eles conversam pouco, quase nunca. Eu é que ligo pra ele quando, pra meu pai.

Entrevista com criança - Vanessa

- Como era relação entre vocês, antes da separação ?

Meu pai era bondoso, carinhoso, legal. Ele foi embora sem falar nada pra eu não sentir dor. Mas, depois eu senti mais dor ainda, por ele não ter me falado nada. Ninguém me explicou nada, nem meu pai nem minha mãe, o que tinha acontecido. Às vezes, eles brigavam, não se entendiam. Quando eles brigavam, eu aumentava o volume da TV, pra não ouvir nada.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Foi uma coisa muito difícil no começo, mas fui me adaptando. Minha mãe explicou que eu ia visitar ele. Eu pensei que não fosse nunca mais ver meu pai ! Mas, minha mãe explicou que eu ia visitar ele, que ele vinha me buscar, ia passear e tomar sorvete junto. Aí foi a maior alegria pra mim !

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Não, pra mim foi a mesma coisa. Eu não via muito meu pai quando estava junto, eu não via muito ele por causa do trabalho.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Ah, eles conversam muito pouco, quase nunca. Eu é que ligo, de vez em quando, pro meu pai.



- Como você definiria pai ?

Pai é uma pessoa legal, carinhosa, que fica junto, que é bondoso, que conversa, que participa das coisas, que tá sempre presente.

- Como você definiria mãe ?

Mãe é tudo. Mãe é que dá abraço, dá carinho, que segura na mão. Mãe é a pessoa que tá sempre presente, que a gente pode contar as coisas. Mãe é uma coisa muito legal !

- Como você definiria família ?

São pessoas que vivem juntas e se gostam.

- Como você definiria casamento ?

São pessoas que se gostam e se casam. Estão prontas pra, sabendo que vão ter filhos, querem viver juntos e cuidar dos filhos.

- Você pretende se casar um dia ?

Sim, quando eu encontrar um namorado que gosta de mim.

- Você acredita que tem diferenças entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Eu acho que não, é tudo criança que tem pai e mãe.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Ah, pra mim não muda muita coisa, a vida seria a mesma. Eu teria os meus amigos, as mesmas pessoas e só um padrasto ou madrasta.

- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

Eu falaria pra ela não ficar triste, que eu estaria do lado dela.



Entrevista com criança - Jorge

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

Meus pais brigavam muito. Minha mãe nunca gostou muito de falar sobre isso. Ela não fala mais com meu pai. Meu pai não trabalhava, ficava na rua, faltava as coisas em casa, não dava pra gente comprar, não tinha dinheiro. Eles brigavam todo dia, toda hora.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Eu não senti nada. Nada. (Silêncio por alguns minutos)

Eu queria que o meu pai viesse morar comigo, ele faz falta. Ele vem só de vez em quando. Ah, eu chorei muito, não queria que isso acontecesse.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Mudou muito, né. Agora, eu não vejo meu pai todo dia, mas também não tem briga, né.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Ih, eles ainda brigam. Não sei porque, mas de vez em quando, eu vejo eles brigarem. Eu acho que é por causa de mim. Meu pai fala uma coisa e minha mãe parece que quer outra. Eles não se entendem.

- Como você definiria pai ?

Não sei... Tem que ser bonzinho. (Parece pensativo)

- Como você definiria mãe ?

Mãe... tem que ser brava. É, pai tem que ser bonzinho e mãe tem que ser brava !

- Por quê ?

Porque sim ! Acho que tem que ser assim.

- Como você definiria família ?

Família é importante. A família dá educação pra gente, pra respeitar os mais velhos.

- Como você definiria casamento ?

É quando duas pessoas casam porque se gostam, tem que se gostar.

- Você pretende se casar um dia ?

Ah, bem pra frente... quem sabe. Não sei, talvez sim.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Não... (Parece pensativo)

Tem sim ! O filho de pais separados tem mais liberdade, não sei explicar, pode sair mais, fazer mais bagunça.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Não, não pode. Casamento é só uma vez, só com aquele marido. Não pode juntar com outra pessoa ! Em casa, ficava eu, minha mãe e meu irmão.

- Se você pudesse dar uma mensagem a uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

Nada... Eu não diria nada.



Entrevista com criança - Patrícia

- Como era relação entre vocês antes da separação ?

Eles brigavam muito, sempre discutiam na nossa frente, por qualquer motivo. Meu pai era muito nervoso. Um dia, eu era pequena, uma vez, nós fomos num parque de diversões. E estava ventando e meu pai queria levar nós, queria que entrasse no carro e puxava nós. Daí, a maçã do amor da minha irmã caiu no chão, e ele jogou na testa da minha mãe, daí eles se separaram. Antes eles brigavam muito, entre eles.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Não é uma coisa muito boa. Olha, eu gosto de morara como o meu pai e gosto de morar com minha mãe. Então, seria melhor que os dois estivessem juntos ainda.

O meu pai falou uma estória e minha mãe, outra. Só que a dele é um pouco diferente. Na dele, a gente tava voltando do parque, estava chovendo. Ele parou o carro, queria que a gente entrasse no carro, minha mãe segurava eu e minha irmã, ela não queria que a gente entrasse no carro, né. Daí, a maçã do amor da minha irmã caiu e ele jogou na testa dela. Pelo menos nessa parte, tá igual. Acho que essa briga foi a gota d'água. Aí, eles nunca mais conversaram e se separaram.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Ah, eu acho que não porque, apesar de morar com meu pai, eu vejo minha mãe de vez em quando. Eu morei com ela, depois quis vim morar com meu pai, porque o novo marido da minha mãe é muito bravo, bate na gente, nervoso, não tem paciência. Com o meu pai é legal, ele me ouve, aconselha, se preocupa comigo, pergunta as coisas pra mim, se estou bem.

- Como é relação entre vocês hoje, após a separação ?

A minha mãe não quer nem falar com o meu pai. Comigo, continua a mesma coisa. Mas, se eles conversam, é briga. Minha mãe falou que não quer mais falar com meu pai, porque ele só faz ela passar nervoso. Meu pai conversa com ela, mas ela não gosta.

- Como você definiria pai ?

Ah, pai é carinhoso, tem que brincar com a gente. Ficar mais tempo com a gente, só. (Entrevistada se emociona e começa a chorar, relata que o pai não fica com ela o tempo que deseja).

- Como você definiria mãe ?

Mãe tem que conversar, dar carinho, ter paciência, brincar, só.

- Como você definiria família ?

Família tem que ser unida, só.

- Como você definiria casamento ?

Ah, tem que ser sem ter brigas. Os dois, um gostar do outro, tem que ter carinho um pelo outro.

- Você pretende se casar um dia ?

Sim, claro que sim.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Eu acho que um pouco. A criança que tem os pais juntos, é mais feliz. Quando os pais estão juntos, é mais feliz.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Podem, se perguntar pros filhos o que eles acham.

- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

Nada... nada.

Entrevista com criança - Mônica

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

Eles brigavam muito, direto, mais o meu pai com minha mãe. De vez em quando, meu pai chamava ela de biscate, essas coisas. Ficava bravo, nervoso, falava que ia morrer. Quando ele ficava em casa, ele ficava bravo comigo, batia em mim. Minha mãe não batia, mas ele batia mais forte que minha mãe.

Quando eu ia brincar de escolinha, aí dava a hora do almoço e eu não queria ir, ele me batia. Quando eu começava a comer o almoço, ele deixava minha mãe comer, ele vinha assim e apertava o meu pescoço (Faz o gesto com as mãos). Não deixava eu fazer nada.

- Por que ele apertava o seu pescoço ?

De vez em quando. Ele batia bastante, mas minha mãe não bate. Batia mais forte que a minha mãe... Por qualquer coisa... Que nem um dia, só porque os pedreiros tavam lá em casa e eu tava brincando lá fora, né, ele veio e pegou o chinelo e me bateu.

Ele conversava também. Mas, às vezes, ele brigava com a minha mãe e brigava com a gente. Batia na minha irmã, batia em mim.

- Como você reagiu a separação dos seus pais ?

Ah, eu pensei que nunca mais ia vê meu pai. Ele foi embora, sem levar nada. Eu pensei que nunca mais ele fosse voltar, Foi muito ruim.

- A separação dos seus pais mudou sua vida ?

Mudou. Ele brincava comigo. Agora, só meu vô, minha vó e minha mãe brinca comigo. Ele não brinca mais, só de vez em quando. De vez em quando, ele vem ver a gente. Tem dia que vem no sábado, outro dia no domingo, mas ele não brinca mais que nem antes.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Ah, de vez em quando, eles brigam. Lá na casa do meu vô, mas não muito. Ah, meu pai brigou com minha mãe outro dia, aí ele voltou e pediu desculpas.

Agora, parece que tá melhor um pouco. Mas eles continuam brigando, mas de longe. De vez em quando, ele fala em morrer, aí eu falo pra minha mãe. Ela fala pra ele não falar mais, aí ele fala que é mentira minha. Quando ele morava junto, ele também falava que ia morrer, mas não morreu ! Minha mãe não gosta de andar de carro com ele, que ele anda rápido.

- Como você definiria pai ?

Tem que ser bonzinho, tratar as pessoas bem e não bater.

- Como você definiria mãe ?

Mãe? Minha mãe é legal. Ela é legal, boazinha. De vez em quando, eu quero sair, de vez em quando ela fala que não mas depois, ela fala que sim. Quando ela me põe de castigo, eu saio, não fico, não gosto.

- Como você definiria família ?

Família tem que ter pai, mãe, irmão...A família é pra cuidar das crianças.

- Como você definiria casamento ?

É quando as pessoas casam, porque querem ser feliz.

- Você pretende se casar um dia ?

Não sei... Depende de quem eu gostar.

- Você acredita que tem diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Não, depende da criança. Depende dela gostar do pai, dela gostar da mãe.

Uma vez, ela fica com o pai, outra vez fica com a mãe.

Aquela que tem o pai e a mãe junto, ela tem os dois. Aquela que é separada do pai, vê ele de sábado ou domingo... faz falta.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Ah, não sei, depende da vida deles. Meu pai pode. Se minha mãe casar de novo, com um véio, eu vou ter pai a mesma coisa, que é o meu pai verdadeiro. Eu tinha uma amiga, quando morava lá na outra casa, o pai dela bebia muito e a mãe dela nem ligava pra ele. Aí, ela se separou dele, ele bebia muito, ele mora lá no Norte.

- Se você pudesse dar uma mensagem para uma criança, cujos pais estão se separando, o que você diria ?

Pra não ficar triste, se ficar separado da pessoa, mas vai ter sempre seu pai e sua mãe.

- Como você sente a separação?

- Como sua filha reagiu a separação ?

Entrevista com pais - Beatriz

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

Era meio complicado, assim, era interessante sim, mas era complicado. Parece que havia aquela disputa pelo amor dela, né. Eu sempre cobreí muito dela, cobreí muito assim tipo: não aceitar comportamentos de criança nela. Eu não sei se eu não tava preparada pra ser mãe, não sei direito como é que funcionava isso. Mas eu cobrava muitas vezes, comportamento de adulto que hoje eu percebo que era completamente errado aquela época, né, mas enfim... Então aí como eu percebia que ele tinha um pouco mais de calma, um pouco mais de jeito, então aí eu ia tentando aprimorar. Então, a impressão que dava era que assim, que havia aquela disputa pelo amor dela.

- Como você reagiu a separação?

Foi uma coisa difícil mas que foi sendo amadurecida entre nós. Nossa relação vinha a muito tempo estremecida, e chegamos a conclusão de que a separação seria o melhor para nós dois. Mas isso foi uma coisa que não aconteceu de imediato, levou quase um ano para ele sair de casa.

- Como sua filha reagiu a separação ?

Ele foi embora de casa, e eu acho que ninguém conversou com ela. Eu não falei assim, depois né. Porque o dia que ele mudou, ela não tava em casa. Tinha

um evento na escola e eles passaram a noite na escola. E assim no outro dia, conversei, expliquei pra ela. Porque a partir do momento que, chegamos a conclusão de que a separação era a atitude correta ali pra gente, eu já falei com ela. Então ela ficou quase um ano sob tensão assim, sem saber, pensando "ah, quando é que ele vai embora?" ou "quando será que eu vou embora?". Não era interessante pra ela isso. Então foi isso, agora se ele conversou com ela, eu não sei. Ela fala muito pouco, muito pouco sobre isso.

Houve uma cobrança dela, até porque depois que ele mudou, ele ficou quase um mês sem ter contato com ela. Ele não telefonava, não vinha ver, não tinha contato de espécie alguma. Então, ela ficava do lado do telefone esperando ele ligar, ela ligava dizendo que tava com saudade. Ela me cobrava muito também, né, "ah, se ele não tá aqui por sua culpa!". E eu desequilibrada nesse sentido, acabava aceitando, pegando tudo aquilo pra mim, achando que a culpa era minha. Ela tava sendo infeliz por minha culpa. Mas, aí depois eu fui organizando isso aí, graças a terapia né, que eu faço já a quatro anos, então isso me ajudou bastante. Mas hoje, ela não apresenta resistência não, encara de uma forma mais normal. Eu percebi também que ela se apegou, buscou outras pessoas de figura paterna. Logo depois que o pai se mudou, nós fomos passar o fim de semana numa chácara com uns amigos. Ela se apegou muito ao irmão de uma amiga, que estava lá com os filhos. Então onde ele ia, ela estava, ela ia oferecer carne, bebida pra ele. Ela se apegou muito a essa pessoa, ficava abraçada com ele. E até mesmo agora, ela se apegou, ela busca nas outras

peessoas, é uma busca constante nas outras pessoas, daquele pai que não está presente na vida dela.

O pai mantém uma certa distância, por vontade própria. No começo, eu ofereci uma certa resistência, exigia que eles se vissem nos dias de visita, fora disso não. Mas depois, eu fui deixando mais à vontade, que ele pudesse vê-la nas horas que quisesse, do jeito que ele pudesse. Mas ele próprio que veio mantendo essa distância, e hoje não se vêem com tanta frequência, se vêem quando ela liga, quando ela diz que quer vê-lo.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Hoje tá mais assim: já tô compreendendo melhor as coisas e procuro tá fazendo todo o possível, né. Não tá entrando ali na parte de pai, mas dando todo direito de mãe e tá cobrindo as carências que ela pode ter. E assim, fazendo sempre o melhor possível, né.

Hoje, ele não interfere em nada na educação dela, no modo como eu estou educando. Aliás, eu até preferiria que ele interferisse. Ele não interfere em nada, na forma como eu vou conduzindo as coisas e tá indo bem. Eu acredito que esteja indo bem, porque normalmente ele é do tipo de pessoa que interfere quando alguma coisa dá errada, né. Então, se ele não interferiu é porque tá indo bem.

- Como você definiria pai ?

Pai, pra mim, é sinônimo de proteção, tem muito a ver com proteção. Embora eu tenho uma lacuna nesse sentido, a figura paterna sempre foi uma

lacuna pra mim na vida, na adolescência, até agora na vida adulta. Perdi meu pai muito cedo. Mas eu acho que tem muito a ver com proteção, orientação, com o cuidar.

- Como você definiria mãe ?

A mãe, embora ela passe força, proteção, segurança, ela é um pouco mais doce, né. A mãe é aquela que já tem um jeito diferente de lidar durante determinadas situações, eu acho. Mas não é por isso que ela passe menos autoridade, não. Minha mãe, pela própria personalidade dela, acabou suprimindo a parte que o meu pai deixava a desejar. Ela foi suprimindo nossas carências nesse sentido.

- Como você definiria família ?

Família... Eu sempre imaginei uma família assim numerosa, sabe. Uma família assim, pai, mãe que conversam, que vão a missa. Todo mundo na sala, crianças correndo pela casa, bagunça, alegria. Pra mim, família é assim: numerosa, unida, todos juntos pra almoçar, pra jantar, ver televisão.

- Como você definiria casamento ?

Casamento está extremamente ligado a noção de família que eu tenho, né. É assim, tem que ter companheirismo, diálogo, estar ali reunido em todos os momentos, né. Não só nos momentos de crítica, só no momento de estar botando defeito em alguma coisa. Estar elogiando. Casamento traduziria ali na noção de

família que eu tenho, com o diálogo que é fundamental. Eu acho que todos os outros elementos: a fidelidade, o respeito, a sinceridade, eu acho que eles vão meio por água abaixo se não houver diálogo, porque não há entendimento, né. Eu vejo que não adianta muito, por exemplo eu sou fiel, pode ter qualquer defeito mas eu sou fiel. É fiel, mas quanto isso tá custando essa sinceridade aí se não tem entendimento com seu parceiro. É fiel até certo ponto também, né, porque se você não conversa, não se entrega através do papo, né, com seu parceiro, vai chegar um momento que essa fidelidade aí, vai embora. A coisa principal de um casamento é o diálogo, as pessoas conversarem.

- Você acredita que há diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Eu não vejo diferença, acredito que não há diferença. Até porque eu trabalho com muitas crianças, então, a gente vê que muitas vezes, ele tem lá os pais juntos, mas eles tem muitos problemas. Pais brigam, pai passa a noite fora de casa, o pai bebe, bate na mãe. Então, eu acho que eles podem estar apresentando até mais problemas do que crianças que tenham os pais separados. Acho que vai do casal tá colocando isso pra criança, você estar dizendo que é o casal que tá se separando e não o filho tá se separando. O filho vai ter contato com os dois pais, né, mas só que separados. Então, ele vai ter um momento pra ter o pai só pra ele, vai ter um momento pra ter só a mãe pra ele, e que ele pode se sentir amado. Eu acho que até em alguns casos, ele pode tá se sentindo mais amado do que estando em casa, com os pais juntos. Porque

criança tem uma tendência a tá achando que os pais estão brigando por causa dela, né. Pensam: "Ah, mas se eu não tivesse aqui, acho que eles não iam tá brigando, eles iam ser felizes.", é aquela fantasia.

Então, não vejo diferença nisso não, acho que não é isso que vai rezer que a criança é mais equilibrada ou menos equilibrada emocionalmente. Depende da estrutura que a família dá pra criança. Porque se é uma família que vive brigando, não há respeito, não há diálogo, muitas vezes a criança sofre mais ou é mais desequilibrada emocionalmente do que numa família que os pais estejam separados. Depende muito da estrutura que é dada pela família.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Eu acho que os dois tem o direito de se casar novamente. Agora, depende de como cada um ficou, né, depois de passar por um processo de separação. No meu caso por exemplo, eu tenho um ano de separação, eu não consigo tá me entregando totalmente a alguém, a ponto de dizer que quero me casar novamente. Eu acho que é um trauma difícil de ser superado, até você encontrar um novo companheiro. Você quer ter certeza de que você não vai encontrar no novo companheiro, aquilo que você encontrou no anterior. E mais, você quer encontrar aquilo que você não encontrou no anterior. Então, é como se você quisesse tirar tudo de ruim que você teve com o outro, acrescentar coisas boas e investir nesse novo relacionamento. Então, é muito difícil, muito complicado, mas eu acho que é uma coisa necessária. A gente não foi feito pra viver sozinha, porque é muito triste viver sozinha.

ENTREVISTA COM PAI - ANA

- Se você pudesse dar uma mensagem a um casal que está se separando, o que você diria ?

Olha, eu acho que não pode ser esquecido nunca de tá colocando os filhos em primeiro plano. Tudo o que for fazer, tá colocando o filho como prioridade. Não esquecer que é você e teu ex-marido que tá brigando por alguma coisa, bem material, por algum jeito de vida ou outro tipo de benefício. É entre vocês dois, entre você e o ex-marido ou ex-mulher, tá sempre visando o bem dos filhos. Porque há muito problema quanto a divisão dos bens e a pensão a ser paga pelo pai, quem vai ficar quando com as crianças, os dois são responsáveis pela educação, e não ficar um jogando pro outro. Pensar, colocar a criança ali como prioridade. Se você vai reconstruir sua vida, teu parceiro ou parceira também vai, mas tem uma vida que tá sendo formada, né. Então, precisa ser colocada em primeiro plano isso aí.

Entrevista com pais - Ana

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

Era tudo uma maravilha, a gente tinha um lar muito...Sabe, com os filhos, se dava muito bem com os filhos, com as noras, com o neto, eu não sei.

- A separação foi de repente ?

É. Não, não foi de repente assim, sabe. Foi uma coisa que tava tudo encoberta. Todo mundo sabia, menos eu, né. Só que quando eu passei a descobrir, eu não quis mais ficar. Porque é duro a gente ser passada pra trás, né. Que nem eu falo assim, se a gente fosse uma mulher que nem, assim, mulher que não fizesse serviço, que nem tem muitas, né ? Que não cuidasse direitinho, que não levasse uma vida assim, tudo de sopetão, de qualquer jeito, podia falar: "Não posso dar valor pra uma mulher dessa, porque não tem condição, né? ". Mas eu sempre fui uma mulher certa. É casa de pobre, sabe, mas é tudo limpinho, porque eu gosto de coisa limpa, sabe. Então, eu vou falar a verdade pra você, eu não consigo esquecer ele. Eu não consigo, que nem eu tava comentando ontem com as minhas meninas, porque nós comenta eu com minhas meninas, né, as outras duas casadas. Eu falei que se eu falasse pra elas que eu esqueci dele, que eu esqueço, eu minto. Agora, o pai, eu não sei se esqueceu da família, porque a

gente não sabe, só Deus sabe, né ? Eu falei pras minhas filhas, eu sou franca a falar, eu não consigo esquecer dele, porque a gente tem 34 anos de convivência, não foi um dia nem dois.

Eu falei assim, mas me arrebaixar pra ele, eu também não vou, viu. Não, isso eu não posso. No começo, que ele foi embora, eu sempre falei pra ele : "Olha, se não der certo você ficar lá , seu cantinho tá aqui reservado "; até hoje eu falo ainda. Eu passo a cuidar, ponho um pedra em cima do que se passou. E eu volto a cuidar dele como eu cuidava antigamente, só que me arrebaixar pra ele, eu não vou, de jeito nenhum. Porque no começo, eu falava pra ele, sabe, porque às vezes ele reclamava que não tava bom lá, no começo, né. Eu falava : "Olha, se você achar que não tá bom lá, seu cantinho tá aqui." e "A hora que você quiser, você volta pra cá.". Ele falou que, qualquer hora dessas, umas par de vez, ele me falou que a hora que eu menos tivé esperando, ele volta aqui, mas até hoje... E agora, eu fiquei sabendo que esses dias atrás, ele tava comentando com o sogro da minha filha, ele não chegou a falar diretamente, mas do jeito que ele falou o sogro dela pegou, né. Ele tava querendo dizer que ele queria voltar aqui mas ele tem medo que os filhos não deixa e eu também não deixo. O sogro dela falou assim, que ele não falou diretamente, mas que pelo jeito que ele falou, ele pegou, ele não é bobo, né.

Mas eu me arrebaixar pra ele, eu não vou. Se ele, um dia, chegar aqui, porque eu tenho certeza por Deus que ele vai chegar aqui, pedir pra voltar aqui ainda. Porque lá não é lugar dele.(referindo-se a casa da nova esposa do

marido). Trinta e quatro anos que a gente viveu junto, não foi um dia nem dois. E se não voltar também, que eu posso fazer, né? Pra frente.

- Como a senhora reagiu a separação ?

Foi muito difícil, foi duro. Porque olha, que nem as mulher, às vezes, comenta; aí elas falam que pensavam que eu não ia me levantar mais. De tão doente que eu fiquei, sabe. Eu já tava com depressão antes dele ir embora daqui, sabe. E depois que aconteceu isso, eu fiquei mais doente ainda. Só que olha, vou falar uma coisa pra você, Deus é tão maravilhoso, né, que eu achava que não ia me levantar mais. Mas ele foi tão maravilhoso, que agora faz mais de um ano que eu não tomo um remédio mais. Eu me curei com o poder de Deus.

E fazer o quê, né? Eu vou levando minha vidinha assim, porque agora você vê, ele tá parado também, né. Não acha emprego, ele tem aquele trezentos reais de aposentadoria, ele dá cem real pra mim. Você acha que dá pra viver com cem reais ? Se fosse eu sozinha, apesar que eu tenho os filhos, né. Mas os filhos também tem a família deles, né. Você acha que com cem reais, essa menina aqui, ela tá crescendo ! Falei pra ela ir levando com paciência, até ela crescer mais e arrumar um servicinho pra ela trabalhar, né. Porque ela quer as coisas agora , né. Eu até falei pras minhas meninas, que se eu arrumasse um servicinho, eu até ia trabalhar. Mas, eu sou uma pessoa assim, depois que me deu essa depressão, eu não tenho mais saúde. Eu faço, eu trabalho, eu labuto mas assim, vamos supor, pra trabalhar fora assim, pra mim vai ser um pouco difícil. Eu falei que se tocar, a gente vai ser obrigada, porque você acha que vive com cem reais, não é fácil! E trabalho, você sabe que não é fácil, né. Mas fazer o quê ?

E agora ele tá lá. Agora, ele recebeu um dinheirinho, que ele foi mandado embora, ele recebeu o fundo de garantia. E antes dele receber esse dinheiro, ele veio aqui pedir opinião pra mim, se eu achava que ele devia pôr no advogado ou não, né. Aí o conselho que eu dei pra ele, foi assim : "Olha, se você tivesse morando aqui comigo, eu não ia deixar você por no advogado. E uma que o advogado come metade, porque eles não vão fazer nada de graça, né. E outra: que aí você vai demorar pra receber. Mas agora você não tá morando aqui, isso daí é problema seu. A minha opinião é essa aí.". Ele falou: "Quando eu receber, você tem o direito da metade." .Eu falei que lógico que sabia que eu tinha, que ele sabia que eu tinha direito da metade. Porque perante a Deus nós somos casados, somos marido e mulher ainda. Ele tá lá, eu tô aqui, mas nós somos marido e mulher.

- A separação não foi feita legalmente, no papel ?

Não, não foi feito nada no papel. Ele não foi atrás, nem eu. Você acredita que ele não tem deu um tostão pra mim, e aquela mulher (refere-se a atual companheira do ex-marido) já comeu tudo o dinheiro dele. Porque ele recebeu o dinheiro, ela já começou construir na casa. Você acha que não tem o dinheiro dele ali? Lógico que tem, né. E quando tava construindo, deu aquela ventania brava, não sei se você lembra, o muro caiu em cima do carrinho dele, e acabou com o carro dele. E ele ia vender o carro pro ferro velho, sabe, porque disse que não tinha um tostão pra arrumar. Também não falei pra ele do dinheiro que ele tinha recebido, não toquei no assunto. Se fosse outra mulher, reclamava do



dinheiro que ele tinha recebido, da parte que ele tinha que me dar. Mas só que eu não toquei no assunto. Aí ele falou pra mim que ia vender o carro pro ferro velho, porque não tinha um tostão pra arrumar. Eu falei assim : "Fazer o quê, né? Isso acontece." Ele reclamou ainda pra mim, que parecia até que foi um castigo. Aí eu ia responder pra ele que cada um tem o que merece, só que eu não respondi. Escutei ele falar e fiquei quieta.

Agora ela mandou arrumar, com o dinheiro dela, o carro. Normalmente, esse carro vai ficar pra ela, né. Porque ela é assim, sabe, cada homem que entra lá, ela tira até o que dá, até o que ela pode. Ela reforma, ela consegue tomar o carrinho que tem. Depois quando ela tem tudo na mão, ela manda embora. E eu acho que assim vai acontecer com ele, porque ela mesma pegou o carro, levou na oficina, mandou arrumar, ficou uns novecentos reais pra arrumar o carro. Mandou pintar o carro todinho, né. Você acha que esse carro não vai ficar pra ela ? Porque ele é um homem assim: ele é tonto, sabe, quando ele tá de cabeça virada, você tira o que você quer dele. No mínimo, ela pega a assinatura dele ali, leva lá no despachante e passa o carro no nome dela. Eu tenho certeza que ele vai sair de lá sem aquele carro. E ela, diz que falou na escola, não sei se ela falou pra minha menina escutar sabe; porque ela chegou e não me contou no dia, porque ficou com medo que eu ficasse nervosa. Ela me contou na outra semana, ela falou : "Sabe o que aquela pretinha fez ?" , porque ela é preta, né, "Sabe o que ela falou pra secretária da escola, que eu escutei, que o carro dela tá quase pronto, só falta pintar. Tô até passando no meu nome já, aquele carro é meu ! " E acho que vai ficar pra ela mesmo. E eu perguntei se minha menina não tava



mentindo, ela falou pra quê ela ia mentir. Ela tava falando pra secretária e minha menina escutou.

Agora, não sei se ela falou pra menina escutar, sabe. Porque ela é assim: morou quatro homens já lá com ela, com esse marido meu, é de cinco. De dois, ela conseguiu tomar o carro e os outros que morou, não tinha carro, mas ela pegou dinheiro pra ir reformando a casa. Depois, quando ela tirou tudo o que tinha, ela mandou embora. E assim, ela vai fazer com ele também, eu acho, não sei né, eu penso assim. Porque se ela faz com os outros, impossível que não vai fazer com ele, né. Porque ele já tem quase setenta anos, meu marido, não é mais nenhum jovem e ela já é bem mais nova do que ele, né? Sei lá. Só sei que eu posso te falar isso, eu não tenho mais nada que dizer. A única coisa que eu tenho de dizer é isso daí. Se um dia ele falar de voltar, eu não vou deixar ele jogado na rua, porque meu coração não dá pra isso. Se fosse outra mulher ruim, deixaria, porque muitas vezes eu já vi deixar sofrendo até hoje na rua; só que meu coração não dá pra isso. Não dá de jeito nenhum. E o que meus filhos falam : "A mãe que sabe, se ele chegar voltar e pedir pra voltar, problema da mãe, porque a mãe sabe o que já sofreu com ele, né. A mãe tem a experiência já, experiência própria. Agora, a mãe que sabe."

- Como sua filha reagiu a separação ?

Nossa, eu sofri, mas essa menina sofreu dobrado, viu. A assistente da escola chegou até a ligar aqui pra mim, pra pedir pros irmãos, pros vizinhos, pras pessoas mais chegadas conversar com ela, porque senão essa menina ia entrar

em depressão. Aí pedi tanto a Deus, Nossa Senhora Aparecida que estendesse uma mão nela, né. Que pelo menos na menina, né? Ela tem aquela mágoa, porque ela ficou com aquele choque, né. Mas depois, ela foi melhorando, a professora gosta muito dela, sabe, e foi falando com ela, conversando aí ela foi... Agora, graças a Deus, ela tá bem, mais melhor.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Ah, hoje a gente não conversa muito, sabe. De vez em quando ele vem aqui trazer o dinheiro da pensão, toma um café e vai embora. Acho que ele tem vergonha, né, vai embora. Acho que ele tem vergonha, né, dos filhos... Mas como eu falei pra você, me arrebaixar pra ele eu não vou. Se ele quiser voltar, pode vir, o cantinho dele tá aqui.

- Como você definiria pai ?

Pai? Na minha opinião, eu acho que tem que ser carinhoso com os filhos e os filhos ser carinhoso com a gente. A gente tem que dar atenção aos filhos a hora que for preciso, e a hora que a gente vê que tem que chamar a atenção, a gente chama. E eu acho que é assim: a gente tem que se dedicá ao filho e o filho se dedicá a mãe e ao pai.

- Como você definiria mãe?

A mãe tem que dá o amor e o carinho pros filhos na hora que for preciso também, e os filhos também tem que respeitar os pais, respeitar a mãe, né. Eu pra mim, é isso daí, a opinião minha é essa. Porque pai tem que ser pai e mãe.

Tem que ser mãe na hora que os filhos precisa e os filhos tem que ser filhos na hora que o pai e a mãe precisa.

- Como você definiria família ?

Pra mim, muito importante. Minha família pra mim, muito, muito, muito, muito importante. A coisa que mais eu dou a vida é pra minha família, porque sem a família da gente, a gente não é nada, né? Em primeiro lugar, é a Deus né, que a gente dá importância, mas depois em segundo lugar pra mim, é a família. É a família assim: todo mundo porque eu tenho amizade com todo mundo, eu gosto de todo mundo, todo mundo é bom pra mim. Então, quer dizer que a família e Deus em primeiro lugar é mais importante pra mim, depois é o resto das pessoas. Eu penso assim né. Eu não penso certo ? Porque eu não tenho querência com ninguém. Mas só que vai levando essa vida, né. E a vida pra mim não tá sendo fácil não, viu, tá sendo muito dura. Ainda quando ele trabalhava, que ele dava dinheiro certo, dava aquela pensão boa pra mim, a gente tocava a vida melhor, sabe. Mas agora, você acha, 100 reais e eu vou falar o quê pra ele ? Não posso falar nada porque ele não tá trabalhando, né. Então vai falar o quê?

E ela, (referindo a filha caçula) você vê ela, é uma menina assim: ela é criança ainda, tem 10 anos ainda, né. O ano que vem vai fazer 11 ainda. Ela é uma menina assim, ela às vezes pede as coisas, a gente fala que não. Não tenho o poder de dar agora mesmo, porque eu vou me enfiar em conta e depois não posso pagar, nem posso né. E ela ,às vezes entende, às vezes ela fala "Ah, eu queria mãe, porque não sei o quê." Eu falo: "Mas não é assim filha, você tem que

entender que eu não tenho dinheiro pra ficar fazendo conta por aí pra depois não poder pagar.” A gente fica com dó, sabe, aquilo dói pra mim, né, mas fazer o quê.

- Como você definiria casamento?

Casamento pra mim, ele foi muito maravilhoso, porque eu vivia uma vida com meu marido, eu vivia muito bem e muito feliz. A gente passou sim, muito apertado na vida, tive até que trabalhar, sabe, pra poder criar a mais nova não e nem a outra casada, mas os outros três mais velhos. A gente passava muito apertado, porque naquela época as coisas era mais barata mas ganhava pouco, né, na época minha né. Quando eu era solteira, eu tinha uma vida de rainha porque meu pai era uma pessoa, ele não era um homem que tinha dinheiro, mas ele era assim mais ou menos, você entende ? Então, eu tinha aquela vida muito boa quando era solteira, meu pai nunca deixou a gente trabalhar, nunca. Mas depois que eu casei, aí minha vida foi completamente diferente. No começo até um ano, dois anos, três anos foi uma maravilha, sabe. Depois a gente começou a ter filho, né, aí a vida foi mudando porque naquela época as coisas era barata, mas a gente não ganhava nada. Então eu analisei, pra não deixar meus filhos passar falta das coisas, então eu me obriguei a trabalhar, sabe. Sempre fui uma mulher que trabalhei na vida, depois que eu casei. Então, mas o casamento meu era maravilhoso, a gente tinha uma vida muito boa. Era aquela vida de pobre, sabe, mas a vida era maravilhosa pra mim até durante esse tempo que ele foi embora daqui. Meu casamento, vou falar pra você, tem gente que fala que o



casamento é uma porcaria, o meu casamento foi sofrido sim, mas eu não tenho que reclamar dele porque a gente vivia muito feliz.

- Tinha diálogo?

É, tinha, do jeito que a gente vivia, mas a gente vivia feliz. Então, o meu casamento meu vou falar pra você, foi muito maravilhoso. Depois, essa menina veio no mundo, quando eu tava grávida da caçula que meu casamento entortou, sabe, porque ele já começou a sair com mulherada...Mas, até aí o nascimento da mais nova, eu não posso ter queixa do meu casamento. Eu não vou falar pra você que a gente vivia uma vida maravilhosa dentro de casa, porque é difícil achar esse casal que vive, né, você me entende, né? Mas, a gente vivia muito bem. Muito bem, eu sempre cuidei dele muito bem, ele sempre foi assim, na parte de por comida dentro de casa, de dar o pagamento dentro de casa, isso eu não tenho queixa dele pra nada. Ele era muito maravilhoso, ele era pontual nessas coisas. Porque do jeito que ele chegava, se ele recebia 600 ele me dava, se ele recebia 700 ele me dava, se ele recebia 500 ele me dava. Só que era eu que tinha que me virar com tudo, sabe, despesa, por despesa em casa porque ele era um homem desligado da cabeça. Ele não sabia quanto custava um quilo de feijão, ele não sabia quanto custava um quilo de arroz, então quer dizer que era passado tudo por minhas mãos. Sempre foi assim, de 34 anos que a gente viveu junto sempre foi assim. Ele nunca foi num supermercado pra mim, comigo. Falar que ia me levar fazer compras, nunca. O que eu posso dizer mais? Eu tô falando apenas o que a gente viveu. Agora, depois que eu engravidei dessa menina caçula, que

essa menina nasceu, eu fiquei muito revoltada porque achava que com 40 anos não era mais pra mim ter filho, que eu já tinha neto, já tinha os filhos bem dizer tudo casado, né. Eu achava que pra mim aquilo foi um choque. Até no dia, no primeiro dia que eu fui fazer pré-natal com o médico, eu até cheguei a falar pra ele, que meu marido mandou eu falar, porque o nervoso que me deu, eu fiquei muito abalada. E ele falou pra mim falar pro médico que se eu quisesse, olha só que pecado, né, que ele dava o dinheiro pra fazer o aborto se eu quisesse. O médico ficou bravo comigo dentro do consultório que só vendo, falou que eu ia ter essa criança, que seria uma criança muito bonita, e que eu seria muito feliz. E que no dia de amanhã, essa criança seria até uma companhia pra mim. Olha o que ele falou pra mim, parece que foi um guiamento de Deus isso daí, né. E aí a gente foi tocando a vida, né. Tocando a vida e depois ela nasceu, também ele pouco se importou quando ela nasceu porque ele já tava nesse caminho, né. Pouco ele se importou com a menina quando essa menina nasceu. Ele ficou tão feliz quando eu falei pra ele que eu tava grávida, que ele falou que pra ele era uma coisa assim como se ele tivesse casado naquele tempo e ia ser o primeiro filho que ia chegar na casa, de tão feliz que ele ficou. Mas, só que depois ele deu muito desgosto pra essa menina. Porque a menina ficou com aquilo abalado na cabeça, né. E fica e eu falava pra ela que um dia, ela era muito pequena, mas um dia eu ia contar tudo, tudo, tudo que o pai dela aprontou. E parecia uma coisa que torcia a cabeça dele, daí pra frente a gente também, não foi aquele casamento. Até que tava escondido, aí eu fiquei um ano e meio em que todo mundo sabia e eu não sabia. A minha filha, que mora ali encima, ela dava umas tacada em mim,

mas sabe, quando você tá doente com aquela depressão que você num... num... Você tá ali ruim do jeito que eu tava. Eu falava pra ela que imagina, que ele ia ter coragem de fazer isso, depois de tudo que ele tinha me feito, que ele não tinha coragem. Ela falava pra mim abrir os olhos. Só que ela via sabe, ele ia falar mal de mim lá dentro da casa dela. Ele saía daqui da minha casa e ia falar mal de mim dentro da casa dela e ela brigava com ele, e tocava ele de lá. Ela falava que não admitia que falasse mal de mim, porque eu sempre fui e era uma boa esposa pra ele. E eu não sabia.

Depois de uns dias, ele veio de lá da casa da outra, ele tava bêbado e levou a caçula lá na casa dela. Tomou banho e convidou ela pra ir na casa da avermeiada, que eles falava avermeiada pra ela na época, né. E ela foi e ela apareceu aqui com um pedaço de bolo, aquele dia eu nunca esqueço, de lá da casa dela e dois discos, não sei se era disco ou o que era. Ele levou a menina lá. Foi aí que eu descobri e briguei com ele e mandei ele embora. Só que ele não queria ir embora, ele chorava e pedia tanto pra aquele outro meu filho que morava aqui e pra minha nora, pelo amor de Deus pra eles pedir pra mim, fazer minha cabeça pra ele ficar aqui. Mas só que se ele ficasse aqui, aí eu ia morrer de vez porque ele não ia parar, aí eu ia passar mais nervoso ainda. Aí onde eu mandei ele embora.

- Você acredita que há diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Acho que tem muita diferença. Na minha opinião é assim, os filhos que tem o pai e a mãe junto quer dizer que convive ali, então vai crescendo no ritmo do pai e da mãe. Num lar bom ou seja num lar do jeito que seja, mas tá ali junto com o pai e a mãe. E eu acho que os filhos prefere viver com o pai e a mãe. Na minha cabeça, eu acho que não tem filho que gosta de viver longe do pai e da mãe, vai do jeito que vai na vida de pobre, na vida de passar bem, passar mal, passar mais ou menos. Eu acho que os filhos gostaria de ver o pai e a mãe acabar a vida juntos. Eu acho que a separação prejudica bastante as crianças. Eu tiro experiência por mim, porque os outros que são casado a gente vê na cara que eles estão sentindo. Agora, imagine a menina que tem dez anos! O gosto dela era ver o pai dela aqui e não ver o pai dela lá. Eu acho que tem muita diferença sim, um pai e uma mãe viver separado e bastante, bastante mesmo. Porque eu acho que todos os meus filhos gostaria de ter o pai junto com a gente aqui, tanto junto comigo como junto com a família, com os filhos, com os netos, né. Eu acho assim.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Ah, não. Você quer dizer assim, com outro homem ? Ah, eu já não me dou com isso. Eu acho que na minha cabeça, não sei se um dia amanhã Deus pode mudar, ou Deus pode trazer ele de volta aqui pra gente terminar a vida junto, eu espero é isso. Eu, na minha cabeça até hoje, pra mim é um só. Pra mim, marido e casamento pra mim é um só. Essa intenção eu não tenho, de recolher outro homem aqui na minha casa. Não sei o dia de amanhã, se Deus pode mudar

minha cabeça ainda, né. Mas por enquanto, minha cabeça é essa, homem, marido é um só.

- Qual sua opinião sobre as pessoas que se casam novamente ?

Ah, eu falo assim que as pessoas que se casa de novo, tanto o marido quanto a mulher sabendo se entender dentro de casa, dá certo sim. Agora, se o marido e a mulher não souber se entender dentro de casa... Se o marido souber entender a mulher e a mulher souber entender o marido, o casamento dá certo sim, sabendo levar o casamento vai bem. Porque eu vivi 34 anos com meu marido e se fosse pro lado meu, a gente viveria o resto da vida junto, só que foi pro lado dele, né. Ele escolheu essa vida pra ele, né. Mas se fosse por mim, meu casamento ia terminar, do jeito que fosse, ou bem ou mal, mas a gente ia terminar a vida junto. E eu tenho esperança ainda que eu vou terminar a vida junto com ele. Ainda eu não perdi as esperanças, porque casamento pra mim é um só e acabou.

- Se você pudesse dar uma mensagem a um casal que está se separando, o que você diria ?

Ah, eu diria aquilo que eu tava dizendo pra você, né, que o marido sabendo levar direito a mulher e a mulher sabendo levar direito o marido vai ser muito feliz na vida. A gente vivendo bem ou mal, mas a gente se entendendo dentro de casa, eu diria assim, a gente tem uma vida muito feliz. Porque como fala no casamento, é na doença, na alegria, na tristeza, na saúde, né. A gente tem que se unir, do

jeito que vai, você tem que se unir com seu marido. Você vive bem, você vive mal com o que você tem dentro de casa. Às vezes, você quer uma coisa e não dá pra você comprar, você tem que se contentar com o que você tem dentro de casa, se dá pra você comprar, você compra e se não der, você fica sem. Mas, você tem que se apegar ao seu marido e seu marido te apegar. No comecinho de casado, eu sofri com meu marido também um pouco, sabe, não assim nas parte dele ser ruim... Ele tinha uma opinião assim, eu não sei nem te explicar direito. A gente era novo ainda, então pra ele o casamento era assim, uma coisa que podia se largar, podia deixar a casa assim de uma hora pra outra. Mas só que depois eu, apesar dos quinze anos que eu tinha, fui criada com um pai e uma mãe que era maravilhoso, sabe, soube dá uma educação pra gente, né. Eu fui falando pra ele que casamento não era assim não, que a gente tinha que se unir porque a gente casou novo, mas a gente tem que se unir pra gente tocar a vida pra frente. Pra mais pra frente, a gente ter um lar, porque a gente vai ter, não sabe o destino que tá marcado pra gente, quantos filhos a gente vai ter. E assim, a gente crescia, a gente tocou uma vida muito boa. Mas só que no começo eu precisei enfiar isso na cabeça dele por causa do pai e da mãe que ele tinha, né. Mas meu pai e minha mãe era muito maravilhoso, dava conselho bom pra gente, né.

Entrevista com pais - José

- Como era o relacionamento entre vocês antes da separação ?

Então, eu tenho dois filhos: um de nove anos e o outro tem quatro anos. Bom, com o maior eu não vi muita coisa, problema, tá. Lógico que assim, na separação mesmo porque, apesar da separação você tenta fazer da melhor maneira possível, na amizade, assim. Depois da separação, o que aconteceu... Bom, primeiro né, a gente separou, eu não queria ter aquele horário de visita fixo, porque eu imaginava que ter um horário de visita fixo iria me atrapalhar em ver eles. E depois, a mãe deles, foi acontecendo um monte de coisas com ela, por exemplo, ela voltou pras drogas. Então, aí já mudou a relação com eles, não mudou comigo. Mas o mais velho, já ficou uma criança mais diferente porque a mãe não estava presente. Então, ele ficava muito na casa de um, de outro, ficava meio que largado, comia na frente da televisão, dormia todo apertado, tava bem largadão mesmo, né, os dois. E passou por uma fase assim, de uns seis meses, aí a gente fez um pedido de inversão de guarda. E daí, a gente teve outro probleminha, que foi no caso, a mãe achar que era uma ação contra ela e não a favor da criança. Achava que estava querendo atacar ela, esse tipo de coisa. Então, começou a por um monte de coisa na cabeça dele, do tipo : se você for na casa do seu pai, nunca mais você vai me ver, sabe. Chantagem emocional, com certeza. Então, tudo isso aí corrompeu um pouco o que meu filho era, e lógico né, a quebra dos laços, né. Ele morava num lugar, morava com a mãe lá na casa da avó materna, depois passou um tempo veio pra

cá, pra minha casa que moro hoje, que é com meus pais, casa da avó paterna. Então, essas mudanças quem eu acho que sentiu mais foi o maior. O meu filho menor, com quatros anos, ele teve um certo tempo com a mãe desligada dele. Ele, acho que não sentiu tanto. Mas uma coisa que eu noto, por exemplo, com os dois, principalmente em relação a mãe é muita chantagem, é a tentativa de centralizar. Ele tenta dividir o espaço. Uma coisa que acontecia: ele tava na rua ou tava numa festa da escola ou tava não sei o quê, ele não sabia muito bem onde ficar, se ficava comigo ou ficava com ela ou com quem ficava. Se era o dia de visita, parece que ele não podia me ver, se era horário da mãe, ele ficava meio assim. Se ele chegasse num ambiente comigo e encontrasse a mãe dele, tratava ela friamente. Se ele tivesse com a mãe e eu chegasse, me tratava friamente, tá, aconteceu esse tipo de coisa. "Onde eu tô, o que eu posso, o que eu não posso", começou entrar em xeque essas coisas, né. E quando houve a separação, pra gente conseguir a guarda, né, uma preocupação era como lidar com isso. Eu não sabia o que fazer, é diferente, não é diferente, como que é, o que não é, o que eu devo fazer e o que não devo. Porque agora, tá mais ou menos com a minha mãe, a figura materna aí tá sendo quase minha mãe, que cuida de uma coisa e de outra, né. Quanto disso eu posso confiar nela, quanto não, então comecei eu fazendo a terapia, pra conseguir enxergar um pouquinho mais, pra lidar com isso e comigo.

Bom, primeiro eu fui pra terapia pra saber como que ia lidar com os meus filhos. Só que durante ali eu vi que tinha muita coisa que eu precisava mudar, como no casa, meu filho maior começou a sentir falta dela, né. Então, e tudo tinha

ver, porque era tudo em relação aos limites, né. O que pode, o que não pode, o que deve... Porque você pega, você muda, né. Vou fazer o melhor possível, então o ideal é que não tenha horário de visitação , o ideal é que não sei o quê, que seja tudo, que a gente consiga é ter o pai, a mãe e os filhos. Apesar do pai não t  com a mãe, mas ter uma certa união. Só que na verdade, isso não acontece. É muito difícil chegar nesse ponto Só acontece isso quando essas duas pessoas, o pai e a mãe, pensam na mesma linha. Porque não adianta um dos dois pensar e o outro não, daí acaba não acontecendo, n . E o perigo, quer dizer, no come inho durante essa separação e a disputa da guarda, pra ver quem é a pessoa melhor pra cuidar deles, ou melhor, quem pode gerar o melhor recurso, quem é psicologicamente melhor, tudo, n , acabou se usando, até, sem querer, o filho pra atacar o pai ou o filho pra atacar a mãe. Um negócio assim : "P , a sua mãe têm ! Fez isso, fez aquilo... ah, não d  ! ". Nada que fosse assim tão pesado, t , mas alguma coisinha ou outra acabava acontecendo. Então, a criança acaba seguindo o que gosta nos dois. Não tem aquela por mais que o pai seja, que a mãe seja a pior das pessoas na face da terra, a criança não vai enxergar dessa forma porque ela não t  sentindo isso. Eu acho que tem sim, uma certa diferença, mas nada que não possa ser trabalhado. Só vai ser, por exemplo, diferente de alguns, mas vai ser igual a muitos, por exemplo, não vai ser a única filha e filho de pais separados. Vai ter alguma diferença, pode até brincar com eles, que agora eles tem duas casas. Se   que pode chamar isso de uma vantagem ou não, mas tudo tem o lado bom, eu acho, sabe. Eu acho que é uma coisa difícil, mas é



aquela estória, aceitar pra ver como dessa situação você pode tirar o melhor proveito.

- Como você reagiu a separação ?

Para mim foi muito bom, um momento de avaliações, de me perguntar o que deveria continuar acontecendo em minha vida e o que não. Houve momentos de incerteza, pois quando se vive sete anos de uma quase rotina, acostuma-se com ela. Tomando consciência disso, procurei um profissional para acelerar esse processo. Para mim, a separação foi um ponto de partida para meus reais objetivos: crescimento pessoal e interpessoal, para ser um caminho que meus filhos pudessem seguir em segurança.

- Como seus filhos reagiram a separação ?

Eu acho que na verdade, o que pode ter acontecido é uma coisa dele se sentir culpado pela situação. Agora, não culpar o pai ou a mãe pela separação, isso não aconteceu. E, às vezes, por exemplo, uma vez ele chegou, meu filho maior, chegou a comentar do tipo, tem aquele barco Xumbury, que faz um tour pelo rio Tietê e dorme nele lá, né. Então, ele me convidou pra fazer uma viagem dessa e disse : "Vou eu, você, a mamãe e o tato. Você dorme na cama de cima, ela dorme na cama de baixo, eu durmo na cama de cima...". São beliches, né. Falei pra ele, expliquei que quando eles nasceram, o papai gostava da mamãe como namorado, então a gente se gostava dessa forma. Daí eles nasceram, tal, aconteceram algumas coisas durante a nossa vida e hoje a gente gosta um do

outro como amigo, não mais como namorado. Então , deixando claro que eles foram fruto de um amor né, só que hoje esse amor não existe, mas eles existem. E o que existe é uma amizade, que tem algo embaixo que é nossa amizade e não mais que isso. Então, colocar essa situação, eu sempre conversei com eles em cima da realidade. Às vezes, eu dosava isso em mais ou menos intensidade, mas nunca eu mentia, eu podia omitir uma coisa aqui, omitir uma coisa lá, dependendo da capacidade que eu achava que eles tinham de entender, né. Então, eu sempre tentava fazer em doses homeopáticas, mas responder o que eles perguntavam. Então, as indagações deles foram nesse sentido, podiam até tentar, mas não perguntar ou achar um culpado.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Hoje é uma relação mais tranqüila e mais distante. Conversamos sobre nossos filhos, somos amigos, mas cada um continuou sua vida a seu modo.

- Como você definiria pai ?

Eu diria o que meu pai me passou, por exemplo, é um exemplo de conduta. Acho que tanto o pai quanto a mãe, tem que passar, dar o exemplo pro filho. Acho que até animal racional quanto animal irracional, todo mundo repete uma coisa pelo exemplo. Então, o que tento ser pra eles é um exemplo. Por exemplo, não que eu não posso errar, certo. Acho que o que eu tenho que ensinar pra ele é uma forma de aprender, não ensino a matéria, ensino ele a pesquisar, ele a aprender, do jeito que eu tento ensinar pra ele. Então, eu espero que ele siga os

meus bons exemplos. Não fico muito pensando assim, tenho que fazer isso porque meus filhos tem que fazer assim. Não, eu sou o que sou, e acho que isso daí basta pros meus filhos ter um bom exemplo. Eu nunca penso assim: que não vou fazer isso porque não vai ficar bem pro meu filho me ver fazendo.

- Como você definiria mãe ?

Ah, eu acho que é muito importante a mãe, né. A sociedade impõe bastante coisa pra nossa mãe, por exemplo, cuidar do lar, uma coisa que poderia ser dividida, mas tá massificado que a mãe é responsável por essa coisa, e ela acaba assumindo isso daí. Tem muita coisa, logo quando a criança nasce, tal, o laço materno, ela cede muito mais. Eu acho que o papel da mãe é mais do próprio sentimental, ela dá um amparo sentimental pra criança. Acho que no lado sentimental, a mãe é muito forte. Acho ...só que...é difícil falar tudo que imagino, porque essa mesma característica não tá presente só na mãe. Acho que tanto a mãe tem um lado paterno, quanto o pai tem um lado materno. A mãe paterna e o pai materno, né. Então, só cabe exercitar esse lado. Mesmo a figura da mãe, é essa estória : carinhosa e tal, aquela que afaga ou que dá uma bronca, não sei o quê, mais por esse caminho, sabe, a instrutora.

- Como você definiria família ?

Família...como eu posso falar, é a célula, né. É uma célula da sociedade. É onde você tem o exemplo. Por exemplo, pai, mãe e filhos é uma coisa, ter um tio, ter um primo, ter uma coisa é um parente não tão próximo. Então, existe às vezes,

um enrosquinho aqui, um enrosquinho lá, só que é um enrosco, um atrito dentro de um lar. Que isso daí, quando eles saírem fora, pra uma escola, pra ter um trabalho, esses atritos já não vai ter, já vão ser mais fáceis de lidar. Então, é os primeiros atritinhos que tem, os primeiros polimentos que essa pessoa sofre, que é dentro dessa família. Então, porque todo mundo tem limite, só que o limite que o pai impõe é diferente do limite que a mãe impõe, que o tio impõe ou outro impõe. Então, tem que saber, por exemplo, que em cada situação ele vai ter um jeito de agir. Se ele vai numa igreja, vai ter que agir duma forma; se ele vai numa boate, vai ter que agir de outra forma. Então, acho que é o primeiro contato da criança com a sociedade, eu acho que é a família.

- Como você definiria casamento ?

Casamento pra mim, é uma união de duas pessoas, onde têm um objetivo comum, tá, acho. Desde que essas pessoas tem o mesmo objetivo comum, eu considero como casamento, quando foge os objetivos de um e de outro já não é casamento. É uma vida, duas vidas individuais ou "n" vidas individuais, cada uma pra um lado, isso não considero casamento. Acho que desde que todo mundo tá pensando uma mesma coisa, tem os mesmos objetivos, planeja uma coisa tudo junto, quando tá todo mundo unido, eu acho que é casamento. Quando não se pensa igual, não existe um diálogo, não é mais casamento.

- Você acredita que há diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?



Acredito que não, que depende da conduta que você adota para lidar com isso. Porque veja bem, problemas são muitos, mas a forma de lidar com eles é fundamental, independente de estar separado ou não. Então, depende da liberdade que você dá pro seu filho, a questão dos limites e do exemplo que você dá.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Eu falo por mim, casar novamente, não vejo problema algum. Eu costumo, por exemplo, trabalhar um problema por vez, mas eu acho que não teria problemas. Acho que meus dois filhos tem facilidade pra fazer amizade, não são crianças fechadas, eu não sou fechado também, então acho que não teria problemas. Eu acho que temos o direito de reconstruir a vida e até torço pra isso !
(risos)

- Se você pudesse dar uma mensagem a um casal que está se separando, o que você diria ?

Eu acho que a separação é uma válvula de escape. Acho que quando a pessoa tá separando, acho que não tem conselho que faça ela querer voltar. Porque é como uma pessoa que quer sair do emprego, sabe. Tá trabalhando, ela fica ali lutando, uma hora ela briga por salário, outra hora briga por condições de estudo ali dentro da empresa, ou nas condições de relacionamento, ela fica ali até onde ela agüenta. A hora que ela falar assim: "Não, vou mudar de emprego !", ela pode mudar de emprego e pegar um emprego que ela receba menos, que ela

tenha a mesma coisa que ela estava tendo naquele primeiro, só que ela já teve a decisão dela. Acho que quando acontece isso, ninguém volta atrás. Acho que se voltar, eu acho que isso seria pior. Acho que a pessoa vai estar frustrada, seria uma coisa que ela queria fazer e não conseguiu. E daí, ela vai culpar o filho, ou vai tá culpando o sogro, a sogra ou vai tá culpando alguém, ou a esposa. Daí acontece o quê ? Vai acontecer dela ficar procurando uma parceira externa ou um parceiro externo, então aquela célula família fica corrompida. Então, quando existe um corrompimento dessa célula aí já não tem mais casamento, já não tem mais nada. Acho que se acontecer isso, é uma coisa que a gente torce que não aconteça. Acho que o cuidado é você conhecer muito bem a pessoa. Quer dizer, tem muita coisa, às vezes, até as pessoas se conhecem muito bem, tal, mas, às vezes, um conhecimento superficial. Porque só se vê de final de semana, daí não traz os problemas, deixa tudo em casa, daí no final de semana, tá tudo bem, é tudo maravilhoso. E, às vezes, até aí num acontece, não tem problemas, tal. E daí começa o casamento, e daí durante esse casamento, uma pessoa evolui e a outra estaciona. Aí acaba não tendo diálogo. A preocupação é justamente isso: saber quais são os planos no novo relacionamento que eu tô tendo, né, durante se conhecer muito bem, saber quais são os princípios, quais são os planos futuros e não perder esse diálogo. Porque você tem condições de qualquer desvio, você já colocar de novo no caminho ou mudar objetivos, né, durante seu conhecimento. Se tiver faltando diálogo, se tiver faltando, essas coisas. Uma estória do tipo : o marido passa a trabalhar de manhã e chega a noite. Daí, quando a noite, conversa só com as crianças, depois já dorme. Não conversou com a esposa, não



teve contato, é um risco muito grande. Não recomendo que isso não aconteça com ninguém, que as pessoas evitem que aconteça a separação. Mas se por acaso acontecer, a partir do que você tiver em mãos, você pode trabalhar aquilo que aconteceu. É como uma receita, você tem a massa e trabalha como você pode, faz um bolo, um doce, o que você puder fazer dependendo daquilo que você tem em mãos.

Entrevista com pais - Bete

- Como era a relação entre vocês antes da separação ?

Era normal, uma família bonita, mas havia muitas brigas. Então, depois que nasceu nosso filhos, não foi tão freqüente mas mesmo assim, persistia, sabe, muita briga, muita ofensa. Só que nunca na frente dele, sempre sozinho. O nosso filho não presenciava nada. Então, era muita ofensa, muita briga, sabe. Não chegava em acordo, em nada, até que a gente optou pela separação.

Com nosso filho, ele era muito carinhoso, ele era um pai normal. Brincava com o menino, mas não era aquele pai ! Que chegava, abraçava, levava no parquinho, assim ele não era. Ele gostava muito dele, mas assim do modo dele, que a gente entendia. Não deixava faltar nada pra ele, tudo era pra ele. Mas daquele jeito, não com um carinho, sabe. Ficar junto, fazer dormir, trocar fralda, isso não era. Mas, ele era um pai presente, sabe, mas não dizer que foi assim, aquele paizão, não. Então, talvez até por isso que nosso filho não tenha sentido tanto. Ele gostava, até hoje gosta muito dele, mas era assim, sabe, naquelas horas vagas, assim que ele pensa, tal, mas dizer que era carinhoso, não.

- Como você reagiu a separação ?

No começo, tudo é duro, porque convive com a pessoa, forma uma família, né. A gente casa pra ser feliz. De repente, você se vê assim, sozinha, sem nada, é duro. Então, quem tem uma separação, que tem uma vida assim, estabelecida, tem casa, tem isso, é diferente. Mas, que nem eu, que tive de batalhar pra ter tudo

isso. Então, por isso que talvez, eu depois de um tempo, não senti tanto porque tinha um objetivo. Eu tinha um objetivo de criar ele, objetivo de ter alguma coisa na vida e de ser alguém na vida ! Então, você batalha se tem isso, você não tem tempo de ficar pensando besteira, nem tempo de sair fazendo coisas erradas. Porque você sair e falar assim: "Não, vou procurar outro, porque aquele lá...", não é assim. Você tem que ter um objetivo, criar seu filho, dar educação e ter alguma coisa pra você. Um alicerce, se você não tiver um alicerce, você não tem nada. Mas, que é duro no começo, é.

- Como seu filho reagiu a separação ?

No começo, foi difícil. Você tem um pai e agora, de repente, você não tem. Mas, ele não deu trabalho. Por eu ter uma família grande, sabe, ter parente, ele teve tudo, teve prima, teve vó. Então, não foi tanto. Tanto é que ele se espelha nos primos, pra torcer para time de futebol. Ele é são-paulino, porque os primos dele foram criados perto dele, são são-paulinos.

E quando era dia dos pais, o pai dele nunca veio. O pai dele ficou muito tempo sem vim ver ele, nada, nada, nada, sem ligar, sem nada. Ninguém sabia notícia. Quando ele perguntava, eu falava que ele tava viajando e um dia, ele viria. Ele viajava muito e não tinha tempo de vim ver ele. Então, nesse tempo que ele ficou longe, eu falava que ele tava viajando. Mas, ele ia na escola, ele tinha dia dos pais, das mães. Ele não tinha o pai dele, mas ele fazia os brinquedinhos, o que tinha de fazer e levava pro meu cunhado. Até hoje é o costume, no dia dos pais, a gente dá presente pra ele. Então, quer dizer que graças a Deus, que a

gente tem que erguer as mãos pro céu, é que a gente tem uma família. Você tendo um alicerce, uma família bonita, você tem tudo. E principalmente, religião, porque religião e família ajuda muito nesse caso. Mas, em matéria de escola mesmo, ele nunca me deu trabalho. Tanto é que eu já trabalhei em São Paulo e ele ficou com minha mãe, eu vinha de fim de semana. Só não optei por ficar lá, porque lá não dá pra criar ele, não tinha quem olhava ele. Então, como a família ficava toda aqui, pra mim, seria difícil. Mas, ele não deu trabalho, fez o Pré, tudo normal. A única coisa é que ele era muito disperso na classe. Então, ele fez um ano e pouco de psicóloga, não foi falta de pai ou de mãe, entendeu ? Ele fez porque não tinha concentração. Ele voava na aula, então, foi aí que ele fez um ano e meio, eu levei ele. Mas, mesmo assim, hoje eu acho que ele já era maduro. Hoje, eu acho que ele é maduro. Não precisa falar pra ele estudar, fazer isso ou aquilo. Hoje, ele faz tudo sozinho, não precisa pegar no pé; ele já apanhou bastante, também, por travessuras.

Mas, lógico que hoje, ele já mudou bastante. Acho que a separação não prejudicou, deixou nenhuma seqüela não. Porque o pai dele ficou um tempão sem vim ver ele, e quando o pai dele chegou, foi o respeito, o carinho, a mesma coisa. Só que é aquele negócio : você se separa e não fica falando que o pai é isso ou aquilo. Não, não. Separou, ninguém fala o nome dele, não. Porque, às vezes, a pessoa fica assim, porque as mães enchem a cabeça dos filhos, falam muito mal do pai, sabe. O pai dele pode não ser um carrasco, mas, na realidade, mesmo que ele fosse, eu não poderia falar. Eu acho que o relacionamento dele com o pai



dele, hoje, é normal. Normal, não tem aquele carinho, mas existe o respeito.

Respeito, acima de tudo, eu acho.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

A gente tem uma relação boa. Eu e meu ex-marido, a gente tem uma relação muito boa. A gente conversa, convive bem. Ele vem, vai buscar ele, fica em casa, sabe. É assim, como eu posso dizer, ele é mais meu amigo hoje do que foi antes. Hoje, ele chega, conta as coisas. Então, ele é meu amigo hoje, porque eu respeito o espaço dele, e ele respeita o meu. Ele não se intromete, vamos supor, na educação do nosso filho. Ele orienta, mas ele não fala que eu estou fazendo isso ou aquilo errado. Mas, hoje não, hoje a gente se dá tão bem que nem parece que fomos marido e mulher tempos atrás.

- Como você definiria pai ?

Pai é uma coisa constante na vida de uma criança, né. Que ele vai jogar futebol, vai pescar, vai isso, vai aquilo com o pai. Mas, como ele não teve, então eu, que nem eu falo pra você, eu nem posso fazer essa imagem porque eu perdi o meu tão cedo, com seis anos. Que essa imagem de pai, eu não tenho. Eu não tenho e ele também não tem. Então, fica uma coisa que eu não posso definir um pai pra ele, porque eu não tive um pai pra mim, mas, eu tive uma mãe. E era tudo, então, pra mim, a imagem da mãe é forte.

- Como você definiria mãe ?

Mãe é dar educação pro filho, é saber educar. Dar em primeiro lugar, dar o respeito pro filho, pra que o filho possa respeitar ela. Porque uma mãe separada, em primeiro lugar, ela tem que se dar o respeito, para poder educar um filho. Porque se ela não respeitar si mesmo, ela não pode passar uma imagem bonita pro filho dela. Porque o filho dela pode chegar nela e falar que ela faz determinada coisa e porque ele não pode fazer também. Mãe é isso aí.

Mãe é você passar uma imagem bonita. Uma imagem que o filho não possa chegar e alguém dizer que sua mãe é isso ou aquilo. Mas, que tem uma mãe maravilhosa. É isso aí, mãe é o respeito, se você passar pra ele o respeito, ele vai levar isso pra vida inteira. Porque você não pode sair de um casamento e se apegar a um monte de coisas. Tem que, primeiro lugar, dar um alicerce pro seu filho, pra depois você refazer sua vida.

- Como você definiria família ?

Família é uma coisa muito importante, é um alicerce que a gente tem que ter. Uma educação dentro de casa. Você passar pro seu filho, tudo o que você pode de bom. É, vamos supor, é você chegar e almoçar junto, é você jantar junto, é chorar junto, entendeu ? É você dialogar, é você respeitar os seus pais, ele respeitar os avós dele, os tios dele, os primos dele. É você conviver em família. Família, que eu falo, é o irmão, cunhado, primo, vizinho, tio, pai, tudo que é distante. Isso é uma família. Agora, entre eu e meu filho, o que eu posso dizer de família, é o respeito dele comigo e o respeito meu com ele. Não invade, ele tem o espaço dele e eu tenho o meu. Tem certa hora, que a gente, sabe, discute, mas

ele nunca foi agressivo, nunca fez nada. Porque, se ele vai na missa, eu vou junto. Se ele vai num lugar, eu vou buscar, eu vou levar. Ele é adolescente e não quer que eu vou junto. Eu vou levar e vou buscar, só não levo durante o dia, porque trabalho. Mas, ele tem assim, tudo o que uma família possa ter em matéria de felicidade, ele tem. Ele tem o necessário pra ele conviver e comer, amor, ele tem carinho.

- Como você definiria casamento ?

Casamento...Uma coisa que tem que se pensar muito. Hoje em dia, pra você casar, você pode viver um, quatro, cinco anos juntos e eu falar que conheço totalmente a pessoa, isso é mentira. Um casamento, a maior coisa que define um casamento é o diálogo. Se o casal não tiver diálogo, não existe progresso nele, que foi o caso do fracasso do meu, foi isso, não havia diálogo. Diálogo é assim : da minha parte e da parte dele. Se os dois sentarem pra conversar e se entenderem aí tudo bem. Mas, se um não entende, não adianta. Porque isso no casamento é tudo, um diálogo entre duas pessoas. Se tiver o respeito e o diálogo, tudo bem.

- Você acredita que há diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Eu acho que tem, pelo seguinte : os filhos de pais separados, sendo bem criados, eles não dão problema pra sociedade. Agora, os filhos que vivem com os pais e que brigam, eles dão problemas pra sociedade, porque eles transferem

tudo o que vê entre casal pra fora. Ele não vai levar aquela imagem bonita, ele vai levar o quê ? Briga, discussão, falta de tudo, falta de carinho, falta de dinheiro, falta de tudo. Então, é bonito ver um filho, você pode ver, se você for pesquisar a fundo porque tanta violência hoje, é dentro de casa. Porque o pai e a mãe esquece de dar o carinho, ou por briga ou por correr atrás de melhorias pra eles. Então, esquece o essencial, que é o respeito e o carinho com a criança.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Eu acho que todo mundo precisa. Eu preciso, não vou falar pra você que eu não vou fazer. Não fiz até hoje, porque eu acho que... não senti aquela necessidade de fazer uma família novamente, entendeu ? Talvez até por medo de errar novamente, entendeu ? No ponto até que você tá sozinha, você sabe que você tá... Então, agora que o meu meninão tá grande, então eu já posso pensar. Porque, graças a Deus, ele já tá encaminhado. Então, eu posso hoje, pensar em refazer a minha vida.

- Se você pudesse dar uma mensagem a um casal que está se separando, o que você diria ?

A coisa que eu falaria pra qualquer pessoa que tivesse hoje se separando, que respeitasse a família, que fizesse dos seus filhos, homens e mulheres pro futuro. Não fazer, sabe, coisa errada, dar o maior espelho e uma transparência melhor possível, pra que eles sejam no futuro, homens de verdade, sabe. Sem violência, drogas, sem nada. Porque a família de pais separados, o que mais

conta é a mãe, a mãe sendo o espelho, o pai pode até não prestar, mas a mãe sendo o espelho, uma transparência, o filho vai dar fruto bom.

Entrevista com pais - Alice

- Como era o relacionamento entre vocês antes da separação ?

Antes era muito difícil, sabe. O meu ex-marido era muito nervoso, muito... ele falava, me desrespeitava com palavras, né. E meu filho viu muita briga entre a gente. Ele presenciou muito, às vezes, passeando de domingo a tarde de carro. Se ele tinha muito ciúmes, ele virava e me xingava, mesmo na frente do menino. E aí, se ele falasse alguma coisa ou eu falasse alguma coisa, ele falava que era pro menino ver a mãe que ele tinha, sabe, coisas assim. E eu não tava acostumada com isso, porque mesmo a família dele, sabe, eles não são disso. O pai dele, a mãe dele, até hoje tenho amizade com a mãe dele, adoro a mãe dele, a irmã. E ele, era dele já esse nervoso, sabe, gostava de xingar, sabe, então... Ele já era nervoso desde pequeno, a mãe dele fala que ele é nervoso. Então, eu não sofri com a separação, nada, porque desde quando eu casei, desde os seis meses que já tava casada, eu tava grávida, eu já passava nervoso, grávida, sabe. Muitas vezes, eu fiquei chorando, já foi aquela decepção. De repente, eu me vejo casada, e não era nada disso que eu queria, nada disso que eu esperava pra mim, né. Aquele jeito grosso, distante, jeito diferente, não era o que eu queria, sabe.

- Como você reagiu a separação ?

Eu praticamente fui me preparando, sabe. Eu sempre, assim, desde o comezinho de casada, a minha mãe falava que eu não tinha amor nas minhas

coisas. Mas, era uma forma de, por exemplo, tudo que minha mãe gostava lá de casa, eu falava pra ela levar pra ela. No fundo, eu já sabia que, aqui no meu inconsciente, eu sabia no fundo que eu não iria ficar casada com ele. Porque não era aquilo que eu queria, sabe. Se no começo já é assim, jamais vai mudar. Eu não me sentia completa, então fui me preparando aos poucos. Não assim: eu vou largar tal dia, não era assim, mas preparando. Lógico que eu gostava dele, eu tinha medo de sentir falta. Então, não era assim friamente: "Eu vou largar dele !", não era assim. Mas, eu já sabia que o caminho não era aquele. Sabe, eu via gente que tava casada a um tempão e não tinha aquele tipo de tratamento. A gente não tinha amizade. Eu, se chegasse com algum problema, eu trabalhava de dia, ou da faculdade, alguma coisa, ele ia dormir na sala se eu estivesse chorando, porque ele falava que não queria problema. Então, um moço novo desse jeito, assim, que futuro vai ter um casamento desse ? É uma vida que eu não queria. Ele dependia muito dos pais. Uma vez, eu cheguei a ganhar um terreno, pois ele não foi assinar os papéis, ele não quis. Porque ele falou que queria morar lá, com os pais primeiro, pra ter condições. Ele já colocou obstáculo, que não ia ter condições de construir, não sei o quê, não é assim, um casal tem que tentar. Ele queria morar lá com meu sogro, se seu quisesse, construiria do lado do meu sogro. Então, era muito dependente dos pais, sabe. Ele deixava o dinheiro com minha sogra pra fazer compra, sabe, muito meninão, sabe. Então, eu não sofri com a separação.

Até que eu trabalhava com meu pai, no último ano que eu fiquei casada, eu trabalhava com meu pai. Então, eu chegava e contava tudo pro meu pai. Falava

que não era possível, será que eu estava tão errada. Será que eu estava vendo obstáculo demais ou era normal ? Meu pai falava que não , que eu tinha razão. Mas, meu pai achava que eu ia sofrer se eu me separasse, em relação a sociedade. Meu pai é muito conservador. Meu pai falava que eu ia sofrer, que ele ia levar vantagem, que os homens tinham preconceito. Eu falava que não importava, que eu não tava feliz. E eu tava fazendo faculdade, eu tinha matéria Sociologia, então, eu aprendi muito, que não importa o que a sociedade acha que deva ser. Porque isso aí foi imposto de certa forma, a gente nasceu, já tava aí tudo pronto. ninguém perguntou se era assim. Então, eu pensava de que adianta a sociedade me reprimir, o que importa é minha consciência, eu não tô feliz e não vou ficar me anulando desse jeito, né.

A gente nem se beijava, nada. Só quando...sabe. você já viu homem, é aquela coisa, quando quer aquilo, é muito carinhoso. Mas, não tinha amizade. Eu não me sinto casada com ele. Até hoje, eu não assinava o nome dele, não tinha vontade de assinar, era como se eu colocasse o nome dele e não tinha nada a ver. Era só dele, eu não tinha nada com ele, e estava casada. Por isso que eu não sofri quando me separei.

- Como seu filho reagiu a separação ?

Ele, lógico, estranhava. Chegava lá, na minha casa, ele ficava me esperando. Porque eu dava muita atenção, sou muito calma com ele. Não sou daquela bitolada, que levanta cuidando da casa e depois do filho. Eu levantava, dava atenção pra ele, até ele ir na escola. Então, a gente jogava videogame,

assistia televisão. Então, ele sentava na sala de manhã, quando me separei, que a casa era da minha sogra, e perguntava onde eu estava, se eu não ia para casa. Então, ele sofreu perguntou, muitas vezes, porque eu não ia mais morar lá, com o pai dele. Porque eu não ia mais dormir lá. Porque eu queria ficar na casa da vó, da minha mãe, que ele preferia ficar na casa da outra vó, porque a casa dele era lá, né. Ele queria ficar lá, não queria subir pra ficar comigo, queria lá.

O meu ex-marido sofreu também. O homem, eu acho que sofre mais. Não sei se foi porque ele ficou na casa, e ele queria continuar. Ele falava pro meu pai que ia mudar, que não ia mais fazer isso. Ele sempre foi muito estúpido pra mim, até duas vezes numa briga, ele veio pra me bater, sabe, virar um tapa. Prometeu não fazer mais por medo do meu pai, porque se eu não tivesse meu pai assim, ou que colocasse medo nele, teria que... Não tinha mais futuro, não adiantava, sabe. Não tem acordo. E ninguém acreditava, sabe. Alguns casais viam que ele tava sempre bêbado. Mas, as pessoas vieram depois falar pra minha mãe que viam, em bailes, que ele tava sempre bêbado, caído. Mas, as pessoas não sabem, pensam que é assim, eu fui saindo, que não pensei no meu filho. Ninguém sabe o que ele viu, o que ele fala, que ele é agressivo igualzinho o pai dele. Tem um lado dele, muito agressivo; ele é carinhoso, tem o meu jeitinho, meu lado carinhoso, mas tem também um lado muito agressivo. Nossa, precisa ver como que ele é, o que o pai dele falava, igualzinho, até o jeito de olhar, faz igual. Quer dizer, que ele guardou aquilo, os nomes, sabe, ele fala certinho. E ele lembra o que o pai dele falava. Uma vez, ele comentou na mesa, na frente da vó dele. Ele tinha 4 anos, eu não tinha me separado ainda, ele perguntou pra ela, o que era biscate.

Aí a vó dele ficou vermelha, porque eles não são disso, o pai dele é demais. Eu contava pra ela, só que ela não acreditava. Ela falava assim, se eu ouvia aquilo, porque talvez eu merecia. Ela falava que o filho dela nunca tinha falado aquilo, então se ele falava... Querendo dizer que eu merecia, que eu também provocava ele. Aí nesse dia, na mesa, ela perguntou onde o menino tinha ouvido isto e ele respondeu que o pai dele sempre falava pra mim. Meu marido não media as palavras, sempre falava na frente do menino. O que ele tinha de falar, ele falava. Uma vez, o menino mexeu no alto falante, na parte de trás do carro e afundou aquela telinha. Meu marido só pensava nisso, em carro, em cd, nesses negócios. Então, o menino afundou a telinha, ele era pequenininho. O meu marido desceu do carro, que ele parou na avenida e bateu a porta com tudo, bravo, xingando eu e o menino. Até estourou o vidro com a pancada, deu pressão. Você acredita que o menino viu tudo aquilo lá, estourou os vidros, ele brigando, xingando por causa de um negócio de alto falante ? Ele é muito nervoso, sabe. Eu tava assim, tinha emagrecido dez quilos quando tava casada. Ele era hipertenso também, não sei se isso tem a ver ou não. Ele era hipertenso, tomava remédio. Novinho de tudo, você vê tem 25 anos, agora.

Ele chegava de baile, de outros lugares, eu me trancava no banheiro e só chorava até de madrugada. Muitas vezes, até passava coisas ruins na minha cabeça, sabe.

Quando eu engravidei, tinha 16 anos, não trabalhava, só estudava. Aquela coisa, o pai queria fazer tudo, ia na esquina, queria levar, ia não sei onde, ia levar, não sei o quê, ia levar. Aquela coisa muito, não deixava tomar atitude. Com

15 anos, eu queria trabalhar, meu pai não deixava porque não precisava. Minha mãe não mandava lavar minha roupa ou arrumar minha cama, pra aprender. Eu sei que ela não fez isso por mal, mas eu queria ter noção porque você não sabe até quando vai ter pai e mãe, não é verdade ? E eu não tinha experiência nenhuma, nenhuma. Nem tava pensando nisso, tava no 2o. magistério, não tinha noção nenhuma de nada. Aquela cabecinha de minhoca, de adolescente ! Mas, muitas vezes, eu pensei várias vezes, quando me trancava, porque eu não morria, porque estava passando por isso.

- Como é a relação entre vocês hoje, após a separação ?

Melhorou. Eu acho que melhorou um pouco só. Ele começou a ficar com ciúmes das minhas amizades. Olha, tem domingo, que é o dia que ele não trabalha, o dia todo tá em casa. Mas, ele tá sempre lá embaixo, na avenida. Não tô julgando ele, não tenho raiva dele, tenho carinho. Não é assim, sabe. Não vou ficar criticando, é a cabeça dele, eu entendo o que cada um faz. Ele trabalha a semana toda, às vezes, ele quer se distrair. Ele não é do tipo assim, eu vejo ele andando de lancha com os amigos, lá embaixo com os amigos e a namorada. Mas, ele não é assim, de muita conversa, ele fala que não sabe ser assim. Comigo também, eu cobrava muito, que ele não era carinhoso, não era amigo, sabe, não tinha diálogo entre a gente. Ele respondia que era o jeito dele, que ele não sabia ser de outro jeito, era o jeito fechadão dele. Ele ia na casa da minha mãe, com o meu pai, que acho que era interesse dele, ele gostava. Era fechadão, não tinha assunto, sabe. Comigo, não me criticava muito, não me ouvia. Eu tava

falando num grupo de amigos, o que eu falava era sempre besteira. Ele não me ouvia, ou então, tirava sarro, não tinha... E com nosso filho, ele é desse jeito. É assim, por exemplo, eu percebi que em outras coisas, ele quer agradar, que nem ele tá montando um kart pro menino. Então, esse assunto que ele gosta, que é parte de mecânica, essas coisas. Então, lá ele fica com nosso filho, entrosadinho, de uma forma indireta, né. Ele até quer ser, coitado, mas é esse jeito só dele, que ele sabe ser. Mas, ele mudou em relação ao menino, acho, alguma coisa. Às vezes, ele liga pra recomendar que o menino tá com gripe, que não é pra sair com ele a noite, pra tomar cuidado com ele. Ele mudou um pouco, um pouquinho assim.

Eu conversei com ele também, porque, às vezes, ele ia na minha casa levar nosso filho e enchia os olhos de lágrimas, muitas vezes, começava a chorar. Falava que a vida dele não tinha sentido, que qualquer hora ia fazer uma besteira. Muitas pessoas chegaram a falar pra mim que ele falava isso. Aí, eu liguei pra mãe dele, conversei com ela, pra procurar ter diálogo com ele. Ela falou a mesma coisa que eu falava, que ninguém podia falar nada, que ele falava alto, gritava, batia porta, não tinha como chegar nele. Ela também não conseguiu conversar com ele, até a irmã dele tentou. Eu falei que ele vinha trazer nosso filho e chorava, que ia fazer uma besteira. Eu falava pra ele, que ele era novo, tinha um filho saudável, que era a cara dele e até com seu jeitinho, se ele não tinha orgulho de ver o filho. Falava pra ele que sempre que fosse pensar uma besteira, pra ele pensar no filho, será que ele não ia sofrer ? Que ele era um pessoa importante pro menino, que gostava dele, falava com orgulho do pai dele. Então,

que quando ele fosse pensar alguma besteira, pra procurar se cuidar, pro dia de amanhã, ele é jovem. Pro dia de amanhã, ele poder sair com o filho, praticar algum esporte, orientar, ter amizade com seu filho. Pra ele pensar no nosso filho, pra ter orgulho dele. Então, ele tá mais assim com o filho, sabe.

Eu procuro também, que nem essa semana, ele ligou e eu falei que o menino tava o jeitinho dele. É que eu fui na casa dele, esses dias, né, conversar com a mãe dele e meu filho foi mostra o kart, que o pai dele tá montando. Então, eu contei pra ele, que o menino tava todo orgulhoso com o kart, pra incentivar ele, né. Pra ele ver que o que ele faz, tem retorno. Porque eu não tenho raiva como homem, essas coisas, eu vejo ele como um molecão, sabe, o jeitão assim. Antes, não, né. Mas, agora eu vejo assim, é aquela coisa como se fosse...é um molecão ! Eu procuro falar e ele fica todo orgulhoso que eu falei isso ou aquilo. Contei que nosso filho tá contente com o kart. Ele falou que tava mexendo e o menino ficou do seu lado, e que não vê a hora de terminar de montar. Então, eu percebo que ele quer assim, sabe. Então, é o jeito da pessoa, né, não tem como.

-Como você definiria pai ?

Pai, eu acho que é de...Pai ? Eu acho, que na verdade, pra ele é barra, mas o pai tem sempre que segurar a barra. O pai é aquela coisa, se você olhar por seu pai e ver ele de cabeça baixa, aí todo mundo desaba, né. Não que eu acho que deva ser assim, porque é uma pessoa que tem sentimentos também. Mas, geralmente você olha pro pai, se o pai tá de cabeça baixa, você sente que, nossa, se o meu pai tá desanimado, então o negócio é sério, né. E também tem

que ter diálogo. O meu pai não é de ficar muito nervoso. Eu mesmo sempre tive mais amizade com o meu pai em tudo, contando sobre namoro. Acho que o pai tem que ter amizade, não tem aquele negócio. Eu acho que hoje em dia, não tem mais essa de querer ser autoritário, que não vai levar a nada, sabe. Acho que tem que procurar não ficar impondo as coisas, procurar saber no diálogo orientar. E acho também, não ser muito democrático nessas coisas, que aí leva muito também a muita liberdade. Tem que ser assim, com limites, né. Vamos ver, democrático mas com limites, colocar horário, porque eu acho que o adolescente, a criança, eles pedem os limites. Por mais que falem que não querem, eles querem. O que não tem limites, eles pensam que podem fazer o que quer, porque a mãe não liga pra eles, aí que vão e fazem o que querem. A meninada fala que faz isso, que fuma, que sai com todo mundo e o pai nem pergunta a hora que ele chega, que eles não estão nem aí com eles. Aí eles se sentem excluídos. Então, eu acho que ao mesmo tempo que, tem diálogo, tem amizade, tem conversa, né, tem que colocar limites, orientar.

Meu pai falou, outro dia, pra mim que eu tinha de tomar cuidado, porque já fui casada, as pessoas falam, era pro meu bem mesmo, eu já tenho um filho. E não veio me criticando, que eu já fui casada e se acontecesse alguma coisa, eu ia ficar ali. Então, de certa forma, a gente tem que tomar cuidado também, não é verdade, com o seu comportamento ? Porque já pensou, chegar pro meu filho, na escola, e dizerem que sou isso, que eu fiz aquilo ? Vamos falar a verdade, é feio. Então, eu acho que tem que ter, o pai colocar limites e amizade também. Não só autoritarismo quanto a horário de sair, chegar, não vai levar a nada. O meu pai ia

me levar e me buscar nos lugares, e eu não engravidei ? Comecei a namorar, minha amiga falava que tinha relação com o namorado dela. Eu pensei que era normal, então. Tudo bem que tinha aquela cabecinha assim, errada, né. Mas fui tentar falar com minha mãe. Falei pra ela que se ela soubesse que eu tava tendo alguma coisa com meu namorado, um contato mais íntimo, o que ela faria. Ela virou e falou pra mim, que confiava em mim, que sabia que eu não tava, por isso nunca tinha perguntado. Ah, eu perguntei porque ele nunca tinha perguntado, né. Porque eu tava pensando em...Eu era virgem, tal, não sei o quê. As minhas amigas também não eram mais virgens, tavam namorando e perdendo a virgindade. Pra mim, era normal, não é verdade ? Tá namorando, fazia tempo que tava namorando. E eu fui falar com ela, e ela me falou que não perguntava porque confiava em mim e sabia que eu não tava fazendo, entendeu. Não é assim, né. Coitada ! Ela ficou sem ação, né. Mas, eu acho que tem que conversar.

- Como você definiria mãe ?

A mãe, eu acho que ela tem que... Eu acho que a mãe é aquela que tem que dar mais na parte, assim, conversar também, né, diálogo e ajudar na auto-estima do filho. Se a mãe é que tá lá o dia inteiro, junto com o filho, a mãe que tem o contato mais assim. Não assim, de deixar a criança fazer o que quer. Deixar a criança se virar sozinha, sabe. E, não tem o que falar da mãe assim, eu acho que é isso.

Sabe, o que é duro ? É porque com a minha mãe, eu não tive isso. Minha mãe era muito de criticar, criticar, sabe. Se alguém ia lá em casa, falar da filha,

ela já comparava comigo. Minha mãe era muito assim, orgulhosa, sabe. Então, eu não sei falar de mãe, porque minha mãe foi muito orgulhosa, muito orgulhosa mesmo. Sempre o filho dos outros que era o melhor, que não sei o quê. Sempre de criticar muito, muito. Você tá falando com ela, ela vira e fala pra falar baixo, que não sei o quê. Muito crítica até hoje. Sabe, muita crítica, minha auto-estima assim...Tenho que trabalhar muito nesse sentido ainda. Porque é muita crítica, muito. Até meu irmão também, meu irmão tem 16 anos e com ele é a mesma coisa. Ele senta comer, ela já fala pra ele comer direito, comer de um jeito. Ontem, ele foi contar de uma nota dele lá, não, que as meninas elogiaram ele na classe. Fizeram uma votação, e ele é molecão, tadinho, criação de tudo, 16 anos, mas...Ele falou que tinha ficado em 3º lugar pra minha mãe. Ela já contestou que era porque elas não tinham visto ele em casa, no computador largado, mexendo com a cachorra, têtê...Sabe o que ele falou ? Pra ela parar, chega, que ele ia pro escritório e saiu. Quer dizer, ele veio todo contente, contando e isso daí...é o jeito dela, né. E ela tem cuidado comigo, quando eu casei, ela fez tudo pra mim. Ela ficou com dó, ia lá em casa e contratou uma menina pra limpar minha casa. Ela pagava empregada, sabe, até a comida ela levava. Não é que ela não é uma boa mãe, coitada, mas é muito orgulhosa, mesmo. Ela não elogia de forma alguma, jamais. Ela é assim. Então, eu acho que a mãe tem que tomar muito cuidado com isso. Muito carinho, orientar muito, hoje em dia, através da amizade.

Ontem, meu filho saiu da escola e ficava com a mão na boca, com as unhas tudo suja na boca. A minha irmã já esbravejou pra ele tirar a mão da boca, que ele era porco. A minha mãe ameaçou de dar um tapa nele. Aí, ele não tirou,

ela virou pra dar e eu não deixei. Aí , eu falei pra ele o que ele achava da hora que a gente chegasse em casa, inventar uma brincadeira, um brinquedo. Aí, na hora ele tirou a mão da boca e começou a perguntar dos seus brinquedos, do cd. Sabe, não precisou fazer tudo aquilo. Então, a mãe tem que tomar muito cuidado com isso também. Não é assim, também. Eu percebo que com meu filho não adianta fazer nada pela violência, viu. Não adianta, ainda mais que eu acho que ele é muito nervosinho, e não adianta. Eu tô pedindo uma coisa, se eu distrair e conversar, que nem tomar banho, ele não quer ir, não adianta eu tirar o chinelo e ameaçar de bater se ele não for. Eu já fiz, não vou falar pra você que eu não fiz, eu perco a paciência também, às vezes. Aí, ele me xinga daqueles nomes, bem, tá super difícil de lidar com isso, sabe. Fala aqueles nomes "bonitos" lá dele, vira e começa querer xingar, nervosinho. Acabou aquela criança dócil, que alguns minutos ele era. Aí, eu viro e invento alguma coisa, por exemplo, quem é o Ayrton Sena e chega primeiro no banheiro. Eu ameaço que vou chegar primeiro. Pronto, em um minuto, ele levanta e vai. Pra fazer xixi a noite, oriento pra ir fazer xixi e não fazer na cama. Aí, eu invento que quem faz xixi em mais tempo, aí ele senta lá e começa a contar, um, dois, três. Aí , faz o xixi, vai lá e deita. Pra escovar os dentes, oriento pra escovar os dentes pra eles nascerem saudáveis, senão vai ficar banguelo, não vai nascer de novo, ele não quer. Aí, eu duvido que ele saiba fazer isso sozinho, ou quem escova melhor os dentes. Eu pego uma escova também e é assim que eu consigo as coisas com ele. Ele é assim, ele me agrada o dia inteiro, ele tá do meu lado, é sentado do meu lado, me abraçando. Ele não gosta que eu beije ele, eu posso abraçar, ele não gosta de beijo. Mas, ele é muito



carinhoso comigo. Ele é diferente do pai dele já nisso. Sabe, ele fala que me ama o dia inteiro, se eu tô com dor, ele fica preocupado, ele é muito carinhoso. Eu sei como chegar nele, só se eu perder muito a paciência e não quiser, mas eu sei como chegar. Eu não gosto de bater nele, ele me olha de um jeito que nem adulto. É duro, viu. Sabe, ele não que nem uma criança que vira e chora, faz graça ou birra. Ele me olha que nem adulto. Se você falar alto com ele na frente dos outros, ele faz um jeito assim, um olhar assim, que nem adulto, ele faz. Eu não sei, não é que nem uma criança, por isso que eu não gosto muito de ir por esse lado. Você percebe que ele chora sentido, magoado com você, se você fizer ele passar vergonha na frente de alguém, ele fica magoado. Eu tenho medo de ir pelo lado de bater, da violência, procuro não ir por esse lado porque ele sente muito. Amadurece, né. Tudo o que ele viu, né. Tudo que ele presenciou. Ele nem gosta muito, eu acho, de nervosinho, essas coisas, ele não gosta.

- Como você definiria família ?

A família, pra mim, é assim, ó...Na verdade, não é o que eu vivi... É o pai, a mãe. A mãe que tenha muito diálogo, que converse, que procure valorizar o que a criança faz ou então, não só criticar, sabe. Nossa, meu pai agrada demais, a minha mãe já é mais de criticar, sabe. Família, minha família mesmo, não é...Também acho que ninguém tem aquela família que pode considerar ideal, né. Eu não tinha, minha mãe era muito fechadona. Porque o pai dela também era, entendeu. Na rua, o meu vô tava rindo, mas em casa, tava de mau humor com os filhos, qualquer coisa queria bater, dar uns tapas, xingar, não sei o quê. Ainda

mais italiano, que dá mais atenção pros homens, filhos homens. Então, família é assim. É, eu sou muito caseira, família é assim : todo mundo reunido em casa. Vamos supor, eu penso em casar de novo. Então eu vejo assim: aquela casa nada grande, aconchegante, assistindo televisão na sala, tendo diálogo um com o outro, amizade, meu filho também, eu ouvindo ele. Pra mim, família, eu vejo assim, com amizade, sem críticas, sem ficar de cara virada com o outro, sem nervosismo, com atenção, ouvir o outro, sentar pra conversar. Falar dos planos, de pagamento das contas, do que vai dar pra fazer, sem brigar, sem ficar humilhando, com diálogo e paciência, principalmente.

- Como você definiria casamento ?

Casamento, eu acho que não é só no papel, sabe. Ah, casar, vai lá e assina um papel. Aliás, papel, numa hora dessa pra mim, não vale nada. Eu pensei comigo : "Puxa, eu casei, todo mundo foi no meu casamento, meu pai, mudou minha vida ! ". Meu pai deu até um terreno, na época, pra ajudar a gente, porque meu marido ganhava , acho na época, uns duzentos reais. Ele trabalhava de mecânico, na oficina do pai dele. Não tinha estrutura nenhuma, eu tava estudando, então...Eu acho assim, não é só isso, sabe. No casamento, você tem que ter muita paciência, porque uma pessoa, numa família, um irmão é diferente do outro. Então, você imagina, ele foi criado numa família, numa educação, eu de outra forma. Então, você tem que, às vezes, abrir mão, mas não se anular o resto da vida. Então, precisa ser irmão pra ficar casado ? Não é assim, pra não brigar. Procurar colocar, conversar o que está magoando.



Você sabe que, às vezes, tem casamento, vamos falar a verdade, que a pessoa tá casada faz trinta anos. Às vezes, vamos dizer assim, acabou aquela chama daquele amor, mas se tiver amizade, não larga. Porque a pessoa acostuma. Então, acho que é muito importante o respeito. Eu acho que violência, você não tem só quando tem tapa, violência é quando você critica uma coisa que a pessoa vai fazer, quando você começa a desmerecer a profissão, desmerecer o que ela vai fazer, não dá importância. Com palavras, nomes, até palavras pesadas ou não, porque isso também é uma violência no casal. Quando você já começa não respeitar, não ouvir, eu acho que daí atrapalha tudo.

- Você acredita que há diferença entre crianças, filhos de pais separados e crianças, filhos de pais que moram juntos ?

Você sabe que, às vezes, eu penso que é melhor pra criança ter o pai e a mãe junto, que é diferente, né. Mas, depende também de como é esse casal. Porque e se a criança mora com o pai e a mãe juntos, ele não estão separados, mas a mãe vive brigando com o pai, dorme em quarto separado, entendeu ? Não dá atenção pros filhos, estão sempre nervosos, entendeu. Mas eu acho que na verdade, tem diferença sim. Acho que a criança que mora com os pais separados, ela amadurece um pouco mais, fica mais madura em ter que lidar com aquilo. Eu percebo que a criança fica triste, sofre um pouco. Você já pensou a gente ? Já pensou se a gente, com essa idade, maior, se nós não vamos sofrer se nossos pais se separassem ? Eu não consigo imaginar, por mais que, às vezes, eu vejo que eles estão em crise. Eu acho estranho, porque a gente vê o pai e a mãe como

super-heróis quando criança. Depois, a gente começa a crescer. Às vezes, meu pai tem alguma atitude assim, de que por exemplo, eu não concordo ou acho certo. Às vezes, eu começo a ver que minha mãe tem razão em algumas coisas que ela fala. Meu pai chega, às vezes, fica só no computador, sabe. Fica lá sossegadão, só assistindo televisão, não convida ela pra sair. Então, eu começo a ver que não é só a mãe que reclama, tá errada. Eu falo pro meu pai, que ela fica em casa o dia inteiro, sozinha. Coitada, antes ela trabalhava, depois, ela não trabalhou mais. Ela é muito dinâmica, então, ela deveria fazer alguma coisa. Então, ela fica em casa o dia inteiro, cuidando da casa, cuidando de filhos. E depois, o meu pai chega, vai no computador, vai não sei aonde. Então, você começa a ver que os pais também tem defeito, não é só assim, que eles tem que ser perfeito, bonzinhos. Você começa a ver os defeitos, não é aquela coisa de super-herói.

Então, eu acho que tem diferença entre esses filhos. Não sempre, não necessariamente. Como eu te falei, pode ter casos de separar e ser feliz. Quando eu estava casada, estava no carro e começava a querer discutir, meu filho já falava pra parar, que ele não agüentava mais. Uma vez, ele começou a chorar, chorou até de madrugada porque o pai dele tinha brigado. E eu comecei a discutir também, eu também já estava passada. Não vou dizer pra você, que eu era uma santa, de ficar quieta, ouvindo, não. Também já fui perdendo a paciência de ficar fora de mim, sabe. Aí, meu marido foi dormir no tapete da sala, gritava. Meu filho sentou na cama e chorava, mas chorava. Você acha, ele já viu tudo, né? Então, que adiantava eu tá casada e ficar vendo isso. Agora, se é uma relação legal, né,

eu acho que aí é diferente, sim. Mas, que é mais mimadão, é. A criança, que é de pais separados, já sabe mais encarar as coisas, eu acho. Já sabe ver os problemas, eu acho que amadurece mais. Sabe ver o outro lado que, de repente, nem tudo é perfeito.

- Na sua opinião, os pais podem se casar novamente ?

Eu acredito que sim. Como eu te falei, esse negócio de casamento, de papel, é a sociedade que criou. É legal que tenha isso, porque pensou seria uma bagunça, não ? Cada um por si, que já tá virando, que já tá acabando também. Então, eu acho legal, sim. Agora, que nem eu fui casada, eu não me sentia casada. Fala a verdade, essa vida que eu tinha. Olha, eu trabalhava o dia inteiro e a noite, estudava. Ele também trabalhava, eu não ficava com ele sempre, de vez em quando. Ah, mulher só pra... você entende, né? É casamento isso ? Não tem respeito, respeito nenhum. Qualquer coisa, ele erguia a mão pra mim. Eu ficava abismada, chorava até de madrugada, porque eu não me conformava com isso, sabe. Eu nunca tive isso na minha casa, falta de respeito entre meu pai e minha mãe, jamais. Eles podiam até ter os problemas da minha mãe ser muito nervosa, ficar brigando com meu pai. Mas, nunca teve nome feio, nunca, até hoje. Eu tenho 23 anos e eles tem 24 anos de casado, nunca meu pai ergueu a mão, nunca meu pai ameaçou de bater e nunca teve desrespeito. Então, eu acho que não é um só casamento. Eu acho que meu filho, um dia vai querer casar, se um dia ele casa e descasa, eu vou ver ele casado de novo. Eu vou querer ver ele bem. Então, eu acho que eu tenho que pensar nele, mas pensar daqui uns anos,

eu não quero culpar ele. Que eu não casei por causa do meu filho, não coloquei outro pai pra ele, entendeu? Não é assim, né. Tem uma senhora, ela nunca casou de novo pra não colocar homem, a cabeça dela é diferente, porque ela nunca casou, quando o marido dela morreu. Ela tinha os filhos pequenos, tinha que lavar roupa pra fora, fazer um monte de coisas, trabalhar pra cuidar dos filhos. E nunca casou pra não colocar homem estranho dentro de casa, pra não bater em seus filhos. Vai ela colocar um estranho, que não é pai deles, pra viver com eles ? Então, foi pelos filhos que ela não casou. Hoje, a filha dela só fez ela passar nervoso, é uma desajuizada, sabe. Só fez ela passar nervoso, não pensa nela de forma alguma. Essa senhora não enxerga direito e mora sozinha. A filha tá morando em outra casa, pagando aluguel. Custava ir morar com a mãe, que tá idosa, pensou nela a vida toda, trabalhou pra manter a filha, pra poder andar na linha, estudar, para agora, fazer isso com a mãe ? Então, a filha tá pensando na mãe ? Ela não tá pensando na mãe e a mãe pensou nela. Então, por isso que a gente não tem que abrir mão das coisas. Se eu achar que quero casar um dia, que vai ser legal pro meu filho, que vai ser bem pensado. Eu não vou pensar duas vezes, eu vou. E eu fiquei caseira, também. Eu não tenho vontade de ficar solteira, paquerando. Eu não sou de ter vontade de ficar saindo com um ou com outros, por sair. Eu me apeguei àquela pessoa, não sei ter aquela vida. E eu já fui casada e sou daquela de querer ter minha casinha, sabe. Não digo, não sair, porque eu gosto de passear, ir na pizzeria. Então, eu sou bem caseira. Um filminho em casa, o marido lá do lado, assistindo televisão, eu gosto também disso.

- Se você pudesse dar uma mensagem a um casal que está se separando, o que você diria ?

Eu iria dizer, se pensou bem, se é aquilo mesmo. Porque, mesmo que eu me preparei, eu não acho que qualquer problema, necessariamente, tenha que se separar. Então, eu ia dizer pra pensar bem, se é isso mesmo. Agora, se os dois estão se anulando, não podem nem se olhar mais, não tem amor, aí é a melhor solução. Mas, não vamos dizer assim qualquer obstáculo, porque senão , como que ia fazer nossos pais, que estão juntos até hoje ? Eu acho que os obstáculos também são para aperfeiçoar o casamento, o casal tem que crescer junto com os problemas, não é verdade ? Então, surge a primeira dificuldade, aí então, vai largar e ir cada um pro seu lado, porque tem conta pra pagar, os filhos estão sem educação, não sei o quê, tem problemas, eu não quero mais ficar dentro de casa, então vou largar. Não é assim, eu acho. Você tem que analisar quais são os motivos, se são mesmo para isso. Ou tenta passar por isso, porque cada vez que você passa por um problema junto, eu acho que engrandece mais. Eu acho até que você passa amar mais a pessoa, passar pelo problema juntos, um do lado do outro, né. Não é assim, por qualquer motivo, eu acho. Porque, se você põe filho no mundo, depois viras as costas assim, né. Eu vejo no olhar do meu filho, ele amadureceu muito, sabe. O olhar dele me diz tudo, ele não precisa dizer nada. Do jeitinho que ele olha assim, eu percebo, o que ele pergunta. Outro dia, ele perguntou porque o pai dele tava dormindo sozinho, lá embaixo, porque eu não quis mais morar lá , que minhas coisas estavam lá, que ele tinha visto algo meu

lá. Sabe, ele fala assim. Agora, eu fui buscar o resto das coisas, mas tem bastante coisa ainda. Faz um tempo que eu me separei, mas eu não consegui entrar lá em casa. Eu não consegui buscar as minhas coisas. Aí, como teve a separação no papel, a mãe dele vai mudar de casa, reformar lá, ela falou pra mim ir buscar minhas coisas. Eu não conseguia, minha mãe foi comigo, porque se eu entrasse sozinha, eu não sei, sabe. É estranho pra mim entrar na casa. Nada com ele, nada de saudade, eu não senti nenhum segundo. Quando eu fui pegar as coisas, eu fiquei sonhando em cada coisa que peguei. Peguei um monte de coisas, meus jogos. Aí eu cheguei em casa, lavei um por um. Não é que eu sou materialista, eu não sou materialista, mas eu não sei explicar. Tem valor aquilo, não é tudo aquilo lá. Lavei um por um, encaixotei com guardanapinho as coisas de cristal. Peguei um monte de coisa, sabe. e guardei tudo encaixotadinho, com carinho, um xodó que eu tenho. Até hoje eu vejo catálogo, eu compro coisas pra casa ainda. Vou lá guardo junto com as minhas coisas. Não deixei de ter esse sonho de ter meu canto, meu sonho. Eu não fiquei perdida. Agora, eu não sei se vou casar no papel, não sei. Então, isso aí tá me deixando um pouco, eu tenho medo sim, sabe. Eu quero, mas eu também tenho medo, não vou dizer que eu não tenho mais medo. Medo agora, porque já pensou se pela segunda vez, não dá certo, né ? Mas, eu tenho medo sim. Casamento você não pode deixar virar rotina, viu. Cada um tem que ter seu espaço pra fazer nossas coisas, cuidar da gente.



IX - Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Guilherme. Meus Versos Mais Queridos. Rio de Janeiro : Ediouro, 1980 (Coleção Prestígio)

BERTHOUD, C. M. E.; BROMBERG, M.P.F.; BORREGO, M.R.M.C. Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivos. São Paulo : Cabral Ed., 1997

BLEGER, José. Temas em Psicologia : entrevistas e grupos. São Paulo : Martins Fontes, 1998 (Coleção Psicologia e Pedagogia)

BOWLBY, John. Formação e Rompimento de laços afetivos. São Paulo : Martins Fontes, 1997, 3a. ed. (Coleção Psicologia e Pedagogia)

BRANDÃO, Carlos R. Identidade e Etnia : Construção da Pessoa e Resistência Cultural. São Paulo : Editora Brasiliense, 1986

BROMBERG, M.H.P.F. A Psicoterapia em situações de perda e luto. São Paulo : Editorial Psy II, 1994

CASTILHO, Tai.(org.). Temas em Terapia Familiar. São Paulo : Plexus Editora, 1994

CERVENY, Geneide M.O. A Família como modelo : Reconstruindo a patologia. São Paulo : Editorial Psy, 1994

CIAMPA, Antonio C. Identidade In PSICOLOGIA SOCIAL : O Homem em Movimento. São Paulo : Editora Brasiliense, 1991

COSTA, A.O.C; BRUSCHINI, C. Uma questão de Gênero. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos; São Paulo : Fundação Carlos Chagas, 1992

CUSCHNIR, Luiz. Masculino, como ele se vê ; Feminina, como o homem vê a mulher. São Paulo : Saraiva, 1994, 2a. ed.

D'ALLONES, C.R. O Estudo de Caso : da ilustração à convicção. São Paulo: Artes Médicas, 1989

DOLTO, Françoise. Quando os pais se separam. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1991

_____. Quando surge a criança. Campinas : Papirus, 1997

FEDULLO, Sandra. O Divórcio In TEMAS EM TERAPIA FAMILIAR. São Paulo : Plexus Editora, 1994

FERREIRA, A.B. de H. Novo dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1963

FUCUTA, Sandra. Divórcio : o que você precisa saber para sair inteira e recomeçar a vida sem arranhão. Revista Cláudia, nº 5, Maio, 1997

GARCIA, Hamilcar; ROSA, Ubiratan (coord.). Grande Dicionário Enciclopédico Novo Brasil. São Paulo : Novo Brasil Editora Ltda, 1979

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade : sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo : Editora da UNESP, 1993

GOLDSTEIN, Joseph; FREUD, Anna; SOLNIT, Albert J. No interesse da criança ? São Paulo : Martins Fontes, 1987 (Coleção Psicologia e Pedagogia)

GRANATO, Alice ; DE MARI, Juliana. "Os meus, os seus, os nossos" In REVISTA VEJA, Nº 11, Março, 1999

GROSSI, Esther P.; BORDIN, Jussara.(org.). Paixão de Aprender. Petrópolis, RJ : Vozes, 1992

JERSILD, A.T. Psicologia da Criança. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia, 1971

KASLOW, Florence W. & SCHWARTZ, Lita L. As dinâmicas do divórcio. São Paulo : Editorial Psy, 1995

LAING, R.D. O Eu Dividido. Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 1991, 6a ed.

MAGISTRETTI, F. O mundo afetivo da criança. São Paulo: Ed. Flamboyant, 1963

OYAMA, T; BYDLOWSKI, L. Até que o casamento os separe. Revista Veja, nº 12, Março, 2000

PRADO, Danda. O que é família. São Paulo : Editora Brasiliense, 1989, 11a. ed.

QUEIROZ, Maria I.P. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo : CERU e FFLCH/USP, 1983 (Coleção Textos), 2a. ed.

REIS, José R. T. Família, emoção e ideologia In PSICOLOGIA SOCIAL : O Homem em Movimento. São Paulo : Editora Brasiliense, 1991, 9a. ed.

SEVERINO, Antonio J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 1996

SHINYASHIKI, Roberto. A Carícia Essencial : uma Psicologia do Afeto. São Paulo : Editora Gente, 1985, 1a. ed.

TOCKUS, Rosalind B. Sexualidade nos dias de hoje : o sexo sem preconceitos. São Paulo : Ágora, 1986

VASCONCELOS, Naumi de. Sexo : questão de método. São Paulo : Moderna, 1994

VEIGA, A ; GRANATO, A. O casamento morreu. Viva o casamento. Revista Veja, n ° 32, Agosto, 1999

VIEIRA, Yvone M. Casamento: prisão e crescimento In HOMEM E MULHER : Crises e Conquistas. São Paulo : Melhoramentos, 1987

WHITMONT, Edward C. A busca do símbolo : conceitos básicos de Psicologia Analítica. São Paulo : Editora Cultrix, 1994



